

GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA

**RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UM
ESTUDO COM PAIS-JOVENS**

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2024**

GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA

**RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UM
ESTUDO COM PAIS-JOVENS**

Dissertação apresentado à Universidade Federal de
Viçosa como parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Economia Doméstica para
obtenção do título de *Magister Scientiae*.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a LÍlian Perdigão Caixêta Reis

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2024**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

R572r
2024

Rigueira, Gleisiene Aparecida da Silva, 1988-
Reconfigurando a paternidade na era contemporânea: um
estudo com pais-jovens / Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira.
– Viçosa, MG, 2024.

1 dissertação eletrônica (122 f.): il. (algumas color.).

Inclui anexos.

Inclui apêndice.

Orientador: Lílían Perdigão Caixêta Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Serviço Social, 2024.

Inclui bibliografia.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2024.508>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Paternidade. 2. Pai e filhos. 3. Teoria dos sistemas
ecológicos. 4. Divisão do trabalho por sexo. I. Reis, Lílían
Perdigão Caixêta, 1966-. II. Universidade Federal de Viçosa.
Departamento de Serviço Social. Programa de Pós-Graduação
em Economia Doméstica. III. Título.

CDD 22. ed. 306.8742

GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA

**RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UM
ESTUDO COM PAIS-JOVENS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de
Viçosa como parte das exigências do Programa de
Pós-Graduação em Economia Doméstica para
obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílían Perdigão Caixêta Reis

APROVADA: 27 de junho de 2024.

Assentimento:

Documento assinado digitalmente
 GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA
Data: 17/08/2024 10:07:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira
Autora

Documento assinado digitalmente
 LILIAN PERDIGAO CAIXETA REIS
Data: 19/08/2024 08:19:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lilian Perdigão Caixêta Reis
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao mestre Jesus a dádiva da vida abundante, por sempre acreditar em mim e realizar todos os meus sonhos, ainda que eu mesma duvide de sua possibilidade. Eu dou o passo, e Ele firma o chão, SEMPRE! A Maria, minha mãezinha, que intercedeu por mim em todos os momentos de minha vida – *Totus Tuus Mariae!*

A meu grande amor e companheiro, Eden! Marido exemplar e pai maravilhoso. Sou grata pelas noites em claro compartilhadas durante esta jornada tão significativa. Obrigada pelo apoio incondicional, pelo conforto nos dias difíceis e pela alegria ao celebrar as conquistas. Eu o amo muito!

A meu filho, Mateus, agradeço a compreensão e a paciência durante este período dedicado aos estudos, apoiando-me e mencionando os autores deste trabalho pela casa. A meu bebê, Gabriel, que chegou durante a fase final desta dissertação – acompanhando tudo de perto, crescendo dentro de mim, trazendo-me ainda mais alegria e esperança e completando nossa família. Meus amados filhos, mamãe ama vocês mais do que tudo nesta vida!

A meus pais e irmãos, obrigada por serem meu suporte, sobretudo cuidando do Mateus nos momentos em que precisei estar ausente por conta dos estudos e o papai estava trabalhando. Vovô Sávio, vovó Cida, titio Rone e titia Natane, que sorte a nossa tê-los em nossas vidas!

Agradeço aos colegas de trabalho do Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA), Gislaine, Pollyana, Gustavo e Luiz, o apoio diário. Obrigada por terem sido ouvintes constantes, tanto nos momentos difíceis quanto nas discussões animadas sobre a temática deste estudo. Em especial, agradeço à amiga Yara e ao amigo Vinícius, os quais estiveram dispostos a me ajudar e a oferecer palavras de incentivo.

A minha querida orientadora, Lilian Perdigão, cuja orientação e apoio foram fundamentais em cada etapa deste trabalho. Sou grata pelas sugestões e pelos insights inestimáveis. Sobretudo, agradeço o carinho, a compreensão e a empatia ao longo dos dois anos em que estivemos juntas nesta jornada tão relevante em minha vida. Obrigada por me conceder esta rica oportunidade, que transcendeu os estudos. Foi um período de evolução como ser humano.

Aos professores e servidores dos Departamentos de Economia Doméstica e Educação, minha enorme gratidão pelo apoio e pelo aprendizado. A Débora Sabino, pelo profissionalismo.

Aos participantes desta pesquisa, pais-jovens, meu respeito e carinho! Agradeço a oportunidade de ouvi-los e aprender ainda mais com suas vivências nesta jornada tão bela que é a paternidade!

Ao grupo de pesquisa Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e da sua Inter-Relação na Família e na Sociedade (CIAJIFS), visto que tive o prazer de aprender com minha querida professora Lurdinha e alguns colegas da graduação em Educação Infantil. Ao Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Política Social, Saúde Mental e Drogas (GEPEPSS), que, mesmo em pouco tempo de convivência, agregou aos meus estudos com discussões profundas. Obrigada a todos pelas trocas e pelo aprendizado!

RESUMO

RIGUEIRA, Gleisiene Aparecida da Silva, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, maio de 2024. **Reconfigurando a paternidade na era contemporânea: um estudo com pais-jovens.** Orientadora: Lilian Perdigão Caixêta Reis.

A paternidade participativa surge na sociedade contemporânea como uma possibilidade de promover equidade nos papéis de pai e mãe, e os pais-jovens emergem como atores potenciais desse processo. A construção desse novo modelo de paternidade parece estar fundamentada nos cuidados com os filhos e na divisão do trabalho doméstico, resultando em novas formas de convivência familiar. Esta pesquisa foi conduzida no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI) e no Laboratório de Desenvolvimento Humano (LDH) da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. O objetivo foi analisar, por meio da experiência paterna, a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na construção de diferentes modelos de paternidade. Como aporte teórico, utilizaram-se o Modelo Bioecológico de Bronfenbrenner e os conceitos de envolvimento paterno dos autores Lamb e Pleck, os quais dimensionam os níveis de participação na díade pai-filho e de divisão do trabalho doméstico. O estudo apresenta caráter qualitativo, e os dados foram coletados por meio da análise das fichas cadastrais preenchidas pelos pais-jovens ao matricularem seus filhos na unidade educacional infantil da Universidade de Viçosa. Outrossim, realizaram-se entrevistas narrativas com 15 pais pertencentes a diversos níveis socioeconômicos, rendas, níveis de escolaridade e idade. O exame dos dados ocorreu por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin, com auxílio do software IRaMuTeQ. Com base nos resultados, ficou evidente que os pais entrevistados identificaram diferentes modelos de paternidade, sobretudo comparando sua relação com seus próprios pais, reconhecendo mudanças ao longo do tempo, como ter mais afeto e diálogo com seus filhos. Os pais com maior nível de escolaridade e renda manifestaram maior engajamento com a pesquisa, indicando interesse e consciência acerca do período de transformação da paternidade. Observou-se uma mudança nas brincadeiras entre pais e filhos, sem separação de gênero para meninos e meninas. Ademais, algumas tarefas estão se tornando mais paternas, como levar os filhos à escola, narrada como uma responsabilidade exclusiva para a maioria dos pais entrevistados. No tocante aos desafios da paternidade, os pais se queixaram da intensa jornada de trabalho e da escassez de tempo para se dedicarem aos filhos e à família. Assim, o tempo de qualidade é uma preocupação recorrente entre eles. Evidenciou-se que os pais que relataram ter mais tempo para os filhos e a família, em função da flexibilidade de seus empregos, estavam mais satisfeitos. Apesar da percepção de desigualdade na divisão do trabalho doméstico, alguns pais relataram diálogo e negociação sobre as tarefas do lar. Constatou-se, ainda, que pais recasados expressaram sentimentos negativos e cobrança em relação à participação na vida dos filhos do primeiro relacionamento. Por fim, os pais-jovens demonstraram um crescente engajamento em seu papel paterno. Embora com dificuldades, eles indicaram estar ativos no processo de transformação dos modelos de paternidade.

Palavras-chave: paternidade participativa; relação pai-filho; Modelo Bioecológico; divisão do trabalho doméstico.

ABSTRACT

RIGUEIRA, Gleisiene Aparecida da Silva, M.Sc., Federal University of Viçosa, May 2024. Reconfiguring fatherhood in the contemporary era: a study with young fathers. Advisor: Lilian Perdigão Caixêta Reis.

Participatory fatherhood emerges in contemporary society as a possibility to promote greater equity in the roles of father and mother, with young fathers emerging as potential actors in this process. The construction of this new model of fatherhood seems to be based on childcare and the division of domestic labor, resulting in new forms of family coexistence. This research was conducted at the Child Development Laboratory (LDI) and the Human Development Laboratory (LDH) of the Federal University of Viçosa, in Minas Gerais. The objective was to analyze the influence of socioeconomic, individual, and cultural factors on the father-child relationship in order to understand the construction of different fatherhood models in the experience of young fathers. The theoretical framework used was Bronfenbrenner's bioecological model and the concepts of paternal involvement by authors Lamb and Pleck, which define the levels of participation in the father-child dyad, and the division of domestic labor according to Coltrane. The study was qualitative in nature, and data were collected through the analysis of registration forms filled out by young fathers when enrolling their children in the early childhood education unit of the University of Viçosa, as well as through narrative interviews with 15 fathers from different socioeconomic levels, with varying incomes and educational levels ranging from incomplete primary education to master's degrees, and aged between 18 and 29 years old when they had their first child. Data analysis was performed using the content analysis technique proposed by Bardin, with the aid of the IRaMuTeQ software. The results show that the interviewed fathers identify different models of fatherhood, mainly by comparing their relationship with their own fathers, recognizing changes over time, such as having more affection and dialogue with their children. Fathers with higher levels of education and income showed greater engagement with the research, demonstrating greater interest and awareness of the period of transformation of fatherhood. However, all fathers, regardless of income and education, reported active participation in their children's education and care, demonstrating a high level of paternal involvement. A significant change was observed in the play activities between fathers and children, without gender separation for boys and girls. Some tasks are becoming more paternal, such as taking the children to school, described as an exclusive responsibility for the majority of the interviewed fathers. Fathers complained about the intense work hours and the lack of time to dedicate to their children and family, and quality time was a recurring concern among them. It was found that fathers who reported having more time for their children and family, due to the flexibility of their jobs, showed greater satisfaction. It was also noted that despite the perception of inequality in the division of domestic labor, some fathers reported flexible dialogue and negotiation regarding household tasks. It was also found that remarried fathers expressed negative feelings and high demands regarding participation in the lives of children from their first relationship. Finally, young fathers demonstrated, through their experiences, an increasing engagement in their paternal role. Despite their difficulties, they showed that they are active in the process of transforming fatherhood models.

Keywords: participatory fatherhood; father-son relationship, Bioecological Model; division of domestic labor.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese conceitual do marco teórico	31
Quadro 2 – Síntese dos eixos temáticos 1 a 4, com suas respectivas categorias e subcategorias de análise	40
Quadro 3 – Síntese do eixo temático 5 – Dimensões do envolvimento paterno - Modelo proposto por Lamb (1985) e Pleck (2010)	41
Quadro 4 – Descrição do perfil dos pais-jovens.....	45
Quadro 5 – Categorização do eixo temático 1: dualidade das emoções na vivência da paternidade.....	50
Quadro 6 – Categorização do eixo temático 1: a dinâmica do engajamento paterno.....	54
Quadro 7 – Categorização do eixo temático 1: pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter	60
Quadro 8 – Categorização do eixo temático 1: avaliação do tempo gasto com os filhos e a família.....	64
Quadro 9 – Tempo dedicado pelos pais-jovens aos filhos: um mapa semanal	66
Quadro 10 – Categorização do eixo temático 1: outras experiências dos pais-jovens	70
Quadro 11 – Categorização do eixo temático 2: o que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?.....	74
Quadro 12 – Categorização do eixo temático 2: relação pai-mãe: impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho.....	82
Quadro 13 – Categorização do eixo temático 2: referência paterna e evolução da paternidade no tempo: de pai para pai.....	87
Quadro 14 – Categorização do eixo temático 3: a importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas.....	94
Quadro 15 – Categorização do eixo temático 3: distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?	98
Quadro 16 – Categorização do eixo temático 4: benefícios da paternidade participativa para pais e filhos.....	104
Quadro 17 – Eixo temático 5: dimensões do envolvimento paterno (Lamb, 1985; Pleck, 2010)	107
Quadro 18 – Eixo temático 5: tipos de brincadeiras citadas pelos pais-jovens.....	111

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exploração do material: Repositório de dados textuais dividido em temas principais	38
Figura 2 – Análise manual realizada em planilha do Excel	39
Figura 3 – Relação entre participação dos pais-jovens na pesquisa e nível de escolaridade ...	46
Figura 4 – Perfil financeiro dos pais-jovens	47
Figura 5 – Nuvem de palavras representantes do corpus Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família, com base nos relatórios do software IRaMuTeQ (2023).....	67
Figura 6 – Relatório dos recortes do significado da palavra “não” do software IRaMuTeQ (2023)	68
Figura 7 – Nuvem de palavras representantes do corpus A mãe é sempre mais atarefada, com base nos relatórios do software IRaMuTeQ (2023)	101

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEP	Comitê de Ética com Pesquisas
CF	Constituição Federal
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CIAJIFS	Contextos da Infância, Adolescência e Juventude e da sua Inter-Relação na Família e na Sociedade
CONJUVE	Conselho Nacional de Juventude
DTA	Departamento de Tecnologia de Alimentos
GEMA	Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades
GEPEPSS	Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Política Social, Saúde Mental e Drogas
LDH	Laboratórios de Desenvolvimento Humano
LDI	Laboratórios de Desenvolvimento Infantil
MG	Minas Gerais
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REVISÃO DE LITERATURA.....	17
1.1 FATORES QUE INFLUENCIAM A PATERNIDADE PARTICIPATIVA COM BASE NO MODELO BIOECOLÓGICO DE BRONFENBRENNER – UMA ABORDAGEM BIDIRECIONAL E SISTÊMICA	17
1.2 SEGUNDA PERSPECTIVA: A INFLUÊNCIA DO INCONSCIENTE NA PATERNIDADE PARTICIPATIVA – UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA.....	21
2 MARCO TEÓRICO.....	25
3 MÉTODO	33
3.1 CONTEXTO DA PESQUISA.....	33
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	34
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	35
3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	37
3.5 ANÁLISE DE DADOS	37
3.6 LIMITAÇÕES DOS MÉTODOS DE COLETA	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
4.1 DESCRIÇÃO DO PERFIL DOS PAIS-JOVENS	43
4.2 EIXO TEMÁTICO 1 – EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DOS PAIS-JOVENS	48
4.2.1 Dualidade das emoções na vivência da paternidade	49
4.2.2 A dinâmica do engajamento paterno	53
4.2.3 Pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter	60
4.2.4 Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família.....	63
4.2.5 Outras experiências dos pais-jovens	70
4.3 EIXO TEMÁTICO 2 – DIMENSÕES CULTURAIS.....	72
4.3.1 O que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?	73
4.3.2 Relação pai-mãe: impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho.....	81
4.3.3 Referência paterna e a evolução da paternidade no tempo: de pai para pai...86	
4.4 EIXO TEMÁTICO 3 – DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO.....	92
4.4.1 A importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas	93
4.4.2 Distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?	97
4.5 EIXO TEMÁTICO 4 – IMPACTOS DA PATERNIDADE PARTICIPATIVA.....	103

4.5.1 Benefícios da paternidade participativa para pais e filhos	105
4.6 EIXO TEMÁTICO 5 – DIMENSÕES DO ENVOLVIMENTO PATERNO	107
4.6.1 O brincar na perspectiva dos pais-jovens	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS NARRATIVAS	121
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS PAIS-JOVENS DO LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL E LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	125
ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL E HUMANO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA	128
ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP (AUTORIZAÇÃO ÉTICA)	132

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XX, a sociedade brasileira vem passando por transformações que impactaram as relações familiares estabelecidas nos lares, sobretudo no que diz respeito ao papel do pai nessa sociedade e nessas famílias. Como resultado, testemunha-se um momento de transição em que um pai, o qual antes era apenas o provedor financeiro, agora também se torna participativo e emocionalmente envolvido. Diante dessa realidade, é cada vez mais evidente no meio científico a necessidade de estudos abordarem a temática da paternidade participativa na sociedade contemporânea.

De acordo com Kisbu *et al.* (2023), em pesquisa realizada na Turquia, a literatura relacionada à paternidade ainda é escassa. Isso vem ao encontro do argumento apresentado por Santos e Moreira (2016), autoras brasileiras que sugerem ampliar os estudos que buscam o fortalecimento de vínculos familiares, amparados na importância do pai na contemporaneidade.

Sob esse viés, Lyra (2015) relata a constante sensação de que falta muito para se alcançar uma produção expressiva de conhecimento acerca do tema paternidade. Cabe ressaltar que o autor, em colaboração com Benedito Medrado, fundou o Núcleo de Pesquisas em Gênero e Masculinidades da Universidade Federal de Pernambuco (GEMA/UFPE) e o Instituto Papai, organização não governamental que visa à revisão e à ampliação de políticas públicas voltadas à questão da paternidade. Duas grandes conquistas para o desenvolvimento contínuo da temática.

Destarte, Dos Santos *et al.* (2022) constataram que a maioria dos estudos existentes na literatura brasileira concentra-se na maternidade. Mesmo quando o tema é a paternidade, as pesquisas são conduzidas sob a perspectiva das mulheres. Nesse contexto, torna-se crucial destacar a relevância científica e social do tema abordado, incentivando a participação ativa dos pais na vida dos filhos. É fundamental conceder protagonismo aos homens/pais, pois eles representam as preocupações femininas e da sociedade como um todo, relacionadas ao seu papel e às suas responsabilidades nos lares. Além disso, abordar a paternidade sem ouvir a perspectiva dos pais também perpetua a desigualdade nos papéis de gênero.

À medida que se evidenciam transformações geracionais ao longo da história da paternidade, observa-se que os “pais-jovens” surgem na sociedade contemporânea como agentes potenciais de um novo modelo de paternidade. Essa mudança é marcada por uma transição da atuação tradicional de sustento familiar para práticas educacionais permeadas por

uma maior participação tanto nos cuidados com os filhos quanto na divisão das responsabilidades domésticas.

Convém ressaltar que a categoria “pais-jovens” refere-se a homens/pais entre 18 e 29 anos, faixa etária estabelecida pelo Conselho Nacional de Juventude (CONJUBE) no Brasil. No entanto, considerá-los como um grupo apenas com base na faixa etária não permitiria compreender, de fato, quem são esses pais-jovens. Nesse sentido, entender os indivíduos que vivenciam esse momento histórico de transformações e que desempenham papel fundamental no processo de transição em relação ao fenômeno da paternidade.

Nesse contexto, as gerações jovens experimentam mudanças significativas tanto em sua posição social quanto nos papéis desempenhados ao longo de suas vidas (Costa *et al.*, 2021). Diante disso, é essencial ter em conta as definições do termo “juventudes”, no plural, como tem sido discutido na literatura, ao considerar os pais-jovens como uma condição social que incorpora aspectos individuais e históricos, conforme suas experiências de vida (Abramo, 2005).

A paternidade na sociedade contemporânea caracteriza-se por uma transição entre o modelo antigo (pai provedor) e o novo (pai participativo), apesar da persistência de resquícios do patriarcalismo nas relações familiares. Esse emergente modelo de paternidade na sociedade atual está promovendo, conforme pontuado, mudanças nas práticas paternas dentro dos lares.

Nesse sentido, Lamb (1985) e Pleck (2010), pesquisadores renomados na área de estudos sobre paternidade, discorrem sobre a paternidade participativa por meio do conceito de envolvimento paterno. Este se refere à participação ativa, afetiva e responsável do pai na vida e no cuidado dos filhos. Para os autores, a atuação paterna significa presença ativa do pai em assumir papéis e responsabilidades no dia a dia da criança, proporcionando cuidados físicos, emocionais e educacionais. Essa participação pode ser dimensionada pelos níveis de envolvimento, os quais, por sua vez, manifestam-se em interações diárias, como brincar, alimentar, vestir, educar, cuidar da saúde e acompanhar atividades escolares e o desenvolvimento da criança.

Ademais, envolvimento paterno também abarca a presença emocional, o apoio e a valorização dos filhos, contribuindo para o seu bem-estar e desenvolvimento saudável. É um conceito que destaca a importância do pai como figura ativa e influente na vida dos filhos, buscando romper com estereótipos de paternidade distante e não participativa (Lamb, 1985; Pleck, 2010).

Emerge, por conseguinte, um novo olhar sobre as tarefas do lar, desmistificando a ideia de que a divisão dos afazeres domésticos se trata de um “favor” dos homens às mulheres. Na verdade, consiste em uma responsabilidade que deveria ser posta em prática e compartilhada com todos os que habitam a residência, independentemente do papel que a sociedade lhes atribua ou imponha. Nesse tocante, Scott Coltrane, sociólogo norte-americano, em seu livro *Family man: fatherhood, housework and gender equity* (1996), examina a relação entre a paternidade e a divisão do trabalho doméstico, destacando a participação ativa dos pais nas tarefas domésticas.

No Brasil, a legislação estabelece, por meio do princípio constitucional da paternidade responsável, que os homens têm a mesma responsabilidade que as mulheres na criação e na educação dos filhos. Tal postulado enfatiza a necessidade de uma mudança de paradigma que deve ser promovida nos lares brasileiros desde a infância, reconhecendo o dever constitucional dos pais em assumirem plenamente suas responsabilidades parentais.

Sendo assim, o legislador traz, no capítulo VII: *Da Família, da Criança, do Adolescente, do Jovem e do Idoso*, em seu artigo 226, *caput* e parágrafo 7º, da Constituição Federal de 1988, referente ao princípio da paternidade responsável:

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.
(...)

§7º Fundado nos princípios da dignidade da pessoa humana e da paternidade responsável, o planejamento familiar é livre decisão do casal, competindo ao Estado propiciar recursos educacionais e científicos para o exercício desse direito, vedada qualquer forma coercitiva por parte de instituições oficiais ou privadas (Brasil, 1988).

Ademais, as últimas décadas também são determinadas por novas formas de composição familiar, as chamadas famílias plurais. No tocante à paternidade, nota-se uma crescente no número de famílias formadas por pais homossexuais e também monoparentais, ou seja, quando o pai assume sozinho a parentalidade dos filhos (Socha; Waldron, 2022).

De acordo com Petzold (1996), embora o modelo nuclear de família ainda seja o tipo mais encontrado nas sociedades ocidentais, diversas outras formas têm surgido e, por isso, propõe um conceito mais abrangente de família. O autor utiliza o conceito de “famílias”, no plural, incluindo a maior parte de arranjos familiares existentes na atualidade, sem produzir preconceito ou exclusão em relação a esse ou àquele tipo de família.

Nesse tocante, cabe destacar a recente decisão do Supremo Tribunal Federal brasileiro, datada de 12 de maio de 2022, a qual, por unanimidade, estendeu a licença-maternidade, com duração de 120 dias, ao pai monoparental. Sendo assim, o Supremo Tribunal Federal decidiu:

Decisão: O Tribunal, por unanimidade, apreciando o tema 1.182 da repercussão geral, negou provimento ao recurso extraordinário, para manter o acórdão recorrido, e fixou a seguinte tese: “À luz do art. 227 da CF, que confere proteção integral da criança com absoluta prioridade e do princípio da paternidade responsável, a licença-maternidade, prevista no art. 7º, XVIII, da CF/88 e regulamentada pelo art. 207 da Lei 8.112/1990, estende-se ao pai genitor monoparental”, nos termos do voto do Relator. Ausente, justificadamente, a Ministra Rosa Weber. Presidência do Ministro Luiz Fux. Plenário, 12.5.2022 (Brasil, 2022).

Essa decisão chama a atenção para o fato de que os pais, na contemporaneidade, estão cada vez mais envolvidos no projeto de paternidade, demonstrando corresponsabilidade no processo de cuidar e educar os filhos. Para além disso, evidencia-se um novo formato de família, quando o relator se refere ao genitor pai monoparental, estabelecendo a ocorrência de mudanças no próprio núcleo de formação familiar.

Conforme Souza (2012), pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a atribuição de direitos às pessoas de forma desvinculada do gênero, em virtude do princípio da igualdade e da paternidade responsável, tanto em sentido genérico como para as relações de família (art. 5º, *caput* e art. 226, §5º da Constituição), impede qualquer discurso sexista na distribuição de obrigações nas relações familiares. Além disso, a autora sugere que, no lugar de paternidade, seja utilizado o termo “parentalidade”. Nas palavras da autora: “A interpretação do termo ‘paternidade’ deve ser entendida como parentalidade, eis que a responsabilidade é exigida daqueles que exercem sua autonomia reprodutiva, atingindo, de forma conjunta e idêntica, o pai e a mãe” (Souza, 2012, p. 17).

Desse modo, percebe-se um amparo à equidade nos papéis parentais, acompanhando as demandas da sociedade contemporânea e representando um avanço no combate à divisão sexual ainda existente/resistente no país. Porém, mesmo diante de algumas mudanças, como as citadas nessa recente decisão, entende-se relevante refletir sobre o solo sócio-histórico em que se respalda essa temática e o porquê de ela ainda se fazer tão presente nos dias atuais, inclusive estendendo essa conquista a todos pais, independentemente do formato familiar em que estão inseridos.

Dessa forma, o presente estudo busca investigar a influência de fatores relacionados ao perfil socioeconômico de pais-jovens – como renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade –, bem como aspectos culturais – como a participação nas tarefas domésticas, na experiência paterna, especificamente na relação pai-filho –, contribuindo para a compreensão dos diferentes modelos de paternidade. Nesse contexto, será analisada a forma como pais-jovens de diferentes perfis socioeconômicos envolvem-se na

educação e nos cuidados com os filhos, levando em consideração também as características pessoais e culturais desses pais.

Para tanto, adotar-se-á a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, que enfoca os processos proximais que ocorrem na interação bidirecional entre pai e filho. Esses processos são influenciados pela forma, pela intensidade, pelo conteúdo e pela direção da interação, desempenhando papel crucial no desenvolvimento do pai. Do mesmo modo, considerar-se-ão os aspectos do ambiente e da pessoa e as mudanças sócio-históricas, em uma análise conjunta. Além disso, buscar-se-á relacionar a abordagem bioecológica ao modelo de envolvimento paterno proposto por Lamb (1985) e Pleck (2010), o qual identifica dimensões que podem caracterizar maior ou menor participação paterna, e o conceito de divisão do trabalho doméstico proposto por Coltrane (1996).

Nesse sentido, esta pesquisa busca contribuir para a melhoria das relações entre pais e filhos, promovendo uma visão mais afetiva e participativa da paternidade, a fim de romper com a desigualdade de gênero, lançando luz a categoria relações sociais de sexo, conforme Cisnê (2015), dada a sua contextualização sócio-histórica, considerando as relações estruturantes do ser social, presentes no processo de educação e desenvolvimento familiar, desde os tempos remotos, e não apenas considerando os sujeitos por meio de características biológicas.

Além disso, espera-se que os resultados obtidos auxiliem na formulação de estratégias de políticas públicas que visem à equidade nos papéis de pais e mães, permitindo a construção de relações horizontais, em vez de verticais, e incentivando os pais a serem cada vez mais participativos, e não apenas provedores.

Considerando-se tais prerrogativas, este estudo busca responder à seguinte pergunta: de que forma fatores relativos ao perfil socioeconômico do indivíduo, como renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade, bem como aspectos individuais e culturais sobre a relação pai-filho, como habilidades, crenças, motivações e divisão do trabalho doméstico, contribuem para a construção de diferentes modelos de paternidade?

Sendo assim, o foco do presente estudo encontrou-se nos aspectos que podem influenciar a paternidade participativa de forma sistêmica, de fatores socioeconômicos a aspectos pessoais e culturais, proporcionando aos pais um lugar de fala sobre o processo de transformação dos modelos de paternidade tradicional e participativo que vem ocorrendo na sociedade contemporânea.

A pesquisa foi realizada nos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil (LDI) e Humano (LDH), localizados na Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. Essas instituições prestam atendimento a 180 famílias, abrangendo toda a comunidade viçosense, o que possibilitou encontrar pais de diferentes classes socioeconômicas e profissões diversificadas, bem como com idades entre 18 e 29 anos, no momento do nascimento de seu primeiro filho.

Assim, delineou-se como **objetivo geral** deste estudo analisar, por meio da experiência paterna, a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na construção de diferentes modelos de paternidade. Como **objetivos específicos**:

- a) Investigar de que forma pais-jovens de diferentes níveis socioeconômicos participam da educação e dos cuidados com os filhos;
- b) Analisar, na perspectiva dos pais, como características individuais e culturais podem influenciar a construção de uma paternidade mais participativa;
- c) Identificar os fatores que se sobressaem na construção de modelos de paternidade para pais-jovens

A dissertação está organizada em quatro capítulos. No capítulo 1, encontra-se a revisão de literatura na qual realizou-se uma varredura na literatura internacional e nacional, possibilitando identificar as duas principais perspectivas que tangenciavam as questões relacionadas ao tema em estudo, optando-se por seguir a perspectiva bioecológica.

O capítulo 2 apresenta o marco teórico, abrangendo a discussão sobre a paternidade participativa analisada de forma sistêmica, com os conceitos de “pessoa”, “processo proximal”, “contexto” e “tempo”, de Bronfenbrenner (2011), e de “participação” e “envolvimento paterno”, proposto por Lamb (1985) e revisto por Pleck (2010). Para além destes, que representam a perspectiva utilizada, estão os conceitos de “juventudes”, de Abramo (2005), “famílias”, de Petzold (1996), “relações sociais de sexo”, de Cisnê (2015) e “divisão do trabalho doméstico”, de Coltrane (1996).

No capítulo 3, descreve-se a método da pesquisa: o tipo de pesquisa, o contexto da pesquisa, a caracterização dos participantes, instrumentos de coleta de dados e local do estudo, considerações éticas, análise dos dados, limitações dos métodos de coleta.

O capítulo 4 apresenta as análises e discussões do estudo, começando pela descrição do perfil dos pais-jovens. Na sequência, aborda os cinco eixos temáticos que emergiram do exame das entrevistas, cada um com suas respectivas categorias e subcategorias de análise.

Por fim, são apresentadas considerações que mostram uma retrospectiva dos cinco eixos temáticos da análise realizada, bem como as questões levantadas.

1 REVISÃO DE LITERATURA

O cuidado com os filhos tem sido considerado, ao longo dos séculos, uma atribuição feminina. Todavia, desde o final do século XX, observa-se uma maior participação dos pais no cuidado dos filhos. Neste capítulo, apresenta-se uma revisão bibliográfica da literatura internacional e nacional acerca da paternidade participativa, demonstrando as duas principais perspectivas identificadas e a contribuição desta pesquisa para os estudos já realizados sobre o tema. Para tanto foram selecionados estudos dos últimos 4 anos, nas bases de dados Scopus, Scielo e Google Acadêmico, com o intuito de identificar lacunas e o que já foi superado sobre o tema.

1.1 FATORES QUE INFLUENCIAM A PATERNIDADE PARTICIPATIVA COM BASE NO MODELO BIOECOLÓGICO DE BRONFENBRENNER – UMA ABORDAGEM BIDIRECIONAL E SISTÊMICA

A ênfase dos estudos sobre paternidade participativa, nessa perspectiva, volta-se para a análise dos fatores que a influenciam, com base na Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner. Nesse sentido, reúnem-se elementos individuais e globais, perpassando diversas dimensões do ambiente, chamadas de ecossistemas, que operam de forma bidirecional e sistêmica, a saber: a) microssistema: dentro da família; b) mesossistema: família com sistemas proximais, como escola ou trabalho; c) exossistema: sistemas distais que afetam de modo indireto as famílias; d) macrossistema: famílias interagindo com sistemas culturais, econômicos, políticos e sociais distais; e) cronossistema: tempo (Socha; Waldron, 2022).

Estudos realizados sobre a paternidade no Brasil, revelam que filhos de pais participativos apresentam crescimento saudável e que a contribuição dos pais tem lugar singular no desenvolvimento infantil, não dependendo da presença da mãe para acontecer. Além disso, mostra-se crescente o número de homens com disponibilidade e desejo de assumir uma paternidade com maior envolvimento afetivo e maior participação nos processos de cuidado e educação dos filhos (Campeol *et al.*, 2022).

Em geral, o cuidado do pai está atrelado a brincadeiras ao ar livre e a atividades divertidas, porém alguns achados de pesquisas demonstram que características como afeto, sensibilidade e envolvimento estão sendo agregados à interação pai-filho (Kisbu *et al.*, 2023).

Sendo assim, é preciso mapear as complexidades que envolvem a paternidade

participativa para compreender o que é ser pai no século XXI, período marcado por novas crenças sobre os papéis de parentalidade. Ademais, os caminhos para a paternidade participativa são influenciados por variáveis individuais, sociais, culturais e ecológicas e carecem de uma integração sistêmica, encontrando na Teoria Bioecológica uma ferramenta para a compreensão de tais variáveis, de forma integrada (Brandão *et al.*, 2021).

É fato que há uma mudança cultural ocorrendo desde o fim do século XX, indicando a transição do pai provedor e autoritário para o pai participativo e amoroso, cada vez mais desvinculada das noções tradicionais de masculinidade e mais associada às famílias múltiplas. Nesse sentido, o diálogo sobre raça, gênero e política pode fazer com que famílias desfrutem de relações mais próximas. Além disso, as funções da paternidade sofrem influência intergeracional, uma vez que a construção sócio-histórica dos papéis parentais, bem como a relação com o próprio pai, promove alterações no envolvimento paterno (Socha; Waldron, 2022).

No Brasil, um estudo realizado por Campeol, Benatti e Pereira (2021), retrata a vivência de pais monoparentais sob a perspectiva bioecológica. Esta pesquisa qualitativa, de estudos de casos, revelou que mudanças socioeconômicas e culturais vividas no século XX resultaram em novas configurações familiares. Uma dessas novas formas de composição familiar, os pais monoparentais, revelaram-se nessa pesquisa, cada vez mais envolvidos em atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres, com destaque para a afetividade com que eles exercem o cuidado com os filhos.

Para além disso, as autoras também evidenciam a influência intergeracional como um fator que auxilia no distanciamento de atitudes tradicionais – patriarcalistas. Em todos os casos estudados, o vínculo dos pais com seus próprios pais foi caracterizado pela fragilidade, pelo distanciamento e pela negatividade, o que levou a que desconsiderassem essa figura como referência de como ser pai.

Kisbu *et al.* (2023) corroboram os estudos que enfatizam as variáveis influenciadoras da paternidade participativa, ao buscarem compreender como ocorrem essas influências em uma cultura patriarcal tradicional. Por meio de entrevistas com pais na Turquia e avaliando dimensões como cuidado, afeto e controle no comportamento paterno, os autores identificaram a presença de entidades mais distantes na paternidade, como discursos culturais, gênero, raça, masculinidade e política, considerando os reflexos dessas macrocondições no nível individual para atitudes e comportamentos dos pais.

Outrossim, as horas de trabalho por dia associam-se de maneira negativa ao envolvimento paterno e aos níveis mais baixos de status socioeconômicos, ao passo que se

vinculam a níveis mais altos de estresse familiar. Ademais, visões patriarcais de masculinidade revelam-se o principal preditor de punição física dos pais. Quanto mais altas são as concepções tradicionais dos pais sobre a masculinidade, menos estes se envolvem na paternidade e, em consequência, atribuem às mulheres as responsabilidades de cuidarem dos filhos e as tarefas domésticas (Kisbu *et al.*, 2023).

Brandão *et al.* (2021), em Portugal, por meio de uma revisão sistemática, organizaram determinantes e consequências da participação paterna na última década, analisando os diversos contextos de desenvolvimento em que o pai está inserido. Para isso, selecionaram 86 trabalhos em diferentes bases de dados, utilizando como critérios de inclusão estudos realizados com pais-jovens, maiores de 18 anos, e que examinavam pelo menos uma dimensão do envolvimento paterno. Concluíram, pois, que a maioria das pesquisas sobre paternidade concentra-se nas relações diretas entre pais e filhos, negligenciando aspectos do ambiente, e que a qualidade do envolvimento paterno importa mais que a quantidade de tempo gasto com os filhos.

Do mesmo modo, com o objetivo de ilustrar como inúmeros fatores podem influenciar a participação dos pais-jovens, Deslauriers e Kiselica (2022) realizaram uma pesquisa qualitativa no Canadá. Entrevistaram 34 pais, entre 15 e 24 anos, no período do anúncio da gravidez e, após, no primeiro aniversário da criança. Os resultados foram apresentados dentro da estrutura ecológica e multissistêmica. Os autores, por fim, enfatizaram a falta de dados sobre a paternidade jovem, que possui características próprias, justificando-se a preocupação com o bem-estar dessa população.

Para Deslauriers e Kiselica (2022), a paternidade participativa parece estar relacionada a fatores contextuais, interligados entre si. Entre eles, destacam-se crenças ligadas à realização de tarefas domésticas e responsabilidades do cuidado, relação pai-filho e fatores socioeconômicos, incluindo a qualidade do relacionamento conjugal. Neste último, evidenciou-se que, na existência de coabitação, o envolvimento do pai com o filho é maior, ao passo que, quando ocorre uma separação, há uma tendência de a mãe manter o pai afastado, reduzindo a participação paterna.

Para Campeol *et al.* (2022), a influência materna no acesso do pai a uma interação de qualidade com o filho está associado a crenças sociais e culturais que atribuem ao gênero feminino as funções relativas ao espaço doméstico e de cuidado das crianças, que por sua vez, refletem em comportamentos maternos que encorajam ou desencorajam o envolvimento ativo dos homens com a paternidade. Desse modo, estes autores brasileiros propõe um olhar mais complexo para as relações familiares no que tange a este fator influenciador.

Na concepção de Socha e Waldron (2022), a paternidade participativa interfere na felicidade individual do homem, na família e, até mesmo, na civilização humana. O estudo realizado pelos autores, nos Estados Unidos, pretendeu conceituar os pais não apenas como indivíduos, mas também como pessoas socialmente construídas. Utilizando como meio de informação estudos anteriores sobre a paternidade, selecionados em bases de dados, os estudiosos concluíram que a Teoria Bioecológica é abrangente o suficiente para capturar diversas contribuições, que vão de tendências de comunicação dos pais a críticas de prescrições culturais de masculinidade, a exemplo do patriarcado, representando fatores que moldam a participação paterna.

A realidade nos Estados Unidos merece destaque. Por meio de uma lei federal, o governo americano financiou diversos programas para moldar as identidades paternas, salientando componentes específicos desse envolvimento, como o cuidado. Nesse caso, parte-se do princípio de que a paternidade responsável é definida com o estabelecimento de paternidade legal, coparentalidade e apoio financeiro e emocional aos filhos (Randles, 2020).

Nesse tocante, Randles (2020) apresenta a realidade de uma amostra de 64 pais de baixa renda, entre 18 e 44 anos, que participavam de um programa sobre paternidade responsável do governo federal. Segundo o autor, que empreendeu entrevistas aprofundadas e grupos focais com essa amostragem, um dos principais fatores que influenciam a participação paterna é o fator socioeconômico, que, por sua vez, encontra-se atrelado à crença do pai provedor.

Com intuito de compreender como as visões dos homens de baixa renda sobre a responsabilidade paterna moldam sua participação nas mensagens e nos serviços de um programa de paternidade responsável, conclui-se que intervenções como a norte-americana refletem as teorias ecológicas que destacam como os fatores sistêmicos moldam as motivações, identidades e habilidades parentais dos homens. Destarte, programas focados em melhorar a renda dos pais aumentam o engajamento paterno e contribuem para redefinir o conceito de paternidade participativa, incluindo tempo, presença e cuidados a esse entendimento (Randles, 2020).

Dessa forma, os estudos apresentados, desenvolvidos em Portugal, Canadá, Turquia e Estados Unidos, os quais utilizam a perspectiva bioecológica como lente para examinarem o fenômeno da paternidade participativa, trazem como objetivo identificar os fatores individuais e contextuais que influenciam o envolvimento paterno. Consideram uma interação dinâmica entre as características dos contextos sociais e familiares e as do pai em si, ou seja, do sujeito com todas as suas particularidades. Portanto, ocorre o que a Teoria Bioecológica

chama de bidirecionalidade, na qual sujeito e ambiente influenciam-se mutuamente.

Posto isso, Deslauriers e Kiselica (2022) concluem que a abordagem evita uma armadilha comum de tentar explicar um fenômeno apenas com amparo na perspectiva limitada de traços individuais. Desse modo, oferece uma visão integrada das influências na participação paterna. Esta abrange fatores globais (normas e valores sociais), valores individuais, como as próprias escolhas do jovem pai e o significado que elas dão à sua experiência, e diferentes dimensões do ambiente (por exemplo, família de origem, ambiente de vida e mercado de trabalho).

Assim, a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner é utilizado para entender como os fatores biopsicológicos e ambientais afetam, de forma integrada, a paternidade participativa. Nessa perspectiva, o ambiente é visto como um sistema composto por múltiplos níveis interconectados, começando com o ambiente imediato da criança e estendendo-se para além da família, para a comunidade, a sociedade e a cultura em geral. Portanto, segundo Kisbu *et al.* (2023), a Teoria Bioecológica reconhece que vários fatores influenciam as atitudes e os comportamentos paternos.

1.2 SEGUNDA PERSPECTIVA: A INFLUÊNCIA DO INCONSCIENTE NA PATERNIDADE PARTICIPATIVA – UMA ABORDAGEM PSICANALÍTICA

Nesta perspectiva psicanalítica, os estudos apresentam como foco do inconsciente paterno a díade mãe-bebê e enfatizam como o processo individual, junto com as representações mentais, impacta a paternidade participativa. Na literatura internacional, Braucher (2020) descreveu a abordagem psicanalítica como uma formação psíquica que antecipa o papel de terceiro do pai como um separador de mãe e filho, algo sobre o qual o pai não tem controle, mas que dita a forma como ele se comporta. No Brasil, Cherer, Ferrari e Piccinini (2018), associam a paternidade à subjetividade da limitação e finitude.

Em tal abordagem, é possível compreender como experiências passadas, traumas, conflitos internos e relações interpessoais moldam o psiquismo paterno e como essas influências podem ser trabalhadas e transformadas em prol da paternidade participativa.

Nesse sentido, Berman (2021) afirma que tem havido uma ênfase em torno de uma “nova” paternidade, com maior compartilhamento das responsabilidades de cuidar dos filhos com a mãe. Por meio de uma pesquisa empírica, realizada na África do Sul, a autora empreendeu entrevistas psicanalíticas com sete pais adultos jovens, sul-africanos, brancos, entre 24 e 37 anos, de classes média a alta e que residiam com suas parceiras. A pesquisadora

limitou a idade dos filhos de 5 a 24 meses, a fim de que as crianças estivessem na fase pré-edípica, a qual enfatiza a importância da díade mãe-bebê.

Conforme Berman (2021), as entrevistas psicanalíticas ocorreram com base em um roteiro, elaborado para explorar as representações mentais do genitor. Em outras palavras, para identificar como os pais enxergam internamente o mundo exterior – tanto de si mesmos quanto de seus bebês e suas parceiras. Ademais, Berman (2021) realizou as entrevistas em duas etapas. Primeiro, aplicou o referido roteiro e, em um segundo momento, forneceu aos pais a entrevista transcrita, a fim de que eles pudessem refletir sobre tudo o que disseram na primeira oportunidade.

Na análise dos dados, consideraram-se as impressões transferência-contratransferência. No caso da transferência, há uma projeção de conteúdos inconscientes positivos ou negativos no outro – do pai para o pesquisador –, enquanto na contratransferência é este quem faz transferências ou projeções para o pai. Nesse ponto, o pesquisador desempenha papel central no acesso à compreensão das experiências pessoais dos participantes, uma vez que a subjetividade configura, na psicanálise, um recurso, haja vista a transferência-contratransferência citada (Berman, 2021).

Como resultado, Berman (2021) destaca que, nas entrevistas realizadas, para o pai, parece inevitável não atrelar sua função à relação mãe-bebê, apresentando dificuldade em representar-se como sujeito de próprio direito na criação dos filhos. Uma possível explicação para isso está no fato de que o foco e o interesse da teoria psicanalítica têm sido matricêntricos, a ponto de ser utilizada a expressão “pai esquecido”. A autora propõe que a própria natureza do complexo de Édipo faz com que o pai seja colocado como uma figura ausente e que, por sua vez, a mãe assuma papel central na teorização do desenvolvimento psíquico.

Por outro lado, ao serem questionados sobre o que é ser um pai participativo, os entrevistados responderam que significa cuidar, trocar fraldas, dar banho e ser diferente do que os seus próprios pais foram para eles. Dessa forma, manifestando um meio de desfazer uma herança de pai provedor deixada pela geração de seus ascendentes, indicando um momento de transição nos papéis parentais. Por isso, a autora demonstra a necessidade de enxergar a construção paterna de forma singular, visto que a paternidade acontece de modo diferente da maternidade (Berman, 2021).

No Brasil, Cherer *et al.* (2021), por meio de um estudo de caso envolvendo um pai de 30 anos com ensino superior completo, investigaram como se dá a constituição da paternidade considerando os processos identificatórios com outras figuras parentais. Este estudo traz

importantes contribuições, especialmente ao mostrar como a relação do pai em construção com seu próprio pai influencia esse processo. Os resultados demonstraram que o pai investigado buscou evitar repetir os comportamentos de seu próprio pai.

Nos Estados Unidos, Braucher (2020) reuniu os relatos de seus pacientes à sua autoexperiência paterna, revelando que pai e mãe são vítimas da manutenção do patriarcado pelo binário de gênero. Os novos pais, pais cuidadores ou, ainda, “pais acordados” – aqueles que possuem uma paternidade participativa e igualitária – veem-se em uma posição de atender as expectativas da sociedade. Contudo, observou em sua prática clínica que, embora os pais compartilhassem ideias igualitárias em relação às esposas, eles pareciam se considerar singularmente responsáveis por sustentarem suas famílias, de maneira compatível com uma crença patriarcal.

Thrul (2023), por meio de sua prática clínica e de suas próprias experiências paternas, estabelece uma analogia entre a paternidade e o mar, relativa à capacidade de os homens tolerarem o inconsciente. Nessa premissa, a paternidade seria um barquinho navegando nas águas maternas, em busca de equilibrar suas emoções e seu inconsciente. O autor também discute como a paternidade pode ser influenciada, de maneira negativa, pela relação do pai com a figura materna e como isso pode afetar sua capacidade de lidar de modo inconsciente na criação e na educação de seus filhos de forma participativa.

Tal concepção revela traços do contexto sociocultural enraizados no inconsciente paterno. Os resultados das pesquisas revelam a dificuldade dos pais de ainda se enxergarem para além das mães, como sujeitos capazes de dividir a criação e a educação dos filhos. Os mesmos pais que despertaram para a igualdade das mães são os responsáveis por um ideal arcaico e patriarcal de provimento financeiro. Trata-se, portanto, de um momento de transição, marcado por traços patriarcais e, ao mesmo tempo, por uma paternidade participativa, que extrapola o prover, englobando o cuidado e a presença (Braucher, 2020).

Por fim, basear-se em uma ideia estreita de paternidade participativa pode significar perder outros aspectos do envolvimento que são ignorados, pois isso se estende para além do inconsciente e, então, não se pode separar o novo modelo de paternidade do contexto social e cultural em que ocorre (Berman, 2021).

Sendo assim, mediante as duas perspectivas identificadas na literatura, a presente pesquisa busca justificar sua contribuição teórica, optando pelos estudos filiados à primeira abordagem. Conforme pontuado, ela se concentra na análise dos fatores individuais e contextuais que influenciam a paternidade participativa, de forma bidirecional e sistêmica, de acordo com a Teoria Bioecológica, de Bronfenbrenner. Adotar essa perspectiva possibilita um

exame completo, contribuindo para a compreensão do desenvolvimento paterno de forma integrada, em um período de transformação sociocultural.

Ademais, torna-se essencial investigar os fatores influenciadores da paternidade participativa, utilizando a Teoria Bioecológica, uma vez presente a possibilidade de um leque de variáveis de análise proposto por essa abordagem. Nela se incluem características da criança e do pai, relação pai-mãe, cultura, atitudes e valores atribuídos à masculinidade, trabalho, suporte social percebido, legislação e políticas governamentais.

Por último, por postular que comportamentos e valores são propensos a mudarem com o tempo, essa perspectiva pode ajudar a desmistificar a paternidade do século XXI, que passa por um momento de transição e quebra de paradigmas, com concepções mais equitativas de parentalidade, como o compartilhamento igualitário das responsabilidades de criação dos filhos e de ser um pai participativo.

2 MARCO TEÓRICO

No tópico referente à justificativa teórica deste estudo, realizou-se um mapeamento acerca das perspectivas existentes sobre o tema da paternidade participativa. Desse modo, delimitou-se como opção contributiva o Modelo Bioecológico do desenvolvimento humano, marcado por investigar de forma sinérgica e conjunta como diferentes fatores podem influenciar a construção da paternidade. No caso deste estudo, a paternidade participativa traz, na díade pai-filho, de forma sistêmica, as possíveis influências de características pessoais e contextuais relativas a esse fenômeno.

Nesta parte do projeto, no tocante à apresentação do marco teórico, pretende-se tecer uma concepção teórica marcada pela perspectiva da relação sinérgica existente na interação pai-filho, bem como no contexto em que acontece a construção da paternidade. Assim, neste tópico, serão aprofundados os conceitos que permitirão compreender, por meio da experiência dos pais, como ocorre a construção de uma paternidade participativa. Para tanto, elencaram-se como aportes teóricos os conceitos de “processo proximal”, “pessoa”, “contexto” e “tempo”, de Bronfenbrenner (2011), e de “participação” e “envolvimento paterno”, proposto por Lamb (1985) e revisto por Pleck (2010). Para além destes, que representam a perspectiva utilizada, estão os conceitos de “juventudes”, de Abramo (2005), “famílias”, de Petzold (1996), “relações sociais de sexo”, de Cislê (2015) e “divisão do trabalho doméstico”, de Coltrane (1996), igualmente importantes para o desenvolvimento desta pesquisa.

O Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner tem como conceito central o “processo proximal”. Por meio deste, o autor busca compreender como ocorrem as transformações nos indivíduos, mediante uma interação ativa e recíproca entre pessoas, objetos ou símbolos, no ambiente, de forma regular e duradoura. Sendo assim, o processo proximal inclui tanto padrões de estabilidade quanto de mudanças nas características biopsicológicas dos seres humanos, em suas vidas e através das gerações (Bronfenbrenner, 2011). Dessa maneira, considera-se a díade pai-filho e o ambiente, de forma bidirecional, buscando-se compreender os fatores que podem influenciar a construção da paternidade participativa no contexto em que vivem os pais contemporâneos.

É necessário afirmar que o Modelo Bioecológico passou por três fases ao longo do tempo. A primeira fase, denominada Teoria Ecológica, na década de 1970 e início de 1980, considerava que os processos psicológicos eram propriedades de sistemas, enfatizando os aspectos do contexto, em detrimento da pessoa. Em 1989, Bronfenbrenner chegou à segunda fase, abordando os aspectos citados, porém nomeando sua abordagem de teoria dos sistemas

ecológicos. Revisados esses aspectos, nos anos 1990, o autor deu origem a um novo modelo em sua obra. Através da inclusão de novos elementos e de interações mais dinâmicas, levando em conta aspectos do processo, da pessoa, do contexto e do tempo, surge o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (Tudge *et al.*, 2016).

Cabe mencionar que na “versão madura” dessa perspectiva, escolhida para este estudo, não foram negados ou descartados os pressupostos originais, mas sim reformulados, incluindo-se aos ecossistemas novos conceitos, os chamados PPCT: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo. Assim, as interações entre as pessoas já não são mais vistas apenas como função do ambiente, mas como uma designação do processo que, por sua vez, passa a ter papel central na teoria, ao configurar a relação entre o ambiente e as características da pessoa em desenvolvimento (Koller; Narvaz, 2004).

O Processo, enquanto construto fundamental da Teoria Bioecológica, ressalta os processos proximais, ou seja, a interação recíproca entre pessoa e contexto que opera ao longo do tempo, sendo o principal “motor” do desenvolvimento. Destaca-se que a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais têm efeito sobre o desenvolvimento, de acordo como ocorrem, de forma conjunta, as características do ambiente, da pessoa e das mudanças sócio-históricas no tempo em que a pessoa viveu.

Ainda, os processos proximais podem apresentar efeitos de competência, quando há aquisição de conhecimento, habilidades e capacidades, e efeitos de disfunção, no momento em que ocorre dificuldade de manter o controle e a integração do comportamento (Koller; Narvaz, 2004). Sendo assim, o processo de transformação pelo qual o pai tem passado na sociedade atual poderá ser investigado por meio do processo proximal, com base na aquisição de novas habilidades e/ou nas dificuldades nesse processo de transformação.

A Pessoa, no caso deste estudo, o pai, tem o seu desenvolvimento relacionado às características biopsicológicas, assim como às produzidas em sua interação com o ambiente. Desse modo, dividem-se em três grupos: (1) forças: que podem ser geradoras, quando há iniciativa e engajamento na mudança, ou disruptivas, uma vez que há dificuldades no processo de desenvolvimento; (2) recursos biopsicológicos: envolvem habilidades, experiências, competências psicológicas e deficiências; e (3) demandas: aspectos que estimulam ou desencorajam a interação com o ambiente, como idade, sexo, renda, escolaridade e aparência física (Koller; Narvaz, 2004).

Os quatro Contextos são os ambientes caracterizados pelos níveis ou sistemas entrelaçados, nos quais ocorrem os processos proximais, cada um contido no outro, como se fossem bonecas russas. São eles: microssistema (interação face a face, como relação pai-filho

ou relação pai-mãe), mesossistema (relação com o próprio trabalho ou escola do filho, por exemplo), exossistema (a rede de apoio do pai e a comunidade em que ele está inserido) e macrosistema (valores, crenças e cultura presentes no dia a dia do pai) (Koller; Narvaz, 2004).

Por fim, o Tempo, ontogênico, familiar e histórico, que exerce certa pressão na pessoa em desenvolvimento, ao longo de seu percurso (Bronfenbrenner, 2011). Assim, a presente pesquisa busca desmistificar a paternidade do século XXI, buscando compreender este momento de transição e quebra de paradigmas. O modo como pais experienciam a relação com seus filhos fornece valiosa contribuição acerca dos fatores que influenciam a construção dos modelos de paternidade, sobretudo o modelo participativo.

Nesse aspecto, Lamb (1985) destaca-se como um renomado pesquisador no campo da paternidade. Seu trabalho aborda as dinâmicas familiares, com foco no papel dos pais e na importância de seus vínculos com os filhos. Isso abrange diferentes tipos de famílias, incluindo tradicionais e não tradicionais, bem como pais solteiros e famílias com dificuldades financeiras. Além disso, o autor destaca a relevância das relações parentais tanto para o ajuste infantil quanto para a qualidade dos laços estabelecidos entre pais e crianças.

Dessa forma, o autor explora dimensões que podem configurar maior ou menor participação do pai, através de seu comportamento efetivo e ativo, utilizando um dos modelos mais influentes do desenvolvimento paterno para conceituar sua variabilidade. Essas dimensões consistem em: (1) engajamento, que se refere às interações diretas do pai com o filho, como cuidar e brincar; (2) acessibilidade, que diz respeito à disponibilidade do pai em atender as necessidades do filho; e (3) responsabilidade, remete a atividades que não envolvem interação direta, como agendar consultas médicas ou tomar decisões sobre a educação do filho (Lamb, 1985).

Em uma etapa posterior, o modelo passou por uma revisão realizada por Pleck (2010), professor emérito de Desenvolvimento Humano e Estudos da Família na Universidade de Illinois, em Urbana-Champaign. Esse autor contribuiu de modo significativo para as áreas de paternidade e masculinidade, defendendo a ideia de que os pais desempenham um papel essencial no saudável desenvolvimento infantil.

Em sua obra, Pleck (2010) conceitualizou o envolvimento paterno por meio de cinco componentes fundamentais, destacando diferentes formas de interação e participação do pai na vida da criança. Enfatizou, ainda, o impacto positivo que o envolvimento paterno pode ter no desenvolvimento global e no bem-estar dos filhos. Esses cinco componentes do envolvimento paterno são:

Envolvimento positivo – refere-se às interações positivas e afetuosas entre pai e filho, com o objetivo de promover o desenvolvimento saudável da criança. Isso inclui atividades como brincadeiras, conversas, demonstrações de afeto e apoio emocional. O envolvimento positivo cria uma base sólida para o relacionamento entre pai e filho.

Afeto e receptividade – remete à expressão de afeto e à capacidade do pai de responder às necessidades emocionais do filho. Envolve o estabelecimento de um ambiente emocionalmente seguro e acolhedor, no qual a criança se sinta amada, valorizada e compreendida pelo pai.

Controle – trata-se do monitoramento das atividades do filho e da participação na tomada de decisões importantes na vida dele. O pai desempenha um papel ativo na supervisão das atividades da criança, estabelecendo limites apropriados e orientando seu comportamento. Essa dimensão envolve a responsabilidade paterna em auxiliar a formação do caráter e o desenvolvimento moral da criança.

Cuidado indireto – diz respeito ao envolvimento do pai em tarefas que contribuem para o bem-estar e o cuidado da criança, mas não exigem uma interação direta. Isso pode incluir a compra de itens essenciais, como roupas, alimentos e materiais escolares, bem como o planejamento de atividades e providências necessárias para o bem-estar da criança.

Responsabilidade do processo – essa dimensão engloba a consciência parental e a iniciativa do pai em assumir a responsabilidade pelo cuidado e pelo bem-estar do filho. O pai demonstra comprometimento ativo no processo de criação da criança, participando de forma proativa das decisões relacionadas à educação, saúde, segurança e outras áreas importantes para o desenvolvimento saudável (Pleck, 2010).

As dimensões do envolvimento paterno destacadas por Pleck (2010) abrangem diferentes aspectos e comportamentos que compõem a participação dos homens e sua influência na díade pai-filho. O autor ressalta a importância de uma divisão equitativa do trabalho doméstico, desafiando a tradicional segmentação de gênero. Compartilhar igualmente as responsabilidades do trabalho doméstico não apenas alivia a carga das mães, como também demonstra um comprometimento maior dos pais com o cuidado e o bem-estar dos filhos. Pleck defende, por fim, a importância dessa divisão igualitária como um componente essencial da paternidade participativa, promovendo relações mais equitativas e trazendo benefícios para toda a família.

Coltrane (1996), nessa ótica, define a divisão do trabalho doméstico como a distribuição das responsabilidades entre os membros da família, especialmente entre homens e mulheres. Argumenta, ainda, que a igualdade no trabalho doméstico é crucial para

relacionamentos saudáveis e equitativos entre pais e mães, beneficiando o desenvolvimento das crianças. Ele enfatiza a participação ativa dos pais nas tarefas domésticas e destaca os benefícios para ambos, pais e mães, incluindo uma maior satisfação conjugal e um ambiente familiar mais equilibrado.

Por isso, parece-nos mais apropriado investigar a desigualdade de gênero como categoria, representada pelas relações sociais de sexo, compreendendo os modos de ser do ser social, buscando na história o que se tem no hoje. Logo, dentro de uma sociedade capitalista, ainda patriarcal, esta diferença nas relações entre os sexos masculino e feminino se estende para o âmbito familiar, ocasionando nos lares brasileiros uma distinção sexual no cumprimento de tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos.

De acordo com Cislê (2015), utilizar a categoria relações sociais de sexo em vez do conceito de gênero, nos permite compreender o contexto sócio-histórico em que homens e mulheres tiveram suas subjetividades forjadas e o impacto dessa construção social nos papéis de pais e mães, tanto para as famílias quanto para a sociedade como um todo.

Nesse sentido, tomando os pais-jovens como possíveis atores desse momento de construção de um modelo de paternidade na sociedade contemporânea, tem-se os conceitos “juventudes” e “famílias”, ambos no plural, para expressarem a pluralidade existente em cada um em tempos modernos. Juventudes, conforme Abramo (2005), está atrelado à condição social, de modo que os jovens possam ser considerados em sua totalidade, enquanto grupo resultante de transformações individuais e socioculturais. Evita-se, assim, que sejam reduzidos somente ao fator etário.

O século XXI trouxe novos arranjos familiares, quebrando paradigmas da família patriarcal até então vista como o padrão social. Dessa forma, emerge o conceito de famílias, refletindo tais alterações. Nesse cenário, Petzold (1996) sintetiza as diferentes organizações familiares, agrupando-as em uma proposição abrangente de família, por ele denominada “definição ecopsicológica”. Nela inclui-se grande parte dos tipos de famílias existentes na atualidade, sem produzir preconceito ou exclusão em relação a essa ou àquela categoria. Tal conceito torna-se relevante à medida que os pais-jovens estão, de alguma forma, inseridos em um contexto familiar. Tal conjuntura pode manifestar-se de diversas formas, a exemplo de pais-jovens que não coabitam com as mães ou que assumiram sozinhos a criação dos filhos, os chamados monoparentais.

O Modelo Bioecológico, portanto, consoante Koller e Narvaz (2004), apresenta pontos fortes que incluem o contexto sociocultural – como gênero, composição familiar e nível socioeconômico –, a sensibilidade à diversidade cultural ao longo do tempo, a integração da

teoria com a evidência empírica e a valorização das interações interpessoais – como a relação pai e filho e a qualidade do relacionamento conjugal – como influências na construção da paternidade participativa.

Por fim, Brandão *et al.* (2021) destacam que a participação paterna pode variar em diferentes contextos familiares. Sendo assim, o Modelo Bioecológico, que considera aspectos psicossociais e ecológicos nos processos proximais, associados a várias dimensões do envolvimento paterno, e a divisão do trabalho doméstico possibilitam a análise dos fatores que influenciam a paternidade participativa dos pais-jovens.

O quadro conceitual do marco teórico desta pesquisa apresentará um conjunto de conceitos fundamentais e teorias relevantes que servirão como esteio para a compreensão e a análise do fenômeno estudado. Por meio do Quadro 1, serão estabelecidas as teorias que embasa a pesquisa, fornecendo um arcabouço conceitual sólido para a interpretação e exame dos resultados.

Quadro 1 – Síntese conceitual do marco teórico

Autores	Conceitos	Definição
Bronfenbrenner (2011) Koller e Narvaz (2004)	PPCT	Processo Proximal (P): trata das interações e das relações imediatas em que o indivíduo está envolvido, como, por exemplo, as interações familiares e sociais. Esses processos próximos têm impacto direto no desenvolvimento. Indivíduo (P): refere-se às características individuais, como personalidade, habilidades, crenças e motivações, que influenciam o desenvolvimento. Contexto (C): remete aos ambientes mais amplos, nos quais o sujeito está inserido, incluindo a família, a comunidade, a cultura e a sociedade. Esses contextos fornecem o ambiente em que os processos próximos ocorrem. Tempo (T): aborda o aspecto temporal e histórico do desenvolvimento, abrangendo as mudanças que ocorrem ao longo do tempo e como elas influenciam o desenvolvimento.
Lamb (1985) Pleck (2010)	Participação paterna Dimensões do envolvimento paterno	Participação paterna é a presença ativa dos pais na vida dos filhos. A participação dos pais pode ser medida por meio de cinco dimensões: envolvimento positivo; cordialidade e receptividade; controle; cuidado indireto; responsabilidade do processo.
Abramo (2005)	Juventudes	Condição social que incorpora aspectos individuais e históricos à diversidade e à heterogeneidade dos jovens, destacando-se as influências socioculturais em suas vidas. Os jovens são capazes de atribuir significados e transformar suas realidades, resultando em uma pluralidade de formas de ser jovem.
Petzold (1996)	Famílias	Definição ecopsicológica que inclui diferentes formatos familiares, levando em conta as transformações ocorridas na sociedade contemporânea. De acordo com essa concepção, familiares são aqueles com os quais se mantém um vínculo baseado na intimidade e nas relações intergeracionais. Essa visão incorpora variáveis externas e características das relações entre cônjuges, genitores e filhos e entre esses e outras pessoas que podem fazer parte da família. Além disso, considera aspectos próprios dos cinco sistemas ecológicos: o macro, o exo, o meso, o micro e o cronossistema, de Bronfenbrenner. Para Petzold (1996), em cada um desses sistemas existem variáveis que influenciam a formação e a caracterização da família.
Cisnê (2015)	Relações sociais de sexo	Utilizar relações sociais de sexo, em vez de gênero, significa considerar o contexto sócio-histórico de uma sociedade capitalista – e ainda patriarcal – e compreender os modos de ser do sujeito social, buscando na história o que se tem no hoje. Essa diferença nas relações entre os sexos masculino e feminino estende-se ao âmbito familiar, ocasionando nos lares brasileiros uma distinção sexual no cumprimento de tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos.
Coltrane (1996)	Divisão do trabalho doméstico	A divisão do trabalho doméstico diz da alocação de responsabilidades relativas aos afazeres da casa entre os membros da família, especialmente entre homens e mulheres, e inclui tarefas como cuidar dos filhos, gestão da casa, bem como tarefas de caráter emocional. Diz sobre a divisão do trabalho não remunerado, feito de modo a assegurar a manutenção do lar e do convívio familiar.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O quadro conceitual fornece, assim, a estrutura teórica necessária para alicerçar o desenvolvimento e a contribuição científica do presente estudo.

3 MÉTODO

No presente estudo, foi escolhida a abordagem metodológica qualitativa, cujo foco é uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, envolvendo a análise de múltiplos casos. Segundo Lakatos e Marconi (2008), a coleta de dados descritivos proporciona uma compreensão da realidade e da vida cotidiana das pessoas. Isso permite uma exploração abrangente, levando em conta aspectos subjetivos, como a avaliação de hábitos e estilos.

Conforme Yin (2001), o método do estudo de caso refere-se a uma análise empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos e, pode ser tanto caso único quanto estudo de casos múltiplos. Para Gil (2008), o estudo de caso se caracteriza pela análise aprofundada, de modo a permitir o conhecimento amplo e detalhado de um fenômeno, vivenciado por uma ou mais pessoas, referindo-se à condição do contexto em que está sendo feita determinada análise.

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida nos Laboratórios de Desenvolvimento Infantil e Humano (LDI e LDH), localizados e mantidos pela Universidade Federal de Viçosa. Por configurarem uma Unidade de Educação Infantil, os laboratórios possuem espaços de formação humana e profissional e são vinculados ao Departamento de Educação Infantil da Instituição. Os espaços têm por objetivo atender as atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade, visando à produção do conhecimento acerca de infâncias, famílias, desenvolvimento humano e educação infantil, adotando como sujeitos de estudo as crianças e suas respectivas famílias. Cabe salientar que ambos os laboratórios cumprem a mesma função, com a diferença de que o LDI recebe bebês à partir dos 3 meses de idade até crianças de 3 anos e o LDH está direcionado a faixa etária de 4 e 5 anos (LDI/ LDH, 2023).

Cabe salientar que, a princípio, os laboratórios foram inaugurados como Creche, na data de 8 de julho de 1988, atendendo a demanda das mães servidoras que necessitavam de um lugar seguro e educativo para suas filhas e filhos, e assim pudessem desenvolver suas atividades laborais. Com o tempo, o escopo de atendimento foi expandido para incluir não apenas mães servidoras, mas também pais servidores e pais estudantes. Essa expansão não apenas aumentou a capacidade de atendimento, mas também ampliou a faixa etária atendida,

que originalmente abrangia de 0 a 3 anos e foi estendida para abranger as idades de 5 e 6 anos (LDI/ LDH, 2023).

No ano de 1999, foi adotada uma nova proposta para que a Universidade continuasse a prestar esse serviço à comunidade, objetivando não só oferecer um espaço de atendimento à criança, mas também um espaço de formação profissional, onde seriam produzidos e socializados conhecimentos científicos relativos à diversidade de formação proposta por esta Universidade, atendendo aos 3 eixos principais de formação: o ENSINO, a PESQUISA, e a EXTENSÃO. Assim, a Creche da Universidade Federal de Viçosa foi extinta, e transformada em Laboratório de Desenvolvimento Infantil – LDI, e Laboratório de Desenvolvimento Humano - LDH, ainda atendendo somente a comunidade universitária, entre servidores e estudantes (LDI/ LDH, 2023).

Porém, em 2016, implementou-se um novo formato de atendimento, no qual a oferta foi estendida a toda a população viçosense, propiciando maior inclusão e diversidade no atendimento. Dessa maneira, o acesso aos laboratórios ocorre por meio de um sorteio público e universal de vagas. Tal fato vai ao encontro deste estudo, uma vez que, nesse local de pesquisa, foi possível encontrar pais de diferentes classes socioeconômicas, profissões e idades diversificadas. É válido ressaltar que a escola recebeu o documento de Autorização para Realização da Pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Anexo C).

Em relação ao município, Viçosa situa-se no interior de Minas Gerais e é tanto o local de residência desta autora quanto uma cidade universitária, contando com uma considerável população jovem, diversificada em sua composição. No âmbito geográfico, localiza-se na Zona da Mata mineira e abriga uma população de 76.430 habitantes, abrangendo uma área territorial de 299km². Sua densidade populacional é de 255,26 habitantes por km², de acordo com dados do IBGE (2022).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para a realização desta pesquisa, foram definidos alguns critérios para a escolha dos pais-jovens. Os no LDI e LDH foram a Instituição escolhida para chegar no perfil desejado dos pais devido à possibilidade de encontrar pais de diferentes classes socioeconômicas, profissões e idades diversificadas.

Sendo assim, após realização do contato com a Instituição para ter acesso aos formulários cadastrais das crianças, analisou-se um a um, selecionando-se então aqueles pais

que tiveram o primeiro filho entre 18 e 29 anos, culminando num total de 35 pais-jovens, sendo 20 deles, pais com filhos no LDI e 15 pais com filhos no LDH.

Vale ressaltar que feito contato com todos eles e, ao final, foram entrevistados 15 pais-jovens, pertencentes a diferentes níveis socioeconômicos, rendas variadas, níveis de escolaridade e idade entre 18 a 29 anos quando tiveram o primeiro filho. Todos eles demonstraram interesse em participar da pesquisa. No capítulo de resultados e discussões encontra-se a descrição do perfil dos 15 pais participantes desta pesquisa (Quadro 3).

Bauer e Gaskell (2014) referem que um limite entre 15 e 25 entrevistas individuais é suficiente para atingir o ponto de saturação, no qual as informações começam a se repetir. Os autores destacam ainda que a partir deste momento, dificilmente aparecerão novas percepções sobre o fenômeno. Neste ponto de saturação, o pesquisador deve conferir se já pode obter uma compreensão pretendida do fenômeno com os dados obtidos. Se isto for corroborado, pode-se encerrar a realização de entrevistas. A partir destas considerações, observou-se que, após a realização das entrevistas com os 15 pais, os conteúdos começaram a se repetir e já possibilitavam a compreensão pretendida do fenômeno, não sendo necessário realizar mais entrevistas para atingir o ponto de saturação.

Tal análise foi confirmada pelo software IRaMuTeQ que indicou nível de saturação para este trabalho de 3,43%, garantindo que o corpus textual seja suficientemente abrangente para permitir uma análise robusta, sem ser excessivamente volumoso. Entre suas diversas funcionalidades, uma das mais importantes é a capacidade de indicar o "nível de saturação" em análises de conteúdo (Camargo; Justo, 2013).

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Esta pesquisa foi executada em três etapas. O primeiro passo deste estudo foi a solicitação de acesso aos formulários de cadastro que os pais preencheram ao matricularem os filhos na Instituição de Ensino escolhida. Realizou-se um levantamento inicial do quantitativo de pais integrantes do grupo jovem, entre 18 e 29 anos, bem como as informações constantes nos formulários cadastrais.

Após esse levantamento, foi iniciada a coleta de dados, efetuando-se uma caracterização dos pais-jovens. Analisou-se as informações presentes nos formulários cadastrais preenchidos por eles no ato da matrícula dos filhos. Ressalta-se que todos esses passos foram realizados no ano de 2023. O intuito foi delimitar a paternidade jovem com apoio nos fatores renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade,

informações integrantes dos formulários preenchidos pelos pais. A obtenção dos dados nessa primeira análise ocorreu de forma presencial, dentro dos laboratórios. As informações coletadas foram analisadas, organizadas e discutidas no capítulo Resultados e discussão.

Após mapear a paternidade jovem, realizou-se, em um segundo momento, entrevistas em profundidade. Nessa etapa, foram selecionados para a realização das entrevistas os pais-jovens com diferentes idades, rendas, escolaridades, composições familiares e profissões, dando atenção àqueles que trabalham fora de casa e, também, aos que se intitulam como “do lar”, ou que por algum motivo passam o dia em casa.

Para esse fim, adotou-se a abordagem de entrevista narrativa, metodologia que visa obter relatos detalhados sobre a vida e as experiências dos participantes. Essa técnica, segundo Valles (2002), baseia-se na compreensão de que as narrativas individuais representam uma forma de expressão notável e podem oferecer insights valiosos sobre a vida do entrevistado, suas perspectivas, suas emoções, seus valores e suas crenças. Ao contrário das entrevistas estruturadas ou padronizadas, nas quais as perguntas são predeterminadas, a entrevista narrativa segue uma abordagem mais aberta e flexível.

As entrevistas se desenrolaram como conversas naturais, guiadas por uma pergunta inicial aberta que convidava os pais-jovens a compartilharem suas histórias de forma completa e detalhada. Um roteiro de entrevista serviu como apoio, sempre priorizando a expressão livre dos participantes (Apêndice B). Dessa forma, buscou-se compreender, de modo profundo, a experiência dos pais-jovens, capturando as nuances e as complexidades de suas narrativas. Isso porque a entrevista narrativa valoriza a subjetividade e a perspectiva individual, reconhecendo que cada pessoa possui uma história única. Ademais, essa abordagem permitiu que os pais-jovens expressassem suas próprias vozes e promovessem o entendimento de suas experiências individuais e coletivas.

Os pais-jovens foram convidados a participarem das entrevistas via comunicação telefônica, sendo a eles informado que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) seria entregue no ato da entrevista para assinatura. Após manifestação do interesse e do consentimento, as entrevistas foram conduzidas de forma individual e aleatória, em local definido pela pesquisadora e pelo entrevistado. Buscou-se alcançar a maior participação possível de homens/pais, jovens, por considerar que a experiência destes é sentida e concebida de diferentes maneiras de acordo com a influência de fatores socioeconômicos, pessoais e culturais. Por isso, respeitou-se a heterogeneidade do universo de análise em termos da composição com relação ao perfil.

Por fim, reitera-se que essa abordagem se fundamenta na compreensão de que a experiência dos pais-jovens é vivenciada e elaborada de maneiras diversas, influenciada por fatores socioeconômicos, pessoais e culturais. Portanto, foi possível examinar os “processos proximais” do desenvolvimento dos pais-jovens, com amparo em suas características pessoais e culturais sobre a paternidade participativa (Bronfenbrenner, 2011). Além de considerar também o entendimento das dimensões do envolvimento paterno (Lamb, 1985; Pleck, 2010).

3.4 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O presente trabalho pautou-se pelos princípios éticos e científicos da pesquisa científica, buscando garantir o bem-estar dos participantes, a confiabilidade dos dados coletados e a responsabilidade social da investigação.

Sendo assim, após termo de autorização da Instituição (Anexo B), ocorreu a coleta de dados desta pesquisa, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Viçosa, garantindo a conformidade com os princípios éticos estabelecidos na Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalha os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, assegurando sigilo, confidencialidade e o direito de desistência a qualquer momento (Anexo A).

Ademais, assegurou-se durante a realização das entrevistas o respeito a autonomia, dignidade e privacidade dos participantes, sendo todas elas rezadas em local apropriado e com total identificação e explicação dos objetivos pelos pesquisadores. Por fim, os dados coletados foram armazenados em local seguro, com acesso restrito aos pesquisadores, garantindo a confidencialidade das informações.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos dados da pesquisa, provenientes das informações contidas nos formulários cadastrais e da realização de entrevistas com os pais-jovens, envolveu a identificação e categorização dos conteúdos, resultando na geração de conhecimento e no avanço da compreensão dos fenômenos estudados. Para tanto, adotou-se a análise de conteúdo, proposta por Bardin (2016).

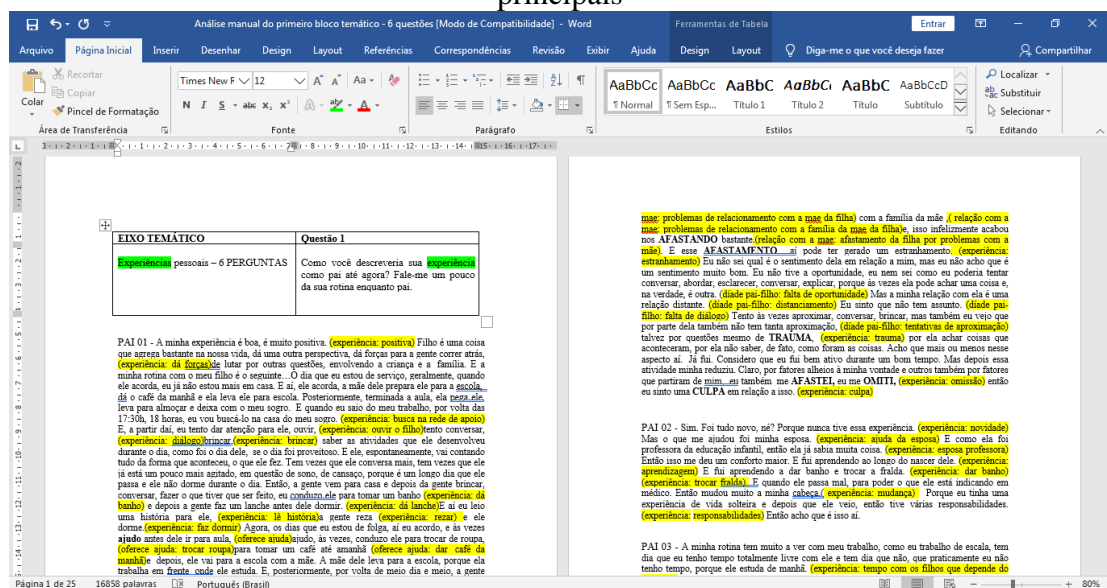
A análise de conteúdo foi organizada em três fases: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados - inferência e interpretação. A pré-análise compreende

uma leitura fluida, seleção de documentos, referência de índices, elaboração de indicadores e preparação do material. Na etapa subsequente, o material é explorado para identificar categorias nos discursos dos entrevistados, sendo que as categorias nada mais são que agrupamentos de elementos com características comuns. Por último, a terceira fase, que consiste no tratamento dos resultados e interpretação dos dados obtidos (Bardin, 2016).

Sendo assim, norteou-se as entrevistas a partir dos eixos temáticos correlacionados com os objetivos específicos propostos para este estudo. Cada questionamento de cada eixo temático foi analisado separadamente, onde emergiram categorias e subcategorias de análise que serão discutidos ao longo deste trabalho.

As entrevistas realizadas foram transcritas para um documento de texto, criando um rico repositório de dados textuais. Utilizando a técnica da análise de conteúdo temático-categorial, o texto foi dividido em eixos temáticos, explorando na sequência os significados associados a cada um deles e ao tema central, conforme Figura 1.

Figura 1 – Exploração do material: Repositório de dados textuais dividido em temas principais



Fonte: dados da pesquisa (2023).

Na sequência, o material textual foi organizado em uma planilha do Excel, facilitando a análise manual. Com essa ferramenta, extraímos as categorias e subcategorias que compõem a estrutura temática do estudo, como ilustrado na Figura 2.

Figura 2 – Análise manual realizada em planilha do Excel

	A	B	C	D	E	F	G	H
11	1	Recorte da pergunta 1						
15	1	eu leio uma história para ele	subcategoria	Código macro	Código micro, depois de dois pontos			
16	1	ajudo, às vezes, conduzo ele para trocar de roupa	execução de tarefas	rotina	ler histórias antes de dormir			
57	5	conduzo ele para tomar um café ele amanhã	execução de tarefas	ajuda	trocar roupa			
61	5	A minha rotina com as duas, eu acordo por volta de 5h30 da manhã, mais ou menos, pra preparar o café da manhã	execução de tarefas	ajuda	dar café da manhã			
62	5	pra minha mãe velha, porque ela às 5h30 vai pra escola, ela estuda de manhã	execução de tarefas	rotina	prepara o café da manhã			
64	5	e eu ajudo no preparo da mais nova pra vir pra escola	execução de tarefas	ajuda	arrumar a filha para a escola			
65	5	Não sempre nos dirigimos pra escola de bicicleta, juntos.	execução de tarefas	rotina	leva a filha para a escola			
66	5	Eu vou buscá-la às 8h da tarde.	execução de tarefas	rotina	busca na escola			
67	5	Nós chegamos em casa, e eventualmente, quando a minha esposa ainda está na rua eu dou banho na mais nova	execução de tarefas	rotina	eventualmente dá banho			
68	5	Não chegamos em casa, e eventualmente, quando a minha esposa ainda está na rua eu dou banho na mais nova e	execução de tarefas	rotina	eventualmente faz o jantar			
71	6	preparo um jantar	execução de tarefas	rotina	le histórias antes de dormir			
72	6	Em seguida eu leio histórias pra mais nova dormir	execução de tarefas	ajuda	fazer dever de casa			
73	6	ajudo com algum dever de casa	execução de tarefas	rotina	busca na escola			
81	8	É mais o mais velho, que eu levo pra aula na parte da tarde.	execução de tarefas	rotina	leva para a escola			
87	9	E aí de tarde, toda vez, eu que busco ele na escola	execução de tarefas	rotina	leva para a escola			
88	9	Eu que trago na escola	execução de tarefas	rotina	leva para a escola			
89	9	São pra levar a mais velha na aula	execução de tarefas	rotina	leva para a escola			
90	9	Geralmente, na verdade, o banho é sempre comigo. E 90% das vezes comigo. Quando eu não estou em casa, que eu estou fazendo alguma coisa, minha esposa espera eu chegar e, eu dou banho nela. (experiência: dá banho sempre).	execução de tarefas	rotina	dar o jantar			
115	11	O dia que eu busco, eu dou jantar para as duas.	execução de tarefas	divisão de tarefas	combinado com a mãe a divisão das tarefas			
118	11	E porque quando a mais nova nasceu, a gente meio que combinou, como minha esposa tinha que amamentar, ela foi mãe da mais nova. E eu fui pai da mais velha. Separou. Cada um era pai e mãe de uma.	execução de tarefas	rotina	leva para a escola			
119	11	E eu e a minha esposa, saímos e deixamos a mais velha na escola (leva para a escola) e vamos trabalhar	execução de tarefas	rotina	busca na escola			
120	11	buscamos uma no LULI, depois a gente faz o retorno e buscamos a segunda no Angélio e vamos para casa. Chegando em casa, geralmente é jantar para as crianças. Nessa hora da comida, aí começa a bagunça, começa o choro, começa a bagunça e aí começa banho em uma, banho na outra, pede para a terceira, a mais velha, que é a mais enrolada, para tomar banho também.	execução de tarefas	rotina	dar banho			

Fonte: dados da pesquisa (2023).

Na sequência, passou-se para a etapa de tratamento dos resultados, em que foram feitas inferências e interpretações a partir das contribuições teóricas adotadas neste estudo. Os dados obtidos nas entrevistas possibilitaram a criação de eixos temáticos, categorias de análise e suas respectivas subcategorias. Foi definido como unidade de registro (UR) o eixo temático, que nada mais é do que o tema, que por sua vez é geralmente usado para estudar opiniões, atitudes, crenças, servindo também como base para analisar respostas a entrevistas e questões abertas (Bardin, 2016).

Já a unidade de contexto serve para a compreensão da unidade de registro. Neste trabalho foi definido como unidade de contexto o parágrafo. Foi analisada também a frequência de aparecimento das unidades de registro. Conforme Bardin (2016), a importância de uma unidade de registro aumenta com a sua frequência de aparição. Com base nesses elementos pode-se verificar o conjunto de aspectos diferenciais e semelhantes referentes às questões específicas.

Sendo assim, os resultados obtidos nas entrevistas com os participantes foram divididos em cinco eixos temáticos para melhor analisar as respostas dos entrevistados e suas concepções acerca do assunto tratado. Reafirmando que esses eixos temáticos estão correlacionados com os objetivos específicos propostos para este estudo.

No Quadro 2 é possível verificar quatro dos cinco eixos temáticos, com suas categorias e subcategorias de análise:

Quadro 2 – Síntese dos eixos temáticos 1 a 4, com suas respectivas categorias e subcategorias de análise

Eixo Temático	Categorias	Subcategorias
1 - Experiências pessoais	Dualidade das emoções na vivência da paternidade	Forças geradoras (positivas)
		Forças disruptivas (negativas)
	A dinâmica do engajamento paterno	Comportamentos ativos
		“Ser pai na marra”: paternidade em idade precoce
		Trabalho e paternidade: Renda x Presença
	Pais-Jovens e o papel da paternidade: Uma divisão entre o ser e o ter	Ser complemento da mãe
		Ter responsabilidades
	Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família	Entre o desejo e a realidade: Impactos negativos do trabalho na disponibilidade para a Paternidade
		Flexibilização do trabalho: uma realidade de poucos
	Outras experiências dos pais-jovens	Separação/Divórcio: com a voz os pais recasados
2 - Dimensões culturais	O que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?	Família patriarcal e o modelo ideal de paternidade
		Igualdade nos papéis de pai e mãe: expectativa de maior participação paterna
		O que era ser pai antigamente e o que é ser pai hoje? Vivendo um momento de transição nos papéis de gênero
	Impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho	Estabilidade conjugal e coparental: Um facilitador do envolvimento paterno
		Conflito conjugal e coparental: Um desequilíbrio na díade pai-filho e na dinâmica familiar
		Respeito as regras individuais impostas aos filhos: “A hora do meu não é o meu não, a hora do não dela é o não dela”
	Referência paterna e a evolução da paternidade no tempo: De pai para pai	Paternidades semelhantes: reproduzindo o legado
		Paternidades opostas: rompendo com a rigidez e desconstruindo o modelo tradicional
		Entre honrar o legado e construir um novo caminho
3 - Divisão do trabalho doméstico	A importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas	Dinâmica familiar nos lares dos pais-jovens: Negociação flexível
		Falta de comunicação: um possível entrave na divisão das tarefas do lar
	Distribuição de tarefas: A divisão é igual para pai e mãe?	Delegação de tarefas (empregada doméstica/diarista/babá)
		“Quem faz tudo é a minha mulher”: A mãe é sempre mais atarefada
		A responsabilidade das tarefas é maior para o pai
4 - Impactos da paternidade participativa	Benefícios da paternidade participativa para pais e filhos	Bem-estar dos filhos
		Futura compensação
		Benefício emocional
		Tempo de qualidade
		Acompanhar o desenvolvimento dos filhos

Fonte: dados da pesquisa (2023).

O eixo temático 5 – “Dimensões do envolvimento paterno” foi analisado por meio do modelo de participação paterna proposto por Lamb (1985) e Pleck (2010).

Quadro 3 – Síntese do eixo temático 5 – Dimensões do envolvimento paterno - Modelo proposto por Lamb (1985) e Pleck (2010)

5 - Dimensões do envolvimento paterno	Envolvimento Positivo	Brincar Dialogar
	Afeto e receptividade	Expressar sentimentos Permitir que o filho expresse sentimentos
	Cuidado Indireto	Comprar roupas Comprar alimentos Comprar material escolar
	Controle	Ser ativo na imposição de limites
	Responsabilidade do processo	Dar banho Levar a escola Participar de reuniões escolares Marcar consultas médicas Acompanhar em consultas médicas

Fonte: dados da pesquisa (2023).

Para além disso, visando complementar a análise manual, utilizou-se o *software* IRaMuTeQ. Desta forma todo o material textual foi transcrito em um segundo documento de texto, organizado em um corpus e submetido ao programa informático IRaMuTeQ versão 0.6 (Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), desenvolvido por Pierre Ratinaud (Ratinaud; Marchand, 2012).

Este programa é de acesso gratuito e permite diferentes tipos de análise de dados textuais, como: cálculo de frequência de palavras; análises multivariadas como Classificação Hierárquica Descendente; nuvem de palavras, análise fatorial de correspondência e análise de similitude (Camargo; Justo, 2013). Conforme Salviati (2017), a utilização do IRaMuTeQ proporciona uma análise lexical do material textual a partir de uma subdivisão do texto em classes hierárquicas, identificadas através dos segmentos de textos que compartilham o mesmo vocabulário, facilitando, assim, ao pesquisador conhecer o seu teor.

Para este estudo, foi utilizada a ferramenta “nuvem de palavras” do *software* IRaMuTeQ, que destaca as palavras mais frequentes no texto das entrevistas, agrupando e organizando-as graficamente de acordo com sua frequência. Embora seja uma análise lexical

mais simples, ela oferece uma representação gráfica bastante interessante. Além disso, foram empregadas as “estatísticas textuais” para exemplificar e validar a nuvem de palavras, e a ferramenta “nível de saturação” para assegurar que o número de participantes fosse suficiente para a análise dos dados

3.6 LIMITAÇÕES DOS MÉTODOS DE COLETA

A primeira etapa da coleta de dados, que consistiu na análise dos formulários cadastrais e triagem dos pais-jovens da Instituição de Educação Infantil, revelou um panorama interessante: a presença de pais-jovens com diferentes níveis de escolaridade. Apesar da identificação de pais-jovens com ensino fundamental, apenas um deles se dispôs a participar da pesquisa. A triagem também indicou pais-jovens com níveis diferentes de pós-graduação (especialização e mestrado), mas, da mesma forma, apenas um em cada nível aceitou o convite para participar. Apesar das restrições de participação, a oportunidade de entrevistar ao menos um pai-jovem de cada nível de escolaridade foi considerada satisfatória. Essa representatividade, mesmo que limitada, permite um olhar mais abrangente sobre a realidade dos pais-jovens e suas experiências.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo, demonstram-se as descobertas obtidas no exame dos dados à luz da literatura existente. A análise efetuada visa não apenas interpretar os dados, mas também contextualizar os resultados dentro do campo de estudo, proporcionando uma compreensão aprofundada das descobertas e suas repercussões teóricas e práticas. Nesse sentido, inicia-se pela descrição do perfil dos pais-jovens entrevistados, seguida da análise e da discussão dos cinco eixos temáticos apresentados no capítulo 3.

4.1 Descrição do perfil dos pais-jovens

Com base na análise dos dados que emergiram nos formulários cadastrais, bem como nas entrevistas realizadas, foi possível verificar o perfil dos pais participantes da pesquisa. Por questões éticas, atribui-se aos pais entrevistados uma identificação numérica, do Pai 1 ao Pai 15, conforme apresentado no Quadro 4.

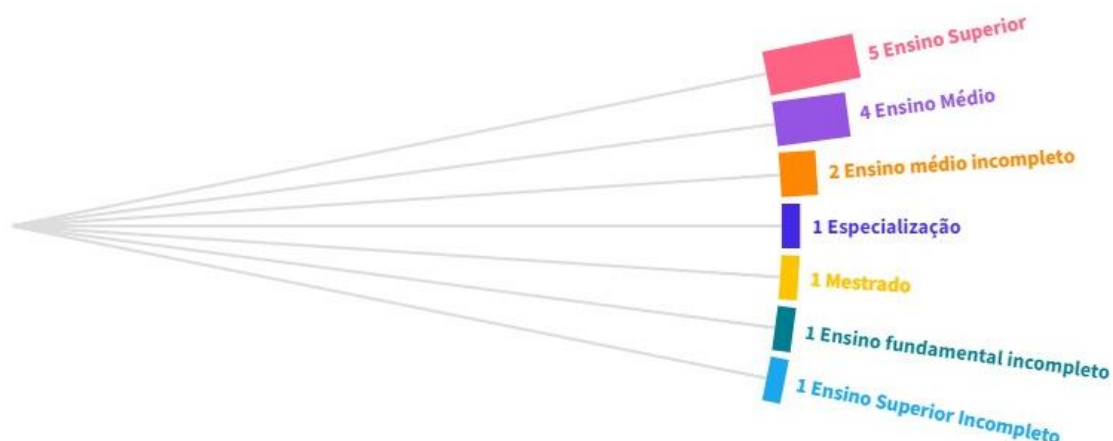
Quadro 4 – Descrição do perfil dos pais-jovens

<i>Informações</i>	<i>Idade em que teve o 1º filho</i>	<i>Idade no momento da entrevista</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Configuração familiar</i>	<i>Coabitação</i>	<i>Renda individual</i>
<i>Pai 1</i>	18 anos	35 anos	Especialização	Policial Militar	Recasado	Pai, mãe e filho	R\$ 10.000,00
<i>Pai 2</i>	29 anos	36 anos	Ensino Médio	Representante comercial	Nuclear	Pai, mãe e filho	R\$ 3.000,00
<i>Pai 3</i>	29 anos	36 anos	Ensino Superior	Policial Militar	Nuclear	Pai, mãe e filhos	R\$ 5.000,00
<i>Pai 4</i>	24 anos	37 anos	Ensino Superior	Professor	Ampliada	Pai, mãe e filhos e um sobrinho	R\$ 4.500,00
<i>Pai 5</i>	25 anos	41 anos	Ensino Superior	Servidor Público	Ampliada	Pai, mãe e filhas e sogra	R\$ 3.200,00
<i>Pai 6</i>	27 anos	34 anos	Ensino Médio	Líder Operacional	Nuclear	Pai, mãe e filhos	R\$ 6.000,00
<i>Pai 7</i>	29 anos	32 anos	Ensino Médio Incompleto	Pintor	Nuclear	Pai, mãe e filho	R\$ 4.200,00
<i>Pai 8</i>	19 anos	33 anos	Ensino Médio completo	Serralheiro	Nuclear	Pai, mãe e filhos	R\$ 6.000,00
<i>Pai 9</i>	28 anos	33 anos	Ensino Superior	Administrador	Nuclear	Pai, mãe e filhas	R\$ 12.000,00
<i>Pai 10</i>	19 anos	33 anos	Ensino Superior	Servidor Público	Recasado	Pai, mãe e filhos	R\$ 6.000,00
<i>Pai 11</i>	22 anos	37 anos	Mestrado	Servidor Público	Nuclear	Pai, mãe e filhas	R\$ 7.500,00
<i>Pai 12</i>	26 anos	33 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Agricultor	Nuclear	Pai, mãe e filhos	R\$ 2.800,00
<i>Pai 13</i>	23 anos	26 anos	Ensino Superior Incompleto	Produtor audiovisual	Nuclear	Pai, mãe e filho	R\$ 12.000,00
<i>Pai 14</i>	22 anos	44 anos	Ensino Médio	Frentista	Nuclear	Pai, mãe e filhos	R\$ 2.800,00
<i>Pai 15</i>	28 anos	32 anos	Ensino Médio Incompleto	Bombeiro Militar	Nuclear	Pai, mãe e filho	R\$ 4.200,00

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em relação à escolaridade, a análise revelou que os Pais 3, 4, 5, 9 e 10 possuem ensino superior completo, destacando-se como o grupo mais engajado na pesquisa, seguidos pelos Pais 2, 6, 8 e 14, com Ensino Médio completo, e dos Pais 7 e 15, com Ensino Médio incompleto. Incluem-se, ainda, o Pai 12, com Ensino Fundamental incompleto, o Pai 13, com ensino superior incompleto, o Pai 1, com especialização, e o Pai 11, com mestrado. É o que se observa na Figura 3:

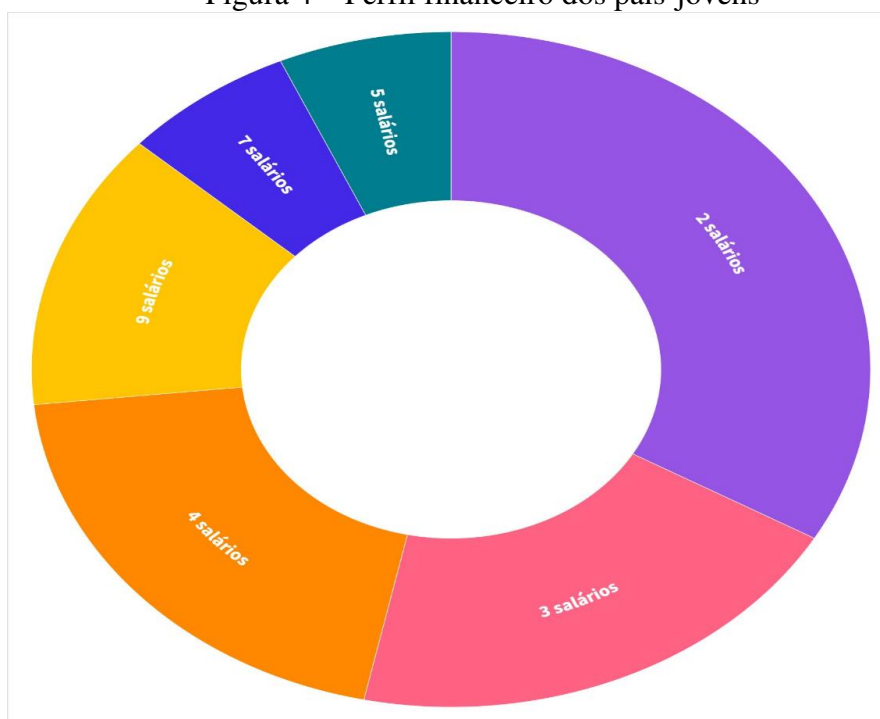
Figura 3 – Relação entre participação dos pais-jovens na pesquisa e nível de escolaridade



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No que se refere à renda, identificou-se uma disparidade entre os pais-jovens, variando entre R\$ 2.800,00 e R\$ 12.000,00. Desse modo, o nível de renda dos 15 participantes oscila entre dois e nove salários mínimos, conforme Figura 4:

Figura 4 – Perfil financeiro dos pais-jovens



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Em se tratando de formato familiar, observou-se que os Pais 1 e 10 são recasados e, no momento das entrevistas, viviam em uma família nuclear, nuclear, com esposa e filhos do segundo casamento.

Na revisão de literatura deste trabalho, a pluralidade familiar foi um conceito central, ressaltando a diversidade nas estruturas familiares, como é o caso dos pais recasados participantes. No entanto, a pesquisa não identificou a presença de pais homossexuais ou monoparentais, o que não significa que estejam ausentes na comunidade. Sendo assim, entre os pais-jovens participantes, a maioria vive em famílias tradicionais (13 pais). Convém pontuar que, em ambos os casos de pais-jovens recasados, ficou claro que a quantidade de conflitos parentais após a separação influenciou de forma negativa o contato com os filhos.

Ademais, os Pais 4 e 5 vivenciam o formato de família ampliada, coabitando com sobrinho e sogra, respectivamente, e evidenciam um sentimento de solidariedade e acolhimento. Com o intuito de proporcionar ao jovem a oportunidade de concluir seus estudos, o Pai 4 abriu as portas de seu lar, criando um ambiente propício para o crescimento e o desenvolvimento do sobrinho. Em troca, o jovem contribui para a família, auxiliando nos cuidados com os filhos e fortalecendo os laços de afeto. No caso do Pai 5, ele convidou a sogra para morar com sua família, oferecendo suporte em um momento em que ela se encontrava com a saúde debilitada.

Esses relatos ilustram, portanto, a relevância da família ampliada e da rede de apoio na vida dos pais-jovens. A solidariedade e o apoio mútuo entre os membros da família constroem uma rede de suporte para superar desafios e promover o bem-estar de todos. A rede de apoio representa um dos aspectos que interferem na trajetória de desenvolvimento individual e familiar e, por conseguinte, repercute no desenvolvimento dos filhos (Campeol *et al.*, 2022).

Por último, no tocante à idade, a maioria dos pais-jovens teve filhos entre 25 e 29 anos, corroborando o que fora encontrado na literatura. No Brasil, 41% dos jovens já possuem filhos, e essa condição apresenta variação consoante idade, renda, escolaridade e estado civil. Nota-se que esse processo ocorre na faixa etária próxima do limite do que é considerado juventude, com base na vertente demográfica – entre 25 e 29 anos. Tais dados reiteram, pois, a diferença de significado entre os subgrupos da juventude, apresentados pelo Estatuto da Juventude, de modo que a paternidade jovem pode ocorrer de maneiras diferentes, a depender da faixa etária e, também, da renda, da escolaridade e do estado civil (Abramo, 2005).

4.2 EIXO TEMÁTICO 1 – EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DOS PAIS-JOVENS

A paternidade, como um caleidoscópio de cores vibrantes, manifesta-se de forma única em cada homem, moldada por sua história, seus valores e suas vivências. Por isso, é preciso recorrer ao homem para compreender as formas como esse ser humano constrói a sua própria paternidade em um determinado contexto social e cultural. Com essa concepção de Lamb (2010), estudioso da paternidade, este capítulo debruça-se sobre a análise do primeiro eixo temático desta pesquisa, desvendando as nuances da experiência cotidiana dos pais-jovens. Por meio da análise das entrevistas, emergiram categorias e subcategorias que iluminaram as diversas facetas dessa jornada.

Para ilustrar as narrativas dos pais-jovens, apresentam-se relatos que transcendem a mera descrição, convidando a mergulhar nas realidades dos participantes. Ao longo deste subcapítulo, os Quadros 5 a 10 organizam as categorias e as subcategorias extraídas das entrevistas, oferecendo um mapa para navegar pelas diferentes perspectivas dos pais-jovens. Cada categoria lança luz a um aspecto específico da experiência, enquanto as subcategorias revelam suas particularidades. Dessa forma, inicia-se pela perspectiva paterna em relação à experiência cotidiana, a qual se dividiu em emoções boas e ruins, conforme subseção 4.2.1.

4.2.1 Dualidade das emoções na vivência da paternidade

Ao serem questionados sobre como vivenciam a paternidade no dia a dia, os homens entrevistados revelaram variados sentimentos, ora positivos, ora negativos. Essa pluralidade emocional, segundo Dos Santos *et al.* (2022), está ligada ao contexto em que esses pais estão inseridos. A paternidade masculina, de acordo com o autor, é uma construção dinâmica moldada pelas interações constantes entre o homem, sua família e ele mesmo. Randles (2020) acrescenta ao afirmar que a identidade paterna não é estática e universal. Ela se molda conforme o contexto social, cultural e familiar em que cada pai está inserido. As expectativas e os valores atribuídos à paternidade variam consoante a realidade de cada indivíduo, influenciando a forma como ele se percebe e exerce esse papel.

Nessa jornada, o conflito de sentimentos tece a narrativa da paternidade. As emoções positivas descritas, como “amor”, “alegria” e “orgulho”, alimentam a relação entre pais e filhos. Nesse sentido, consoante a perspectiva bioecológica, representam as “forças geradoras” da paternidade. São elas que impulsionam os pais a buscarem o bem-estar de seus filhos, a dedicarem tempo e atenção à sua criação, bem como a vivenciarem momentos de alegria e plenitude (Bronfenbrenner, 2011).

Por outro lado, os sentimentos negativos, como “medo”, “insegurança”, “frustração” e “culpa”, podem surgir diante dos desafios e das responsabilidades da criação de um filho. Na concepção de Bronfenbrenner (2011), consistem nas “forças disruptivas”, que compreendem as emoções negativas que também permeiam a experiência da paternidade.

Conforme Koller e Narvaz (2004), força descreve elementos que colocam os processos proximais em movimento e os sustentam. Eles podem tanto colocar os processos proximais em movimento quanto representar obstáculos e impedir que tais processos ocorram. Assim, no primeiro, as forças são geradoras, que podem consistir em disposição para engajar-se em tarefas, bem como o senso de autoeficácia. Já no segundo caso, são disruptivas, visto que representam obstáculos ao processo, a exemplo da dificuldade em lidar com seu comportamento e suas emoções, apresentando insegurança, apatia e tendência a comportamentos explosivos.

Vale ressaltar que a presença de emoções negativas não significa que os pais estejam fazendo um mau trabalho. Na verdade, elas são um reflexo natural das demandas da paternidade. Reconhecer e compreender essas emoções é, pois, fundamental para que os pais possam lidar com elas de forma saudável e construtiva. No Quadro 5, é possível observar as subcategorias que emergiram, a fim de que sejam descritas e discutidas.

Quadro 5 – Categorização do eixo temático 1: dualidade das emoções na vivência da paternidade

Eixo temático 1	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Experiências pessoais	Dualidade das emoções na vivência da paternidade	Forças geradoras (positivas)	<i>Gosto muito, sempre quis ser pai. (PAI 4)</i> <i>Experiência muito boa, tem sido muito enriquecedora. (PAI 5)</i> <i>Eu acho que é maravilhoso, eu digo para qualquer amigo meu que está pensando em ter filho, tenha rápido porque é a melhor coisa da vida mesmo. (PAI 9)</i>
		Forças disruptivas (negativas)	<i>A gente erra muito, às vezes fico muito chateado com as coisas que eu faço. (PAI 4)</i> <i>A minha rotina é bem pesada com relação ao meu filho. (PAI 15)</i> <i>É preocupante. (PAI 10)</i> <i>Minha experiência como pai tem um pouco de frustração. Eu acho isso um pouco frustrante. E durante as rotinas que a gente tem lá na nossa família. (PAI 15)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As subcategorias apresentadas junto aos relatos permitiram perceber a complexidade da vida cotidiana desses pais-jovens. Ora navegam em mares tranquilos, ora turbulentos, mas na tentativa de expressarem o sentimento que, para eles, representa o significado desse papel a ser desempenhado incansavelmente, dia após dia. Assim, serão analisadas primeiro as emoções positivas.

4.2.1.1 Forças geradoras – Emoções positivas

A paternidade, para muitos pais entrevistados, representou a melhor experiência de suas vidas, a realização de um sonho antigo e um aprendizado constante. Palavras como “amor” e “maravilhoso” ecoaram em seus relatos, entrelaçadas com expressões como “me dá forças” e “experiência enriquecedora”, ilustrando a subcategoria de emoções positivas, a exemplo de:

A minha experiência é boa, é muito positiva. Filho é uma coisa que agrega bastante na nossa vida, dá uma outra perspectiva, dá forças para a gente correr atrás, de lutar por outras questões, envolvendo a criança e a família (PAI 1).

Essa visão da paternidade como positiva e gratificante corrobora os resultados do estudo de Campeol *et al.* (2022), que aponta um aumento significativo no número de homens que buscam uma paternidade participativa. Essa nova geração de pais demonstra maior abertura para estabelecer laços emocionais com seus filhos, assumindo um papel proativo na criação e na educação das crianças.

Desse modo, ficou claro que os pais que narraram sentimentos positivos indicaram uma ligação entre essas emoções e a boa relação com a mãe de seus filhos:

Foi tudo novo, né? Porque nunca tive essa experiência. Mas o que me ajudou foi minha esposa. Então isso me deu um conforto maior. É maravilhoso. E fui aprendendo ao longo do nascer dele (PAI 2).

Além disso, um dos fatores que influenciam a paternidade participativa é a interferência materna, a qual pode encorajar ou desestimular o papel ativo do pai. No caso dos pais entrevistados que expressaram positividade em relação à paternidade, o bom relacionamento com a mãe mostrou-se essencial para que eles pudessem desempenhar as atividades paternas com sucesso (Campeol *et al.*, 2022).

Portanto, o sentimento positivo não só compõe a vida dos pais-jovens, bem como está atrelado à boa convivência com as parceiras conjugais. Assim, os pais entrevistados demonstraram satisfação em constituir família, e ser um pai presente na vida dos filhos faz parte desse processo.

4.2.1.2 Forças disruptivas – Emoções negativas

Em contraponto às experiências positivas, a subcategoria de emoções negativas revelou sentimentos como “frustração”, “desafio”, “cansaço”, “preocupação”, “abdicção” e “desgaste”. O Pai 15, por exemplo, mencionou que a paternidade “demanda muita atenção”, ilustrando a carga emocional e física que essa jornada pode representar.

Os estudos de Piccinini (2018) lançam luz sobre este aspecto da paternidade: a inscrição subjetiva da finitude. Essa jornada, inerente à experiência de tornar-se pai, é marcada por renúncias, lutos e transformações internas. A fim de abrir espaço para o amor e o cuidado do filho, os pais precisam renunciar a aspectos de suas identidades pré-paternidade.

Ademais, as emoções negativas descritas pelos pais entrevistados emergiram em contextos específicos, como separação/divórcio, falta de rede de apoio e dificuldade financeira. É possível identificar essa situação no relato do Pai 1, que narrou ter uma relação distante com a filha do primeiro relacionamento, utilizando-se do sentimento de trauma para tentar justificar as dificuldades enfrentadas. Além disso, o Pai 15 trouxe em sua fala o impacto de não possuir rede de apoio e a necessidade de complementar a renda com um segundo emprego como fatores dificultadores em sua experiência paterna:

Mas a minha relação com ela [filha do primeiro relacionamento] é uma relação distante. Eu sinto que não tem assunto. Tento às vezes aproximar, conversar, brincar, mas também eu vejo que por parte dela também não tem tanta aproximação, talvez por questões mesmo de trauma (PAI 1).

*Não que eu esteja arrependido, não é esse o caso. Mas a gente **abre mão** de muita coisa. A gente não tem uma rede de apoio aqui porque minha esposa é de fora, eu sou de fora. A gente não tem pessoas, assim, que a gente possa confiar, às vezes, de estar olhando ele. Então, é isso aí. Ele está o tempo inteiro comigo e com a minha esposa. E aí eu vejo que isso demanda demais da conta. Eu fico, não é um pouco nem frustrado de ter ele (PAI 15).*

A pesquisa de Randles (2020) revela que o contexto de restrições socioeconômicas pode gerar desmotivação e dificuldades na construção de um roteiro de paternidade participativa. Ademais, níveis mais baixos de status socioeconômico familiar estão associados a altos níveis de estresse, culminando em comportamentos e sentimentos negativos em algumas famílias (Kisbu *et al.*, 2023).

As emoções negativas fazem parte da jornada paterna. No entanto, devem-se considerar no processo de transformação pelo qual o pai tem passado na sociedade atual as dificuldades, que são aspectos que podem desencorajar a interação com o ambiente, sobretudo em contextos adversos, como falta de apoio, dificuldades financeiras e rupturas conjugais. É necessário compreender esses sentimentos e seus contextos para auxiliar os pais a lidarem com as demandas da paternidade de forma saudável (Koller; Narvaz, 2004).

A paternidade, de acordo com os relatos, é uma experiência complexa e multifacetada, marcada por alegrias, desafios e constantes aprendizados. Os sentimentos negativos, presentes nesta subcategoria, indicam as dificuldades que podem surgir durante o processo de aprendizagem de se tornar pai. E é na complexidade dessa vivência que parece morar o motivo pelo qual a percepção dos pais-jovens sobre a paternidade seguiu dois caminhos distintos: o das emoções e o da execução de atividades diárias, em que alguns entrevistados

descreveram suas experiências por meio de ações. É o que se destina a abordar na subseção 4.2.2.

4.2.2 A dinâmica do engajamento paterno

Esta categoria emergiu das ações executadas no dia a dia pelos pais entrevistados. Na Teoria Bioecológica, refere-se às “demandas” que, por sua vez, traduzem-se em comportamentos ativos e aspectos sociodemográficos, como idade e renda. As demandas são elementos que incentivam ou desencorajam a interação com o ambiente, atuando na compreensão das trajetórias individuais e da influência dos diferentes contextos que moldam a vida humana (Koller; Narvaz, 2004).

Nesse cenário, a experiência paterna será discutida com amparo na perspectiva dos homens entrevistados, que destacaram suas ações como indicadores do papel que desempenham na paternidade. Os pais descreveram a paternidade como uma atividade prática, conforme apresentado no Quadro 6.

Quadro 6 – Categorização do eixo temático 1: a dinâmica do engajamento paterno

Eixo temático 1	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Experiências pessoais	A dinâmica do engajamento paterno	Comportamentos ativos	<i>Comigo ele fica querendo brincar, porque eu sou muito brincalhão. (PAI 12)</i> <i>Eu tento sempre brincar. (PAI 11)</i> <i>Eu tento conversar, brincar, rezo com ele e coloco pra dormir. Eu resolvo algumas coisas particulares também com ele. Muitas coisas particulares também ele está do meu lado. (PAI 1)</i> <i>E fui aprendendo ao longo do nascer dele a dar banho e trocar fralda. Mudou muito a minha cabeça. (PAI 2)</i> <i>O dia que eu busco na escola, eu dou janta para as duas filhas. (PAI 9)</i>
		“Ser pai na marra”: paternidade em idade precoce	<i>Eu fui pai aos 18 anos. (PAI 1)</i> <i>Fui pai muito cedo. Eu fui pai aos 19 anos. Então, eu aprendi a ser pai na marra. (PAI 10)</i>
		Trabalho e paternidade: Renda × Presença	<i>É mais difícil por causa do trabalho. Eu trabalho à noite e fico bem pouco com eles mesmo. (PAI 6)</i> <i>Tenho uma oficina e tenho o meu outro serviço também de escala. (PAI 15)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

É no contexto do Quadro 6 que se seguirá dialogando com a literatura sobre o que trouxeram esses pais-jovens no que remete à paternidade pautada na execução de ações diárias com os filhos, a saber: os comportamentos ativos, a paternidade em idade precoce, a interferência do gênero e a dualidade renda-presença.

4.2.2.1 Comportamentos ativos

Em contraste com a visão emocional da paternidade, alguns entrevistados descreveram a experiência paterna como uma situação prática, focados na execução de atividades como dar banho, trocar fralda, brincar e colocar para dormir. Para esses pais, a paternidade traduz-se em ações de cuidado com os filhos, e poder exercê-las representa motivo de orgulho para esses homens. Para Deslauriers e Kiselica (2022), o ato de exercer tarefas de cuidado com os filhos

representa para os homens um fortalecimento de sua paternidade, tornando-os uma base segura para sua família.

Nesse sentido, os pais que descreveram a paternidade sob a ótica da execução de tarefas revelaram um perfil ativo no dia a dia com seus filhos. A variedade de atividades desempenhadas comprova seu engajamento na criação e no cuidado das crianças. No entanto, alguns pais, ao relatarem as tarefas que realizam, utilizaram a palavra “ajuda”. Esse termo indica que, para eles, o cuidado com os filhos ainda é visto como uma contribuição para a mãe, e não uma responsabilidade compartilhada:

Eu leio histórias para ele e faço dormir, conduzo ele para trocar de roupa, dou o café da manhã. (PAI 1)

Ajudando com o dever de casa. (PAI 5)

Ajudando a trocar a fralda. (PAI 12)

Cabe ressaltar que, embora a ajuda seja um ato positivo, a paternidade deve ser vista como uma responsabilidade compartilhada entre pai e mãe. Ambos os genitores devem ter igual participação na criação e no cuidado dos filhos, reconhecendo as diferentes habilidades e disponibilidades de cada um.

Desenvolver um novo olhar, tendo por base o processo de desnaturalização de dimensões da vida humana (social, sexual e cultural), pode demonstrar que a subjetividade é histórica e estrutural, e não natural. A polarização entre homens e mulheres esculpiu relações de subordinação e de dominação que, por isso, reduziram a atuação feminina nas questões sociopolíticas e suprimiram o dever do homem no cuidado familiar (Gomes; Resende, 2004).

Nesse sentido, importa considerar o relatório publicado pela organização Promundo sobre a situação da paternidade no Brasil em 2019, que parte da situação da paternidade no mundo, realizada pela *MenCare Global Campaign*. O parecer destaca os avanços e os retrocessos na área da paternidade no país e defende que os homens podem e devem dividir igualmente a responsabilidade pelos cuidados com os filhos (Instituto Promundo, 2019).

É verdade que alguns pais mencionaram atividades que apenas eles realizam, como levar o filho à creche/escola. Um estudo de Gabriel *et al.* (2017), inclusive, constatou que a tarefa de levar o filho à escola é, em alguns casos, de exclusiva responsabilidade do pai. Algumas falas à entrevista corroboram tal constatação:

E eu trago na escola, levo e busco da escola. Levo e busco. Se eu tiver alguma coisa pra fazer, aí a mãe busca, mas eu que busco ele e levo, por causa da distância. (PAI 12)

Trago ela para a escola. Depois eu volto e busco. (PAI 14)

Eu que trago na escola. (PAI 8)

Saio pra levar a mais velha na aula. (PAI 9)

Logo, a superação da visão da paternidade como “ajuda” à mãe é fundamental para a construção de uma relação familiar justa e igualitária. Essa mudança de perspectiva requer diálogo, negociação e colaboração entre pais e mães, a fim de se construir uma paternidade ativa, presente e responsável.

4.2.2.2 “Ser pai na marra”: paternidade em idade precoce

A paternidade é um marco na vida de qualquer homem, representando um momento de transformações e responsabilidades. Para alguns pais, essa jornada teve início em uma idade considerada, para eles, precoce, trazendo consigo desafios e aprendizados únicos. Esse é o caso dos Pais 1 e 10, que entraram na paternidade durante o segundo subgrupo da juventude, denominado “jovens-jovens” (de 18 a 24 anos), conforme definido pelo CONJUVE.

No Brasil, enquanto contingente demográfico, a juventude encontra-se caracterizada no artigo 1º do Estatuto da Juventude, que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e as diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (SINAJUVE):

Art. 1º Esta Lei institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.

§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos, aplica-se a Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente (Brasil, 2013).

Em suma, o CONJUVE estabelece que a faixa etária do período da juventude, qual seja de 15 a 29 anos, é dividida em três subgrupos: a) os adolescentes-jovens (dos 15 aos 17 anos de idade), b) os jovens-jovens (dos 18 aos 24 anos) e c) os jovens-adultos (dos 25 aos 29 anos). Nesse contexto, os Pais 1 e 10 relataram as dificuldades que enfrentaram ao se tornarem pais cedo. Mencionaram as dificuldades psicológicas, possivelmente relacionadas à

imaturidade emocional e à ausência de experiência com a criação de filhos. Além disso, a falta de recursos financeiros também se mostrou um desafio significativo, já que os pais-jovens indicaram não possuírem renda estável e estabilidade profissional à época do nascimento do primeiro filho.

Apesar dos desafios, a paternidade jovem proporcionou aprendizados a estes pais. O Pai 10, por exemplo, resume essa experiência de forma contundente: *“Eu aprendi a ser pai na marra”*. Essa frase demonstra a aceleração do processo de aprendizado, que ocorreu por meio da vivência prática da paternidade, sem tempo para preparação ou planejamento.

De acordo com a Teoria Bioecológica, a pessoa, nesse caso o pai, tem seu desenvolvimento influenciado tanto por características biopsicológicas quanto por interações com o ambiente. Nesta subcategoria, foram observados os recursos biopsicológicos, como experiências e competências psicológicas:

“Eu aprendi a ser pai na marra”. Não teve aquele tempo de amadurecimento (...) Isso trouxe maturidade não só como pai, mas como profissional, e como ser humano. Hoje eu vejo que muita coisa que aconteceu na minha vida, que eu só superei devido aos filhos. (PAI 10)

A narrativa do Pai 10 revela o quão difícil foi pra ele essa experiência de viver todo o processo de transição para a paternidade e como esse período de seu desenvolvimento envolveu o seu emocional e o seu psicológico. Ao final, esse pai ainda relata o quanto a paternidade o fez crescer como ser humano. Os aprendizados, no entanto, não vieram sem sacrifícios e abdições. Nessa toada, o pai relata ter abdicado de seus projetos pré-paternidade, como os estudos, para se dedicar à criação do filho e à empresa da família. Essa decisão sinaliza a maturidade e a responsabilidade que ele assumiu ao se tornar pai em idade precoce. Nas palavras dele: *“Optei por ser pai e assumi a empresa da família e tranquei a faculdade”*. (PAI 10)

Corroborando a literatura encontrada em Piccinini (2018), acerca da jornada inerente à experiência de tornar-se pai, depreende-se que esta é, muitas vezes, marcada por renúncias, podendo levar os homens a reavaliarem suas prioridades profissionais. Alguns podem optar por empregos que ofereçam maior estabilidade e compatibilidade com as responsabilidades familiares, mesmo que isso signifique renunciar a outros projetos já em andamento.

Desse modo, percebeu-se que a paternidade jovem, embora apresente desafios e dificuldades, também pode ser uma experiência enriquecedora. Os Pais 1 e 10 são exemplos

de como essa jornada pode moldar um homem, acelerando seu processo de maturidade e responsabilidade.

4.2.2.3 Trabalho e paternidade: Renda × Presença

A experiência da paternidade, para a maioria dos pais entrevistados, entrelaça-se com o tempo e o trabalho, criando um cenário desafiador de conciliar responsabilidades familiares e profissionais. As longas jornadas de trabalho e a necessidade de garantir o sustento da família são algumas das narrativas trazidas por estes homens, indicando que essas podem comprometer a qualidade do tempo dedicado aos filhos.

O Pai 6 relatou que o seu trabalho ocorre no período noturno e que adentra a madrugada. Essa condição priva-o de momentos preciosos com os filhos durante a semana, pois o cansaço acumulado após o expediente leva-o a dormir logo pela manhã, quando as crianças estão se preparando para a escola. Segundo ele, essa falta de tempo gera frustração e sentimento de culpa por não poder acompanhar de perto a rotina dos filhos:

Eu trabalho à noite e fico bem pouco com eles [filhos] mesmo. A parte da noite quem fica mais é minha esposa. E durante o dia eu estou dormindo, porque eu chego em casa às 5h da manhã, eu durmo até meio-dia e às vezes eu nem encontro com o meu filho mais novo. É mais o mais velho, que eu levo pra aula na parte da tarde. (PAI 6)

O Pai 15, por sua vez, enfrenta um desafio similar. A necessidade de complementar a renda familiar faz com que assuma mais de um emprego, intensificando a carga de trabalho e o cansaço físico e mental. Essa dupla jornada, conforme explica o pai, embora necessária para garantir o bem-estar da família, limita o tempo que ele pode dedicar ao filho. A realização das tarefas e brincadeiras com a criança torna-se um desejo que nem sempre se concretiza, gerando frustração e sentimento de impotência: “*A gente precisa trabalhar porque já assumimos alguns compromissos. Então fica meio puxado trabalhar em dois lugares, mas é necessário.*” (PAI 15).

A conciliação entre trabalho e paternidade consiste, pois, em um desafio que muitos pais enfrentam no dia a dia. Nesse contexto, a busca por melhores condições de vida para a família traduz-se em longas jornadas de trabalho que impactam a qualidade do tempo dedicado aos filhos. Entre as preocupações desse período, destacam-se as financeiras, que conduzem os pais a se dedicarem mais ao trabalho, afetando a relação deles com os demais aspectos de sua vida. Acredita-se que a sociedade possa refletir sobre a importância da

paternidade ativa e presente na vida das crianças. Empresas e políticas públicas devem oferecer condições que facilitem a conciliação entre trabalho e vida familiar, como jornadas flexíveis, licença-paternidade extensa e creches acessíveis.

Descobertas do relatório da organização Promundo sugerem que o envolvimento dos pais na criação e no cuidado de seus filhos tem um impacto significativo em suas próprias vidas, na vida da criança e na vida da mãe. Constataram, ainda, que mais de 78% dos entrevistados acreditam que os pais devem tirar licença-paternidade, e 64% disseram que estariam dispostos a fazer um “curso de paternidade” para aumentarem a licença de cinco para 20 dias, de acordo com o Marco Regulatório da Primeira Infância (Instituto Promundo, 2019).

Conforme mencionado neste trabalho, o Supremo Tribunal Federal brasileiro, em 12 de maio de 2022, estendeu a licença-maternidade, com duração de 120 dias, ao pai monoparental (Brasil, 2022). Reconhece-se que esse é um passo relevante para a paternidade, mas que deve se estender aos demais, sem distinção.

Ao mesmo tempo, os próprios pais devem buscar formas de otimizar o tempo dedicado aos filhos, valorizando a qualidade dos momentos compartilhados, mesmo que sejam breves. A conversa, a brincadeira e o afeto genuíno podem fortalecer o vínculo paterno e contribuir para o desenvolvimento saudável das crianças. Por meio de um esforço coletivo, é possível construir uma sociedade que valoriza a paternidade ativa e presente, garantindo que pais e filhos possam estabelecer laços fortes e duradouros (Magalhães; Matos, 2019).

A paternidade entrelaçada com o tempo e o trabalho representa um desafio que exige reflexão e ação conjunta. Durante a realização das entrevistas, observou-se o trabalho fora de casa como principal desafio e dificultador da participação ativa dos pais na vida de seus filhos. Em vários momentos das entrevistas, os pais trouxeram essa problemática. Sendo assim, eles se vêem no papel de levar o sustento para casa, e essa tarefa os impede de exercer o desejo de serem mais participativos.

Do mesmo modo que os pais entrevistados expressaram se sentirem divididos entre o trabalho, que proporciona o sustento, e a presença, atrelada à maior participação na vida de seus filhos, eles demonstraram angústia por também se sentirem divididos entre o ser e o ter, como se sentem estes homens que assumiram um novo papel em suas vidas e como eles atuam na execução desse papel, culminando, então, em uma nova categoria, que será apresentada no subtópico a seguir.

4.2.3 Pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter

Em um mundo em constante mudança, a paternidade assume novos contornos. Entre as diversas realidades paternas, a dos pais-jovens se destaca por suas particularidades e pelo papel que desempenham na vida de seus filhos. É nesse contexto narrado pelos pais entrevistados que surgiu a categoria *Pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter*.

No Quadro 7, é possível notar as experiências pessoais dos pais-jovens, analisadas mediante as percepções dos homens entrevistados sobre o papel paterno. Revelou-se que os pais veem-se como complemento da figura materna ou descrevem-se executando responsabilidades específicas.

Quadro 7 – Categorização do eixo temático 1: pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter

Eixo temático 1	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Experiências pessoais	Pais-jovens e o papel da paternidade: uma divisão entre o ser e o ter	Ser complemento da mãe	<i>Eu acho que o pai e a mãe juntos seria perfeito. Se tiver só a mãe vai faltar o papel do pai e se tiver o pai vai faltar a mãe. Seria um complementando o outro (PAI 1)</i> <i>Estar tirando dúvidas com minha esposa. (PAI 2)</i> <i>Porque eles veem em mim alguma coisa que está faltando na mãe deles e veem alguma coisa na mãe deles também que está faltando em mim. (PAI 6)</i> <i>Eu acho que o papel do pai é muito importante, e faz muita diferença, embora eu tenha o sentimento de que a mãe tem uma importância muito grande, muito maior, a mãe é a referência, é a maior referência da criança. Eu penso dessa forma. Porque é a mãe que gerou, é a mãe que teve aquele maior cuidado. (PAI1)</i>
		Ter responsabilidades	<i>Uma pessoa para educar e cativar para ter o amor (PAI 1)</i> <i>Tomar decisões e aconselhar. (PAI 2)</i> <i>Ser uma base para tudo. (PAI 6)</i> <i>Ser espelho para eles. (PAI 10)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As falas apresentadas no Quadro 7 ilustram como os pais se percebem no exercício da paternidade. Isso porque eles refletem sobre suas próprias relações familiares, expressando como se sentem – ser complemento da mãe – e como atuam – ter responsabilidades – de forma prática na execução diária do papel da paternidade.

4.2.3.1 Ser complemento da mãe

A paternidade, para inúmeros homens, ainda é vista como um papel secundário, um complemento à figura materna. Essa visão tradicional, enraizada em estereótipos de gênero, limita o potencial dos pais e os impede de exercerem a paternidade de forma autêntica. O Pai 1 afirma que a mãe é a figura central na criação e na educação dos filhos, levando a crer que, para ele, o pai ocupa um lugar suplementar:

Eu tenho o sentimento de que a mãe tem uma importância muito grande, muito maior, a mãe é a referência, é a maior referência da criança. Eu penso dessa forma. Porque é a mãe que gerou, é a mãe que teve aquele maior cuidado. (PAI 1)

Do mesmo modo, o Pai 9 traz em sua fala a ideia de que o lugar ocupado pelo pai, de fornecer apoio, não é suficiente para o papel de gerar, parir e amamentar desempenhado pela mãe:

Eu falo uma coisa séria, de coração mesmo. A única coisa que eu acho que Deus...não é que ele errou, mas Ele podia fazer diferente era botar o pai ou para amamentar ou ara parir, porque tudo é mais a mãe, mesmo tendo ajuda, ainda é pesado para a mãe.

Convém lembrar, como apontam Magalhães e Matos (2019), que a incapacidade de gestar, parir e amamentar não define a capacidade de um homem para ser pai. A paternidade se constrói por meio do afeto, da presença, do cuidado e da responsabilidade compartilhada com a mãe na criação e na educação dos filhos.

O Pai 2, por exemplo, relata a necessidade de tirar dúvidas com a mãe da criança: “*Estar tirando dúvidas com minha esposa*”, reforçando a crença de que a mulher detém o conhecimento e a experiência essenciais para a criação dos filhos. Ainda hoje, a ênfase nas funções maternas gera confusão e insegurança nos homens que se tornam pais. Essa ausência de clareza sobre o papel do pai deixa-os perdidos em suas próprias experiências e dificulta a transição para a paternidade. Essa dependência da figura materna pode, então, limitar a autonomia do pai e o impedir de se conectar com o filho de forma profunda (Berman, 2021).

Ademais, a paternidade, para além de um papel social, representa uma jornada de autodescoberta e transformação para o homem. Mediante a experiência de cuidar e criar um filho, o pai se depara com diferentes aspectos de sua masculinidade, questionando e ressignificando os padrões de gênero aprendidos ao longo da vida.

Essa visão tradicional, que coloca a mãe como figura central na criação dos filhos, gera desafios para os pais que desejam se envolver de maneira ativa na vida familiar. Outrossim, essa percepção se intensifica quando se observa o surgimento desta subcategoria *Ser complemento da mãe*, em que a figura paterna é encarada como um apoio à figura materna. Conforme pontuado, essa visão limita o potencial dos pais e os impede de exercerem a paternidade de forma plena.

O relato do Pai 9 expõe um desafio singular: a dificuldade de se conectar com a filha mais nova. A preferência da filha pelos cuidados da mãe levanta questionamentos sobre a própria construção da masculinidade. Essa situação confirma os modelos tradicionais de masculinidade, que associam os homens à rigidez e à racionalidade, dificultando a expressão de emoções e a construção de vínculos (Berman, 2021).

As narrativas dos pais demonstraram o quanto esses homens precisam ser entendidos, instruídos e acolhidos nesse momento de transformação, para que se sintam corresponsáveis pelo processo de desenvolvimento de seus filhos, e não apenas um complemento à figura materna. Em diversos momentos, os relatos indicaram a fragilidade dos pais, expondo suas dúvidas e seus anseios às suas parceiras. Essa abertura sinaliza o desejo de serem vistos além das responsabilidades tradicionais. Evidenciou-se, portanto, a necessidade de terem apoio para se sentirem confiantes e seguros em seu papel parental.

4.2.3.2 Ter responsabilidades

A segunda subcategoria trata das responsabilidades que os pais-jovens apontaram como a principal característica da paternidade.

Nas respostas dos Pais 6 e 10, emerge que a responsabilidade de ser exemplo para os filhos é importante. Eles acreditam que, agindo dessa forma, estarão exercendo o papel de pai com eficácia, prevenindo maus comportamentos e problemas futuros para os filhos. Dessa forma, o pai atua como educador, guia e referência para os seus filhos. Nesse sentido, o Pai 1 resume o seu papel como a responsabilidade de educar e cativar o amor dos filhos: “*Educar e cativar o amor*” (PAI 1). Essa fala vai além da transmissão de conhecimento, envolvendo a

construção de um vínculo afetivo duradouro. O pai, nesse contexto, torna-se um mentor que ensina valores, princípios e o que significa amar e ser amado.

Para o Pai 2, a paternidade se manifesta na capacidade de tomar decisões e aconselhar os filhos: *“Tomar decisões e aconselhar”* (PAI 2). Essa responsabilidade exige sabedoria, discernimento e saber guiar os pequenos em escolhas e desafios. Posto isso, os conselhos paternos, frutos da experiência e do amor, podem ser cruciais para moldar o caráter e o futuro das crianças.

O Pai 6 vai além, definindo o papel paterno como a base para tudo na vida dos filhos: *“Ser uma base para tudo”* (PAI 6). Essa metáfora representa o pai como pilar de apoio e segurança para as crianças. Ante a sua presença constante e o amor incondicional, o pai fornece a base sobre a qual os filhos constroem suas vidas.

Por sua vez, o Pai 10 destaca a responsabilidade de ser um espelho para os filhos: *“Ser espelho para os meus filhos”*. Essa visão reconhece o poder da influência paterna no comportamento e nas escolhas das crianças. Ao agir de forma ética, responsável e amorosa, o pai se torna um modelo a ser seguido, inspirando os filhos a serem pessoas melhores.

Os Pais 1, 2, 6 e 10 reconhecem, portanto, que a responsabilidade de ser exemplo para os filhos vai além da imitação. Ao agir como modelo positivo, o pai contribui para prevenir maus comportamentos, ao passo que, mediante uma conduta exemplar, ele planta as sementes para um futuro promissor para os filhos. Dessa forma, a paternidade é um conjunto de responsabilidades que impactam a vida dos filhos. Educar, aconselhar, ser base e exemplo são apenas alguns dos papéis que o pai assume nessa jornada. Ao exercerem tais responsabilidades com amor, dedicação e sabedoria, os pais tornam-se alicerces para futuro dos filhos e da sociedade como um todo (Elias; Gauer, 2014).

É nesse contexto de apontar responsabilidades que mais uma vez surgiu a problemática do tempo, visto que os pais já disseram o quanto o trabalho lhes toma o espaço para se dedicarem com afinco à criação e à educação de seus filhos. No próximo tópico, discutir-se-á a visão dos pais-jovens ao refletirem sobre o tempo gasto com seus filhos.

4.2.4 Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família

A queixa recorrente trazida pelos pais durante as entrevistas, conforme pontuado, consiste na longa jornada de trabalho. Mais uma vez, essa problemática emergiu nas falas dos homens entrevistados. Nesse sentido, a vida moderna, com suas demandas crescentes, pode representar um desafio para conciliar as responsabilidades profissionais com a vida familiar.

Essa realidade torna-se ainda mais complexa para os pais-jovens, que buscam dedicar tempo de qualidade aos seus filhos e familiares.

Ainda no eixo temático *Experiências pessoais*, há a categoria *Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família* e suas duas subcategorias – *Entre o desejo e a realidade: impactos negativos do trabalho na disponibilidade para a paternidade* e *Flexibilização do trabalho: uma realidade de poucos*, conforme descrito no Quadro 8.

Quadro 8 – Categorização do eixo temático 1: avaliação do tempo gasto com os filhos e a família

Eixo temático 1	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Experiências pessoais	Avaliação do tempo gasto com os filhos e a família	Entre o desejo e a realidade: impactos negativos do trabalho na disponibilidade para a paternidade	<i>Eu não acho que seja bom nos dias que eu trabalho. (PAI 1)</i> <i>E no final de semana, eu não marco nada, porque eu fico com eles. O final de semana é deles, eu não faço nada não. (PAI 6)</i> <i>A gente tem o nosso filho, mas parece que ele não é da gente. Porque ele fica mais fora da gente que com a gente mesmo. (PAI 7)</i> <i>Meu tempo está bem escasso por causa do horário que eu estou no trabalho agora. Está bem puxado. (PAI 6)</i>
		Flexibilização do trabalho: uma realidade de poucos pais-jovens	<i>Não, a quantidade de horas que eu trabalho por dia não tem influência no meu envolvimento com meus filhos, porque eu tento fazer o meu horário de acordo com o deles, porque eu trabalho por conta própria, eu trabalho pra mim mesmo. (PAI 8)</i> <i>O trabalho aqui na universidade, ele muito raramente me exige que eu fique após o expediente ou que me ausente com regularidade. E uma outra coisa boa é que há uma certa flexibilidade que me permite, por exemplo, acompanhar consultas, eventualmente, ficar em casa no momento em que há necessidade, a minha esposa precisa trabalhar e alguma delas está doente. (PAI 5)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Assim, com amparo nos dados apresentados no Quadro 8, verifica-se o quanto as duas subcategorias estão interligadas, apesar de representarem realidades diferentes. De um lado, pais que se queixam da longa jornada de trabalho e, de outro, homens que se descrevem privilegiados por terem a oportunidade de um trabalho flexível. Caminhos que têm o mesmo início, mas que culminam em resultados diversos.

4.2.4.1 Entre o desejo e a realidade: impactos negativos do trabalho na disponibilidade para a paternidade

De acordo com as entrevistas realizadas, a maioria dos pais entrevistados expressou descontentamento com a quantidade de horas dedicadas ao trabalho fora de casa. Logo, reconheceram que essa carga horária profissional impacta o tempo que podem dedicar aos filhos e à família. Assim, 12 dos 15 pais-jovens queixaram-se da quantidade de horas trabalhadas fora de casa, manifestando o desejo de reduzir a jornada de trabalho para ter mais tempo de qualidade com os filhos.

No Brasil, a paternidade ativa, que vai além da figura do provedor, exige um ambiente de trabalho flexível e acolhedor, que permita aos pais conciliarem suas responsabilidades profissionais com a dedicação à criação dos filhos. No entanto, a realidade do mercado de trabalho brasileiro ainda está longe de oferecer o suporte necessário à participação plena dos homens na criação da prole. A jornada de trabalho exaustiva, a falta de políticas públicas que incentivem a paternidade ativa e a cultura machista ainda presente em muitos ambientes profissionais são alguns dos obstáculos que precisam ser superados (Campeol *et al.*, 2022).

Além disso, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, proposta por Urie Bronfenbrenner, oferece uma lente para compreender essa dinâmica. Essa teoria propõe que o desenvolvimento humano é influenciado pela interconexão de diferentes sistemas, desde o nível individual até o social. No contexto da relação pai-filho, isso significa que o mundo do trabalho, com suas demandas e expectativas, entrelaça-se com o sistema familiar, impactando a qualidade da relação entre pai e filho (Bronfenbrenner, 2011).

A respeito do tempo disponível para os pais-jovens com seus filhos e familiares, o presente estudo revela a busca por um equilíbrio entre as demandas profissionais e a vida pessoal. O desejo de dedicar mais tempo à família é evidente, mas a realidade do mercado de trabalho e a complexidade da vida pessoal podem tornar esse objetivo desafiador. Nesse sentido, construir uma relação pai-filho de qualidade exige um ingrediente fundamental: tempo. É nesse ponto que a imagem socialmente construída do “pai provedor” pode gerar um

paradoxo: a busca incessante por prover a família no âmbito financeiro pode, em contrapartida, limitar o tempo dedicado à interação com os filhos. Assim, essa ausência física pode ter impactos negativos no desenvolvimento das crianças, afetando seus laços afetivos com o pai e sua percepção do papel paterno (Gomes; Crepaldi; Bigras, 2013).

Posto isso, segundo os pais entrevistados, o tempo gasto com os filhos e a família, baseado em horas diárias, fora dividido entre dias da semana e fins de semana. No Quadro 9, encontram-se organizadas as informações trazidas pelos pais.

Quadro 9 – Tempo dedicado pelos pais-jovens aos filhos: um mapa semanal

Pai	Durante a semana (segunda a sexta-feira)	Fins de semana (sábado e domingo)
1	3 horas	8 horas
2	Somente à noite ¹	Não mencionou
3	5 horas	Não mencionou
4	6 horas	Integral
5	6 horas	Não mencionou
6	3 horas	Integral
7	2 horas	Integral
8	6 horas	Não mencionou
9	3 horas	Integral
10	2 horas	Integral
11	5 horas	Não mencionou
12	3 horas	Não mencionou
13	Integral ²	Integral
14	2 horas	Não mencionou
15	5 horas	Integral

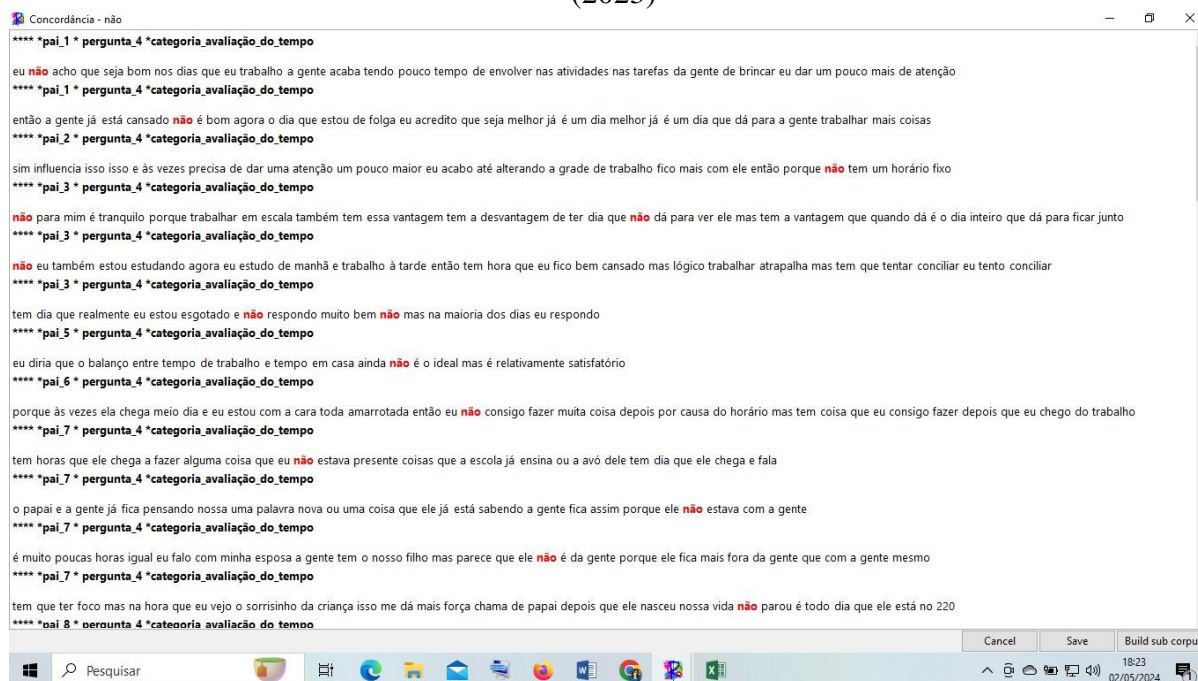
Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Diante dessas informações, ficou evidente que a média de horas diárias dedicadas, em caráter exclusivo, aos filhos e à família pelos pais-jovens é de oito horas durante a semana. Nos fins de semana, o tempo disponível torna-se integral, proporcionando, segundo eles, a oportunidade de estreitar laços e fortalecer vínculos.

¹ Para a realização do cálculo da média de horas diárias dedicadas aos filhos e à família, de acordo com o relato “somente à noite”, esta autora considerou a disponibilidade paterna de seis horas, levando em conta o período das 18h às 24h.

² Para calcular a média de horas diárias dedicadas aos filhos e à família pelos pais-jovens, a autora considerou a disponibilidade paterna de 24 horas nos casos em que o relato foi “integral”. Essa abordagem leva em conta que o dia inteiro possui essa carga horária, permitindo uma análise mais precisa da dedicação paterna à família.

Figura 6 – Relatório dos recortes do significado da palavra “não” do software IRaMuTeQ (2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Analisando-se a nuvem de palavras e os recortes das frases ditas pelos pais-jovens, fica claro que o significado da palavra “não” é de absoluta negação à avaliação das horas trabalhadas e ao tempo gasto com filhos e família. Entre os vários relatos, destacam-se: “Os dias que trabalho **não** é bom”. “O filho parece que **não** é da gente, porque fica mais fora da gente do que com a gente”. “O balanço entre tempo de trabalho e tempo em casa ainda **não** é o ideal” (grifos nossos).

Nesse sentido, a conciliação entre trabalho e vida familiar reverberou um desafio para os pais-jovens. Além de reafirmarem o quanto essa avaliação é negativa, eles também relataram falta de tempo para acompanhar o desenvolvimento dos filhos, sentir-se cansados e com a sensação de não poderem se dedicar à paternidade. O Pai 10 resume essa realidade como “*um verdadeiro desafio diário*”. A dedicação excessiva ao trabalho o impede de presenciar momentos significativos na vida dos filhos, como os primeiros passos, as primeiras palavras e as conquistas escolares.

Estudos, como o de Deslauriers e Kiselica (2022), comprovam que a falta de controle sobre os horários de trabalho é um dos principais fatores que geram descontentamento entre os pais. A longa jornada de trabalho do pai provedor o impede, muitas vezes, de participar ativamente da vida dos filhos, limitando seu papel na paternidade.

Diante desse cenário, que se mostrou repetitivo durante toda a entrevista, torna-se urgente um olhar atento para essa questão. Políticas públicas que promovam a flexibilidade no trabalho, a valorização da paternidade e a corresponsabilidade entre pais e mães são essenciais para construir um futuro equilibrado para as famílias. Mais do que um dever, a paternidade ativa é um direito dos filhos e dos pais. É um caminho para fortalecer os laços familiares, promover o desenvolvimento saudável das crianças e construir uma sociedade humana.

4.2.4.2 Flexibilização do trabalho: uma realidade de poucos pais-jovens

Embora a maioria dos pais-jovens enfrente dificuldades para conciliar trabalho e paternidade, alguns casos demonstram que a flexibilidade no trabalho pode fazer a diferença. O Pai 5 declarou-se relativamente satisfeito com a conciliação entre as duas áreas de sua vida. Ele trabalha em um local que oferece certa flexibilidade, permitindo que ele acompanhe as filhas em consultas médicas, cuide delas em casa quando estão doentes e evite horas extras. Essa flexibilidade possibilita um envolvimento maior com as filhas, mesmo com a jornada de trabalho:

E uma outra coisa boa é que há uma certa flexibilidade que me permite, por exemplo, acompanhar consultas, eventualmente, ficar em casa no momento em que há necessidade, a minha esposa precisa trabalhar e alguma delas está doente. (PAI 5)

O Pai 8 exibe o controle sobre seus horários de trabalho, o que lhe permite organizar a agenda de acordo com as atividades dos filhos. Essa autonomia contribui para um envolvimento ativo na vida das crianças, sem que o trabalho se torne um obstáculo: *“Eu tento fazer o meu horário de acordo com o deles, porque eu trabalho por conta própria, eu trabalho pra mim mesmo”*. (PAI 8)

O Pai 13, por sua vez, vive, na concepção dele, a realidade ideal: estar em casa em tempo integral. Essa situação privilegiada, segundo ele mesmo avalia, permite-lhe estar presente na vida do filho, acompanhando de perto seu desenvolvimento e construindo um vínculo forte. Ao estar em casa em tempo integral, ele demonstra satisfação com a quantidade de tempo que pode dedicar ao filho e à família. Essa situação evidencia a importância da flexibilidade no trabalho e da busca por alternativas que permitam aos pais conciliarem suas responsabilidades profissionais com a vida familiar. Nas palavras do Pai 13:

Você vai até assustar porque é tempo demais. É uma coisa fora do comum mesmo, eu sou muito privilegiado. Esse mês teve apenas quatro dias que eu saí pra trabalhar fora. E o restante dos dias todos eu fiquei em casa integralmente, o tempo inteiro, porque eu atendo meus clientes em casa. (PAI 13).

A realidade que esses dois pais-jovens trouxeram durante as entrevistas sugere uma exceção e, ao mesmo tempo, uma transformação, em comparação com os relatos dos outros 13 pais entrevistados. Esses homens destacam a oportunidade proporcionada pelo trabalho flexível, revelando seus benefícios para uma paternidade atuante, sugerido por eles mesmos como um cenário ideal. Nesse cenário, cumpre examinar outras experiências relatadas pelos entrevistados. É o que se propõe fazer no próximo tópico.

4.2.5 Outras experiências dos pais-jovens

A presente categoria originou-se nos casos dos Pais 1 e 10. Trata-se de pais-jovens que tiveram seu primeiro filho cedo e enfrentaram obstáculos relativos à separação ou ao divórcio, subcategoria que será descrita e discutida nesta seção e apresentada no Quadro 10.

Quadro 10 – Categorização do eixo temático 1: outras experiências dos pais-jovens

Eixo temático 1	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Experiências pessoais	Outras experiências dos pais-jovens	Separação/divórcio: vivências de pais recasados	<i>Quando eu terminei o relacionamento com a mãe dela, ela tinha sete meses, então ela não pegou nenhuma fase morando comigo. (PAI 1)</i> <i>Não vou dizer que não afeta, porque afeta, nenhum filho quer os pais separados. (PAI 10)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Dessa maneira, é possível identificar a singularidade das experiências dos pais recasados, destacando-se a importância de conceder-lhes espaço para expressarem suas perspectivas. Essa nova configuração familiar, com suas individualidades, mostrou-se uma abordagem diferenciada e mais sensível.

4.2.5.1 Separação/divórcio: com a voz os pais recasados

Os Pais 1 e 10, recasados e com filhos de novas uniões, mencionaram que a separação ou o divórcio são obstáculos para uma maior participação na vida dos filhos. A falta de

coabitação e a cobrança que sentem para estarem presentes na vida dos filhos de diferentes relacionamentos são os principais desafios. O Pai 1 narrou, durante a entrevista, as adversidades oriundas da não coabitação com a filha, bem como os problemas de relacionamento com a mãe e a família materna:

Com a minha filha eu nunca coabitei. A gente não coabita a mesma residência. Quando eu terminei o relacionamento com a mãe dela, ela tinha sete meses, então ela não pegou nenhuma fase morando comigo. Eu era bem prestigioso, presente, quando ela era criança, quando ela era bebê. Mas, infelizmente, foram acontecendo algumas questões, alguns problemas de relacionamento com a mãe, com a família da mãe e, isso infelizmente acabou nos afastando bastante (PAI 1)

Considero que eu fui bem ativo durante um bom tempo. Mas depois essa atividade minha reduziu. Claro, por fatores alheios à minha vontade, então eu sinto uma culpa em relação a isso. (PAI 1)

Esse pai demonstra como um conflito familiar pode influenciar de maneira negativa a paternidade, dificultando o estabelecimento de um vínculo bem estruturado com a filha. A pesquisa de Deslauriers e Kiselica (2022) corrobora essa relação entre a dinâmica familiar e o envolvimento paterno. Segundo os autores, relações conflituosas quando o jovem casal está separado tornam-se barreiras para o contato pai-filho. Os pais que as encontram relatam sentimentos de medo, insegurança e ambivalência. Esses homens se afastam da paternidade ativa, e o envolvimento com os filhos diminui com o tempo.

Por outro lado, o Pai 10 declarou possuir bom relacionamento com a mãe de seu primeiro filho. Contudo, isso não impediu que a separação impactasse de forma negativa o filho. Ainda, pelo fato de não morarem na mesma cidade, esse pai não consegue estar tão presente na vida do filho quanto gostaria e, por isso, cobra-se muito:

Eu fui pai aos 19 anos. Então... Separação, quando separei da mãe do meu primeiro filho, você pensa em como que vai ser, a gente tentou ao máximo, mas graças a Deus a gente teve a sabedoria de lidar com essa separação e a gente conseguiu afetar ele o mínimo possível. Não vou dizer que não afeta, porque afeta, nenhum filho quer os pais separados". O apoio, a sabedoria, a compreensão dele, a preocupação com a mãe e a preocupação comigo puxando para ele algo que na verdade eu nem deveria estar deixando ele puxar. (PAI 10)

Às vezes, na segunda-feira, eu saio do trabalho e vou lá e vejo o mais velho, aí eu fico com ele até umas 19, 20 horas. Aí, chego em casa e tenho que dar atenção pros outros dois. Eu tento dividir, eu me cobro muito. Não sei se é saudável. Vou descobrir daqui há um tempo. Mas eu me cobro demais. Eu fico na minha cabeça o tempo todo meio que tentando ser justo com eles". (PAI 10).

O relato do Pai 10 indica que, mesmo tendo boa relação com a mãe de seu primeiro filho, a separação do casal afetou a criança. Em determinado momento da entrevista, ele

aborda como o filho demonstrou preocupação com ambos os pais e estaria tomando para si preocupações que ele, como pai, não poderia permitir. Para além disso, o fato de não coabitar com o filho traz para ele uma cobrança interna em relação a ser mais presente.

Assim, essas narrativas lançam luz sobre os desafios enfrentados pelos pais recasados na busca por uma paternidade ativa e presente. A separação ou o divórcio, como obstáculos à coabitação com os filhos, emergem como entraves à construção de laços e à participação plena na vida das crianças. Além disso, o conflito familiar surge como um agravante, exacerbando os sentimentos de culpa e impotência dos pais. No entanto, apesar dos desafios, há resiliência nas declarações, a exemplo do Pai 10, o qual, não obstante a distância geográfica, assevera seu compromisso em estar presente na vida do filho, buscando conciliar as responsabilidades com os outros filhos.

4.3 EIXO TEMÁTICO 2 – DIMENSÕES CULTURAIS

A análise do segundo eixo temático – *Dimensões culturais* – teve por objetivo revelar, mediante a percepção dos pais-jovens, a visão da sociedade referente ao papel do pai. Observaram-se informações envolvendo valores, crenças, comportamentos, além da evolução da paternidade no tempo. Nesse sentido, expressou-se, nesta análise, o modo como os homens interagem com seus filhos e familiares, assim como com o mundo ao seu redor.

De acordo com a Teoria Bioecológica, o desenvolvimento humano deve ser compreendido como um fenômeno progressivo e complexo, que ocorre em um ambiente de interações entre o ser humano e o seu contexto de vida (Bronfenbrenner, 2011). Nessa perspectiva, o tempo assume um papel crucial ao permitir a análise da influência que as mudanças e as continuidades vivenciadas ao longo do ciclo de vida exercem sobre o desenvolvimento humano.

Por meio de três níveis distintos – microtempo, mesotempo e macrotempo –, essa dimensão temporal convida a mergulhar em um universo de nuances que moldam a trajetória individual. O macrotempo abarca as transformações sociais, as mudanças culturais e os eventos históricos que se entrelaçam com o desenvolvimento individual. É nesse nível que as expectativas e os valores das gerações anteriores fazem-se presentes, influenciando os rumos da sociedade e, por conseguinte, as trajetórias de vida de cada indivíduo (Koller; Narvaz, 2004).

As categorias e subcategorias que surgiram da análise desse segundo eixo temático encontram-se nos Quadros 11, 12 e 13 da presente seção, tendo início com a percepção

paterna sobre a visão da sociedade sobre eles mesmos, desvelando as nuances do papel paterno na sociedade contemporânea.

4.3.1 O que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?

As falas dos entrevistados ilustram como a visão da sociedade sobre o papel do pai pode se refletir em suas vivências. O “espelho social” mostra diferentes realidades da paternidade, moldadas por contextos históricos, culturais e socioeconômicos.

Para Campeol *et al.* (2022), diante da diversidade de fenômenos que envolvem as famílias, é fundamental buscar uma articulação entre o contexto social, histórico e cultural em que estão inseridas, reconhecer cada membro na sua complexidade e a recursividade das relações sociais e interpessoais. Nesse sentido, na categoria *O que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?*, emergiram quatro subcategorias, as quais se encontram no Quadro 11, assim como os exemplos das falas dos pais para ilustrar como foram expostas as narrativas durante as entrevistas.

Quadro 11 – Categorização do eixo temático 2: o que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?

Eixo temático 2	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Dimensões culturais	O que a sociedade pensa sobre o papel da paternidade?	Família patriarcal e o modelo ideal de paternidade	<i>Eu tenho a impressão de que ainda persiste, no geral, uma visão um pouco mais conservadora da sociedade em relação ao papel do pai. (PAI 5)</i> <i>A Sociedade espera que o pai seja mais exemplo, seja mais firme. A mãe, geralmente, sempre foi vista mais na parte amorosa, sentimental, e o pai mais na parte de impor limite, de ser mais rígido. (PAI 3)</i> <i>Eu acho que ainda acontece das pessoas acharem que o papel da criação é da mãe, e o pai eu acho que ainda é aquela visão patriarcal da família, de o pai prover o sustento da família e pagar uma escola boa pra criança. (PAI 15)</i>
		Igualdade nos papéis de pai e mãe: expectativa de maior participação paterna	<i>Eu acho que a sociedade vê importância na participação do pai, no envolvimento. (PAI 1)</i> <i>A sociedade pensa que a gente tem que levar o alimento, o amor, o carinho e o respeito, tudo pra dentro de casa, e não só trabalhar e levar o alimento pra casa e mais nada. (PAI 7)</i> <i>A sociedade pensa que tem que ser igual os trabalhos de pai e mãe. É o que todo mundo pensa e é o que todo mundo quer ouvir. (PAI 10)</i> <i>Sim. Eu Percebo muitas vezes que os pais estão mais engajados nessa questão. Pais estão mais presentes, mais envolvidos na questão dos filhos, E isso eu vejo sim de participar mesmo. (PAI 1)</i> <i>Sim. Hoje, eu vejo que mudou muito. Os pais estão sendo mais participativos. Eu acho que isso ajuda bastante. Sim, há uma mudança no comportamento dos pais hoje em dia. (PAI 2)</i>

		<i>“Parece que há um questionamento dos papéis de gênero, dos papéis da família, mas isso ainda está em debate, ainda está em aberto e isso leva um tempo até as coisas se transformarem. Há uma mudança do que era ser pai antigamente e do que é ser pai hoje”. (PAI 05)</i> <i>“Eu acredito que teve uma evolução nesse sentido. E eu percebo muitas vezes que os pais estão mais engajados nessa questão. Os pais estão mais presentes, mais envolvidos na questão dos filhos, E isso eu vejo sim de participar mesmo, o pai participar de reunião na escola, às vezes o pai está buscando mais A criança na escola. O pai está brincando com a criança na universidade.” (PAI 1)</i> <i>“Hoje, vejo, que a relação é muito mais amistosa, do que antigamente” (PAI 3)</i> <i>Primeiro é uma cultura que precisa ser mudada. Segundo que é uma realidade que precisa ser mudada também. Eu acho que ainda tem muitos relacionamentos que o homem é o provedor, que tem o compromisso. A mulher fica com os afazeres de casa. Então acaba que com essa divisão automática de tarefa, é mais difícil para o homem estar presente como um pai. (PAI 10)</i>
	O que era ser pai antigamente e o que é ser pai hoje? Vivendo um momento de transição nos papéis de gênero	O antes e o depois da paternidade com base no contexto, nível socioeconômico e educacional
		<i>No meio que eu vivo, eu vejo, porque a maioria do meu círculo de amizades são pessoas...sem preconceito da minha parte... Pessoas mais instruídas. Eles têm essa visão de paternidade mais participativa. (PAI 4)</i> <i>Os homens no passado eram mais... Talvez homens mais da roça, de trabalho braçal, tinham essa visão lá atrás. Eu sou de uma cidade muito pequena, então lá meus avós eram produtores rurais. Talvez essa questão mais rústica também esteja relacionada às dificuldades da vida no passado. (PAI 11)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Os relatos desta categoria revelam que a percepção dos pais entrevistados sobre como a sociedade enxerga o papel paterno está dividida. Em seus relatos, foram apontadas três visões diferentes, desde a visão patriarcal até a busca pela completa igualdade entre os papéis de pai e mãe, passando pela conscientização de um momento de transformação, que foi, até mesmo, atrelada ao contexto e ao nível socioeconômico e educacional.

4.3.1.1 Família patriarcal e o modelo ideal de paternidade

A herança de modelos paternos passados de geração em geração, permeados por expectativas rígidas e estereotipadas, ainda se faz presente em tempos contemporâneos. Segundo o Pai 1, o modelo ideal de paternidade e de família esperado pela sociedade é aquele em que vivem juntos o pai, a esposa e os filhos:

Eu acho que seria o ideal a família com pai, mãe e filho e, acredito que para grande parcela da sociedade também seria o ideal. Questão da família tradicional. (PAI 1)

Nesse sentido, Petzold (1996) afirma que, dentro do modelo tradicional, espera-se que o homem esteja inserido em uma família nuclear, ou seja, aquela composta por pai, mãe e filhos. Embora haja na atualidade diversas configurações familiares, a família nuclear ainda é o tipo mais encontrado nas sociedades ocidentais.

Da mesma forma, o Pai 3 e o Pai 4 exemplificam a visão da sociedade sobre o papel paterno com características específicas esperadas para pai e mãe:

A Sociedade espera que o pai seja rígido e a mãe amorosa. (PAI 3)

A sociedade enxerga no pai um provedor da família e na mãe aquela que deixa a comida pronta. (PAI 4)

Conforme Kisbu *et al.* (2023), visões patriarcais do pai conjugadas a masculinidades tradicionais, caracterizadas por serem dominantes, fortes e sem emoção, podem configurar fatores de risco para o envolvimento paterno, visto que podem estimular um perfil paterno autoritário, ausente e emocionalmente distante.

Nesse sentido, o Pai 4 cita um exemplo do que seria essa visão patriarcal da sociedade que espera que a paternidade esteja inserida em um contexto demarcado por comportamentos para pai e mãe. Ele relata o momento em que ouviu uma conversa entre dois homens durante um jogo de futebol de que participava:

Eu escutei uma vez de um homem... Tava jogando bola com o pessoal da geografia, lá perto do alojamento masculino. Aí, o porteiro falando com o outro que chega em casa e o jantar não está pronto. Aí, eu falei com ele, se ele casou com uma esposa ou com uma empregada. (PAI 4)

Para Magalhães e Matos (2019), há no modelo de paternidade tradicional uma expectativa da sociedade de que o pai manifeste características tidas como masculinas, tais

como rigidez e autoridade, e que, em contrapartida, a mãe apresente atributos femininos, como afeto e cuidado com a família e os afazeres domésticos. Assim, as narrativas dos pais evidenciam a herança persistente, moldada por expectativas estereotipadas. A família nuclear, com pai, mãe e filhos, com divisão pautada no gênero, ainda é vista por muitos como o ideal, desconsiderando a diversidade das realidades familiares contemporâneas.

4.3.1.2 Igualdade nos papéis de pai e mãe: expectativa de maior participação paterna

Em oposição à visão de família tradicional, relatada pelos Pais 1, 3, 4, 5 e 15, cujos papéis de homens e mulheres são delimitados, alguns pais disseram perceber que a sociedade espera uma postura diversa e homogênea entre pais e mães. Nesse contexto, o pai deve assumir papéis e ocupar espaços “femininos”, como maior proximidade com os filhos e amorosidade:

Eu acho que a sociedade pensa que o pai tem que ser quase igual a mãe mesmo. Exatamente isso, dar o carinho igual a mãe dá, tratar igual... não é mais aquele pai rígido que só briga, só chama atenção. Eu acho que isso acabou. (PAI 8)

Segundo Campeol *et al.* (2022), na sociedade contemporânea, a figura paterna está conquistando espaços significativos no contexto familiar. Alterações a respeito dos modelos femininos e masculinos, decorrentes desses novos tempos sociais, encorajam os homens a estarem mais próximos dos filhos e reconhecem o envolvimento paterno como fator de proteção para o desenvolvimento infantil (Lamb, 1997). Dessa forma, quando perguntados se percebem maior participação paterna na educação e nos cuidados com os filhos nos dias de hoje, de forma unânime, os pais entrevistados confirmaram: “*Sim. Hoje tem muito mais participação dos pais. Muito mais. Com certeza!*” (PAI 9).

Os entrevistados relataram enxergar mudanças no comportamento dos homens, bem como maior engajamento, tanto de pais conhecidos como de si mesmos. O Pai 4 cita um exemplo:

Eu conheço outro colega meu, inclusive, o filho dele estuda também... Os três, ele tem gêmeas, mais um. Estudam tudo no LDI e LDH. Ele que é o dono de casa. Eles fizeram um acordo, porque tem muitos filhos que estão pequenos agora. Ele ficou por conta. Ele que faz comida, que leva, que busca. Porque daí a mulher trabalha. Então, entre o círculo de amizade nossa tem essa visão. (PAI 4)

Na concepção de Magalhães e Matos (2019), os homens na contemporaneidade, cada vez mais envolvidos com o projeto de serem pais, demonstram corresponsabilidade pelo processo. As autoras observam que a paternidade está passando por uma redefinição. Tradicionalmente vistos como principais provedores financeiros e figuras de autoridade, os pais contemporâneos estão envolvidos nos aspectos emocionais e diários do cuidado infantil. Esse envolvimento inclui atividades como alimentar, banhar, brincar e educar os filhos.

Por isso, na perspectiva destes pais-jovens, a sociedade contemporânea espera maior participação paterna na criação dos filhos, envolvendo cuidado emocional, afeto e conexão com os filhos. Logo, rompe-se com o modelo antigo de pai distante e autoritário, de sorte a promover a igualdade e o bem-estar familiar.

4.3.1.3 O que era ser pai antigamente e o que é ser pai hoje? Vivendo um momento de transição nos papéis de gênero

Emergiu das narrativas dos pais a identificação de uma mudança em curso, que significa maior participação e envolvimento dos homens nas atividades dentro de casa, seja educando, seja cuidando dos filhos. É o que se percebe no relato do Pai 6:

Eu acho que hoje em dia a sociedade está bem dividida, está bem ramificada em todos os pensamentos coletivos e não tem uma coisa engessada mais. Tem o pessoal que acha que o pai tem que sair, trabalhar e garantir o sustento e tem o outro lado que fala sobre a afetividade do pai, do pai estar presente, pensando que o pai tem que ficar mais envolvido". (PAI 6)

As atitudes tradicionais de masculinidade estão em processo de mudança. Além de garantir segurança física e financeira, atribuições tradicionais de um pai, o homem contemporâneo tem também como encargo o cuidado emocional de sua família. Ao mesmo tempo em que se espera segurança e provimento, espera-se flexibilização e cuidado (Kisbu *et al.*, 2023).

Dessa maneira, há uma nova relação sendo estabelecida entre pai e filhos na contemporaneidade, e não uma inversão de papéis. Uma relação pautada na aproximação com os filhos, sendo provável que essa problematização do lugar social atribuído à paternidade possa indicar uma revolução masculina/paternal, que necessitará de várias gerações para se concretizar (Matos; Magalhães, 2019).

Ademais, foram apontadas na fala do Pai 11 situações nas quais ele enxerga, de forma explícita, essa mudança. É o caso de as mulheres estarem inseridas no mercado de trabalho

com melhores salários e reuniões escolares em que é possível perceber a massiva presença paterna. Além disso, esse pai expressa a igualdade de seu sentimento ao amor da mãe direcionado aos filhos. Logo, relata o equilíbrio de o pai ser, ao mesmo tempo, autoridade e amor dentro de seu lar:

Mas a sociedade mudou de certa forma. Hoje as mulheres trabalham e têm salários melhores do que os maridos, muitas vezes. Até em questão de escola, festinha de escola, apresentação dia dos pais e dia das mães, ela é totalmente diferente das escolas antigamente. Amor de mãe é diferente? Eu não sei... Eu não concordo muito. O amor que eu tenho pelas minhas filhas é... Acho que nada supera. O amor da minha esposa supera? Acho que não. Eu amo tanto quanto a minha esposa ama. Ela gerou, ela tem essa relação de ter gerado dentro dela, mas eu fui participando desde que a gente pegou o teste de gravidez. O homem tem que ser o forte dentro da casa, mas também ser aquele que vai estar lá com o ombro amigo, o abraço, o beijo, estar próximo todos os dias. (PAI 11)

Socha e Waldron (2022) acrescentam que os pais estão em uma luta constante entre legados de masculinidade herdados de patriarcado e entendimentos e expectativas sociais em rápida evolução, em um contexto no qual a qualidade da paternidade continua a ser importante para a civilização humana. Outrossim, os significados da paternidade continuam a se diversificar. Desde os anos 2000, está em curso uma transformação cultural, na qual “bons pais” são caracterizados como amorosos, disponíveis, provedores e solidários.

Ademais, percebeu-se que, para os pais-jovens, conciliar o papel de provedor com o de pai participativo configura um desafio. A maioria dos pais entrevistados expressou a dificuldade de ir além do papel de provedor, reconhecendo a importância de estarem presentes na vida dos filhos e de contribuírem para sua criação e educação. Essa busca por uma paternidade equitativa, embora desafiadora, ressalta o desejo de romper com modelos tradicionais e construir uma relação mais próxima com os filhos.

Em alguns momentos das entrevistas, surgiu a palavra “ajuda”, e nesta subcategoria não foi diferente. Essa transição entre ser o provedor e ser participativo configura-se, para a maioria dos pais-jovens, um auxílio. Nas palavras do Pai 6:

*Falando como homem, eu acho que está difícil achar pai hoje. Pai mesmo está difícil de achar. Você acha quem tem filho. Igual tem exemplo de gente que trabalha comigo, que é só cheque, só paga pensão, fala que tem filho, mas não faz nada. Inclusive eu vejo até situações, que alguns pais me perguntam certas coisas, o que eu acho... Fico pensando, nossa senhora, a pessoa é pai. Não falo nada, mas hoje está difícil! Não só para criar financeiramente, mas sim achar um pai mesmo, de verdade, que queira acompanhar a criação dos filhos, **ajudar** em casa (PAI 6).*

Do mesmo modo, foi interessante entender como o Pai 10 enxerga esse momento de transição, denominando-o como uma mudança cultural.

*Primeiro é uma **cultura** que precisa ser mudada. Segundo que é uma realidade que precisa ser mudada também. Eu acho que ainda tem muitos relacionamentos que o homem é o provedor, que tem o compromisso. A mulher fica com os afazeres de casa. Então acaba que com essa divisão automática de tarefa, é mais difícil para o homem estar presente como um pai. (PAI 10).*

Desse modo, o Pai 10 defende a superação da divisão tradicional de tarefas, na qual o homem é o provedor e a mulher assume os cuidados domésticos. Essa alteração, segundo ele, é fundamental para que os pais possam estar mais presentes na vida dos filhos e contribuir para seu desenvolvimento integral. Nesse sentido, a jornada da paternidade para os pais-jovens é marcada por obstáculos que exigem reflexão, autoconhecimento e busca por soluções. Sendo assim, Magalhães e Matos (2019) defendem a paternidade contemporânea como um fenômeno em transformação, em que os pais estão mais envolvidos na vida de seus filhos. Eles enfrentam desafios, mas também valorizam seu papel no desenvolvimento e no bem-estar das crianças.

Em suma, esta subcategoria ficou evidenciada pela consciência que alguns entrevistados manifestaram sobre o momento de transição em que vive a sociedade na qual estão inseridos. Eles compartilharam a visão de que a sociedade se divide entre o tradicional e o participativo e que essa divisão está em debate, caminhando para uma mudança a ser consolidada com o passar do tempo.

4.3.1.4 O antes e o depois da paternidade com base no contexto, nível socioeconômico e educacional

As falas dos Pais 4 e 11 salientam as mudanças na paternidade. Enquanto o Pai 4 reflete sobre a transformação em seu círculo social, o Pai 11 oferece uma análise contextualizada, vinculando as alterações com a realidade local e as origens rurais de sua família:

No meio que eu vivo, eu vejo. Porque a maioria do meu círculo de amizades são pessoas... sem preconceito da minha parte... Pessoas mais instruídas, com melhores condições de vida. Eles têm essa visão de paternidade mais participativa. (PAI 4)

Os homens do passado eram mais... Talvez homens mais da roça, de trabalho braçal, tinham essa visão lá atrás. Eu sou de uma cidade muito pequena, então lá

meus avós eram produtores rurais. Talvez essa questão mais rústica também esteja relacionada às dificuldades da vida no passado. (PAI 11)

O Pai 4, inserido em um círculo social com nível educacional elevado, compreende a paternidade participativa atrelada à maior instrução escolar. Em contraste, o Pai 11 contextualiza as mudanças ao longo do tempo, referindo-se às dificuldades vividas pelas gerações anteriores, às origens rurais e à cultura local da qual faz parte, associando a paternidade tradicional ao trabalho braçal e à rigidez.

Para Deslauriers e Kiselica (2022), a paternidade participativa está ligada a fatores contextuais, culturais e socioeconômicos. Randles (2020), por sua vez, reforça que um dos principais fatores que influenciam a participação paterna é o socioeconômico, o qual, por conseguinte, encontra-se atrelado à crença do pai provedor. Portanto, ficou evidente que alguns pais estão, de fato, atentos ao processo de transformação da paternidade na sociedade contemporânea, inclusive trazendo possíveis explicações em suas falas. Suas percepções, enraizadas nas vivências cotidianas, trazem à tona nuances e reflexões que vão além de meras observações.

4.3.2 Relação pai-mãe: impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho

A interação face a face entre pai e mãe, dentro de um contexto cultural, resulta em uma influência mútua que se reflete em toda a dinâmica familiar. Configura um delicado entrelaçamento de emoções que extrapola a coexistência. Segundo a Teoria Bioecológica, os processos de desenvolvimento ocorrem em contextos de interações, nos quais o ser humano é visto como um ser ativo, que influencia e é influenciado (Koller; Narvaz, 2004).

Depreendeu-se nas falas dos homens entrevistados que essa relação consiste em um pilar na construção da relação pai-filho, moldando suas interações, o desenvolvimento infantil e a família como um todo, como pode-se observar no Quadro 12.

Quadro 12 – Categorização do eixo temático 2: relação pai-mãe: impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho

Eixo temático 2	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Dimensões culturais	Impactos da relação conjugal e coparental na díade pai-filho	Estabilidade conjugal e coparental: um facilitador do envolvimento paterno	<i>Quando a gente está bem, a relação com os filhos é outra. (PAI 3)</i> <i>A gente se ajuda muito, se apoia muito, não deixamos transparecer nada de ruim para o nosso filho. (PAI 13)</i> <i>A gente terminou um casamento, mas não terminou uma relação, um vínculo que a gente tem um vínculo eterno, que é o nosso filho. A gente recuperou parte do respeito, do convívio, com esse término do casamento. E hoje eu vejo que isso faz diferença, porque no meu caso, a forma positiva com que a gente tem essa relação hoje, de respeito, em prol do nosso filho, de colaboração, isso faz total diferença. Total, total diferença. (PAI 10)</i>
		Conflito conjugal e coparental: um desequilíbrio na díade pai-filho e na dinâmica familiar	<i>Tem aquela preocupação por que não está bem, por que está triste, questão de ansiedade. Acaba que as vezes um está nervoso e o outro acaba ficando também. (PAI 1)</i> <i>Se não está bem [a relação conjugal], acaba descontando um pouco nos filhos também. (PAI 4)</i> <i>A família é um sistema em equilíbrio dinâmico, então um atrito com a mãe interfere em todos. (PAI 5)</i>
		Respeito às regras individuais impostas aos filhos: “A hora do meu não é o não, a hora do não dela é o não dela”	<i>Por exemplo, se ela colocou eles de castigo por um motivo que eu acho que não deveria, mas ela colocou, ela colocou, ela que vai tirar e ela que vai conversar depois. Eu não interfiro em nada, não. (PAI 6)</i> <i>A hora do meu não é o meu não, a hora do não dela é o não dela, então, a gente não interfere nisso do outro, não. (PAI 7)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

As narrativas dos pais entrevistados convidam a penetrar no universo da relação conjugal e coparental e sua influência na dinâmica pai-filho. As subcategorias que emergem das falas revelaram um panorama situado entre o equilíbrio e a contraposição, além de

reconhecerem a função de cada genitor na imposição de limites aos filhos, respeitando, assim, as regras estabelecidas em caráter individual.

4.3.2.1 Estabilidade conjugal e coparental: um facilitador do envolvimento paterno

Ao relatarem a relação com a mãe de seus filhos e como essa interação se manifesta no dia a dia, alguns dos pais-jovens trouxeram a estabilidade conjugal como um facilitador do envolvimento paterno. Eles informaram que, quando estão bem com suas companheiras, todas as situações fluem melhor, sinalizando que a boa relação com a mãe da criança é fundamental para a maior participação paterna. É o que expressa o relato do Pai 1:

Geralmente quando estamos bem, as coisas fluem melhor, a cabeça fica melhor e eu consigo dedicar mais, estar mais focado, mais presente. (PAI 1)

Além disso, o Pai 12 exemplificou que ter um bom relacionamento com sua esposa, mãe de seu filho, pode evitar estresses dentro de casa. Assim, declarou não ser interessante viver em um ambiente carregado de discussões, reforçando a importância da saúde mental das crianças, evitando que elas presenciem conflitos conjugais:

Eu e minha mulher não podemos brigar perto dos filhos não, fica ruim, né? Se for dar uma briguinha, briga pra lá. Meu pai sempre brigava com minha mãe e era ruim, mas não pode brigar perto deles não, porque relação é complicado, estressa eles. Eu acho que é complicado, se brigar perto deles, eles podem ficar pensando no porquê a gente está brigando, porque está aborrecido, e pode esquentar a cabeça deles. (PAI 12)

Nesse sentido, Deslauriers e Kiselica (2022) propõem que a qualidade da relação pai-filho conecta-se ao fator coabitação/composição familiar. Dessa forma, revelam maior participação paterna entre homens casados ou mesmo em situação de coabitação com as mulheres/mães. Além disso, constataram que os pais procuravam não brigar ou brigar menos na presença dos filhos, reconhecendo que o bem-estar da criança advém de um bom relacionamento com a mãe.

Sob a ótica dos bons relacionamentos, ressalta-se a fala do Pai 10, recasado, que trouxe a experiência com sua ex-esposa de forma positiva, demonstrando que casais separados podem e devem manter boa convivência em prol de seus filhos. Logo, ele destaca a contribuição da boa interação com sua ex-esposa para o relacionamento com o seu primeiro filho:

Isso faz total diferença. Total, total diferença. (PAI 10).

A minha ex-mulher foi surreal em todo esse processo. Ela é surreal. E isso é o poder total nas mãos dela. É o poder total para isso. É o convívio. Ela poderia ter moldado isso, ter construído essa situação totalmente diferente e talvez trouxesse para o nosso filho uma mágoa de mim. Então, ela foi surreal. Eu falo que ela fez com maestria toda essa relação, então pode ter certeza que faz diferença. (PAI 10)

As relações positivas da coparentalidade (acordo, suporte, divisão de trabalho e aprovação coparental) teriam maior poder discriminante em relação às práticas parentais positivas (supervisão de comportamento, prática de apoio emocional/afeto, incentivo à autonomia, cobrança de responsabilidade), a coesão e a adaptabilidade conjugal, bem como melhor desenvolvimento dos filhos (Deslauriers; Kiselica, 2022).

Por isso, quando a relação conjugal é harmoniosa, a paternidade floresce, representando um pilar consolidado para o envolvimento paterno, à medida que os pais relataram como a estabilidade e o apoio mútuo entre os parceiros criam um ambiente propício para uma relação pai-filho com maior qualidade.

4.3.2.2 Conflito conjugal e coparental: um desequilíbrio na díade pai-filho e na dinâmica familiar

Do mesmo modo que os pais relataram como uma relação conjugal de qualidade pode influenciar de modo positivo a participação paterna, durante a análise, observou-se também o contrário. Sendo assim, os Pais 1, 4 e 5 mencionaram o quanto conflitos conjugais podem interferir no engajamento com seus filhos.

O fato de não estar bem com sua esposa faz com que o Pai 1 sinta ansiedade e nervosismo. Ele relata que, quando um dos dois não está bem, o outro acaba se contagiando com o sentimento ruim, culminando na perda do foco na relação com o filho: *“Questão de ansiedade. Acaba que as vezes um está nervoso e o outro acaba ficando também e eu perco o foco com o meu filho”* (PAI 1).

Quando o Pai 5 diz que *“Um atrito com a mãe interfere em todos da família”*, deixa claro que discussões conjugais podem afetar não só a díade pai-filho, mas a família como um todo. Além disso, esse pai-jovem descreve o comportamento de suas filhas nos momentos seguintes após acontecerem atritos entre sua esposa e ele: *“Elas sentem, elas reagem, mesmo que elas não presenciem, eu percebo que elas notam o clima diferente.”* (PAI 5)

No mesmo sentido, o Pai 4 relata como enxerga as reações de seu filho quando o “clima” em casa está ruim:

Mas às vezes, ele vê aquele clima meio ruim, meio de briga um com o outro e isso eu acho que influencia bastante ele, acho que ele também percebe isso, consegue fazer uma leitura do ambiente e aí ele também já fica mais chateado. Às vezes ele já começa a tentar, não vou dizer aproximar, talvez, mas fazer atividades com nós dois. (PAI 4)

Em suma, a presença da mãe e a relação conjugal revelam-se como influenciadores na trajetória de desenvolvimento individual e familiar e, como consequência, repercutem nos filhos (Campeol *et al.*, 2022). Mosmann *et al.* (2018) explicam que o comportamento dos filhos é afetado não somente pelas relações pais-filhos, mas também pela coparentalidade, uma vez que cônjuges e ex-cônjuges falham no suporte um ao outro e expressam aos filhos práticas educativas contraditórias. É o que narra o Pai 1:

Mas, eu reduzi minha atividade com a minha filha por fatores alheios a minha vontade. Infelizmente, foram acontecendo algumas questões, alguns problemas de relacionamento com a mãe e com a família da mãe e, isso infelizmente acabou nos afastando bastante. Eu não sei qual é o sentimento dela em relação a mim, mas eu não acho que é um sentimento muito bom. Eu não tive a oportunidade, eu nem sei como eu poderia tentar conversar, abordar, esclarecer, conversar, explicar, porque às vezes ela pode achar uma coisa e, na verdade, é outra. Mas, depois disso, a minha relação com ela é uma relação distante. Eu sinto que não tem assunto. (PAI 1)

Destarte, a fala do Pai 10 convida a refletir a respeito das dinâmicas familiares que podem surgir em situações de separação conjugal. Ele cita um exemplo de pais separados que fazem parte do seu convívio social, os quais vivem uma situação desafiadora com seus filhos em função do mal relacionamento com suas ex-companheiras: “*Eu tenho amigos e tenho pessoas na família que têm situação de filho, que estão em outro casamento hoje, que tem uma rejeição, às vezes da atual esposa, ou às vezes uma restrição do antigo relacionamento.*” (PAI 10)

Vale mencionar que tanto a literatura nacional quanto a internacional apontam para os desdobramentos da relação coparental a partir do divórcio, considerando que os pais podem trabalhar de forma cooperativa ou travar uma batalha interminável no que concerne à forma de criar e educar os filhos (Mosmann *et al.*, 2018). Assim, evidenciou-se nas falas dos pais-jovens que o conflito conjugal infiltra-se na dinâmica familiar, gerando estresse e ansiedade nas crianças. Portanto, brigas e ressentimentos afetam o bem-estar dos filhos, gerando um desequilíbrio na díade pai-filho e dificultando a comunicação e a criação de um ambiente seguro e afetivo.

4.3.2.3 Respeito às regras individuais impostas aos filhos: “A hora do meu não é o meu não, a hora do não dela é o não dela”

A análise dos relatos permitiu identificar entre a maioria dos pais entrevistados a presença de um diálogo aberto entre eles e suas parceiras acerca da imposição de limites aos filhos (como regras e castigos). Nesse aspecto, existe uma concordância entre o casal: *“Se ela dá uma regra lá, eu não entro no meio não, se ela falou, está falado. Quando eu falo também, está falado. Nenhum dos dois interfere, não tem isso não”* (PAI 14).

Essa informação fornecida corrobora a literatura, indicando que os pais discutem com suas parceiras o cuidado e a educação dos filhos, sobretudo no que se refere à imposição de limites (Gabriel *et al.*, 2017). Sendo assim, essa dinâmica revela a maturidade e o compromisso dos pais em construir uma educação coesa para seus filhos. Em meio às diferenças de opiniões, os pais convergem no respeito às regras individuais impostas aos filhos. Essa concordância demonstra a comunicação aberta e a compreensão mútua na criação de um ambiente familiar estável e seguro.

Além disso, as falas trazidas pelos pais durante as entrevistas, que geraram esta subcategoria, destacam o modo como os pais reconhecem a própria autonomia na educação dos filhos, bem como a autonomia de suas parceiras. Essa responsabilidade individual garante que cada criança receba o amor, o cuidado e a disciplina de acordo com as diferentes perspectivas parentais. A coparentalidade manifesta-se, pois, nesse respeito mútuo e na busca por soluções conjuntas. Pais e mães tornam-se parceiros na educação dos filhos, valorizando a colaboração e o trabalho em equipe para o bem-estar da família. Sendo assim, em continuidade à análise, examina-se a evolução da paternidade.

4.3.3 Referência paterna e a evolução da paternidade no tempo: de pai para pai

Esta categoria emergiu das percepções dos pais entrevistados sobre o que significa ser pai ao longo do tempo. Eles trouxeram relatos da paternidade em épocas passadas, como nos tempos de seus avós, comparando-a com a paternidade na contemporaneidade, avaliando suas experiências com os próprios pais.

Os papéis parentais não são estáticos. Eles evoluem ao longo do tempo, influenciados por mudanças culturais, sociais e históricas. A maneira como os homens se envolvem como pais hoje é moldada pelas expectativas e pelas normas da sociedade atual, as quais se diferem das gerações anteriores. Ademais, a relação pessoal que os homens possuíram com seus pais

pode influenciar seu estilo de paternidade, promovendo tanto a continuidade quanto a mudança nos padrões de envolvimento paterno (Socha; Waldron, 2022).

Sendo assim, esta categoria emergiu dos processos identificatórios dos pais-jovens com seus próprios pais. Em busca de um modelo ideal, os entrevistados transitam entre identificações e estranhamentos com o que vivenciaram em suas infâncias e suas figuras paternas, culminando nas subcategorias dispostas no Quadro 13.

Quadro 13 – Categorização do eixo temático 2: referência paterna e evolução da paternidade no tempo: de pai para pai

Eixo temático 2	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Dimensões culturais	Referência paterna e evolução da paternidade no tempo: de pai para pai	Paternidades semelhantes: reproduzindo o legado	<i>Em termos dessa questão de ser muito compreensivo e de ser aquele ombro para o que der e vier meu modo de educar as minhas filhas é muito parecido com o do meu pai. A minha relação com o meu pai é excelente. Meu pai é o melhor pai do mundo. Eu lembro sempre do meu pai como aquele cara que está ali para tudo. Meu pai é um vencedor, é um herói. (PAI 11)</i> <i>O meu jeito de educar os meus filhos é a mesma coisa do meu pai, é a educação, eu peço a benção dos meus avôs, do meu pai sempre, toda a minha família, eu peço a benção. (PAI 12)</i>
		Paternidades opostas: rompendo com a rigidez e desconstruindo o modelo tradicional	<i>Eu tinha uma cabeça machista, isso pode ter vindo um pouco do exemplo dos meus pais. Minha maior referência foi a minha mãe (PAI 2)</i> <i>A gente via que, antes, principalmente em relação a demonstração de carinho, era muito diferente. A gente não via o pai de uma forma geral, falar te amo. O te amo dele era uma coisa mais de pôr comida em casa, de comprar um presente. (PAI 3)</i> <i>Meu pai era rígido. Não era aquela coisa violenta, não. Mas era rígido, mais calado, mas demonstrava amor de uma forma diferente. Não dava afeto. Meu pai nunca me beijou. E hoje eu tento abraçar, beijar meus filhos, tento fazer diferente. (PAI 4)</i> <i>Acho que antes os pais não estavam tão presentes e eram mais rígidos. (PAI 6)</i> <i>Ele nunca foi um pai presente. O corretivo era sempre um tapa, e estava tendo comida na</i>

			<i>mesa, tinha que estar tudo bem, eu não podia reclamar de nada. Então é a minha relação com meu pai é totalmente diferente da que eu tento trabalhar com meu filho, uma criação baseada na conversa com o filho. (PAI 15)</i>
		Entre honrar o legado e construir um novo caminho	<i>O legado maior que ele deixou para mim é esse coração bom que ele tem e o respeito. Meu pai é o tipo de pessoa que tira dele para ajudar as pessoas. Então, eu sou assim também com meus filhos. E meu pai é assim, meio na dele e pouco pró-ativo. Isso eu já não sou muito assim. (PAI 10)</i> <i>Meu jeito de educar meus filhos tem a ver como o jeito que meu pai me criou sim. Voltado no sentido da ética, caráter, nessas coisas, somos muito parecidos. Agora, igual eu te disse, nessa questão de falar te amo, ficar abraçado, somos um pouco diferentes, é mais um lado sentimental. (PAI 3)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Depreende-se, pois, do Quadro 13, que os pais atribuem importância ao legado de suas experiências com seus próprios pais. Para os homens entrevistados, ter uma referência de paternidade é significativo. Eles expõem a necessidade de um modelo participativo a seguir, ao passo que apontam como dificuldade equilibrar o papel de provedor e participativo, quando não possuem uma referência para se espelhar.

4.3.3.1 Paternidades semelhantes: reproduzindo o legado

Tornar-se pai implica mudanças, conforme indicaram as análises realizadas neste trabalho. O novo modelo de paternidade estaria atrelado às vivências que os pais de hoje tiveram como filhos. Logo, os homens que tiveram experiências positivas e maior envolvimento paterno na infância com seus próprios pais apresentaram maior participação na vida de seus filhos, dando continuidade à experiência positiva vivida na infância (Bustamante, 2005).

Sob essa perspectiva, nota-se a satisfação do Pai 5 em reconhecer ter vivido uma experiência com um pai atencioso em sua infância, que dialogava e lhe apresentava o mundo:

Eu tenho muitas semelhanças com algumas coisas que o meu pai colocou em prática na nossa criação. Ele conversava muito conosco, isso é fato. Ele... por exemplo, foi com ele que eu aprendi a gostar de animais. Ele sempre foi muito atencioso. Ele que me apresentou livros, música, muita coisa... (PAI 5)

Por sua vez, o Pai 8 expressou contentamento ao declarar que sua “*infância foi muito boa*”, descrevendo o impacto positivo de sua relação com o pai, a ponto de desejar reproduzi-la com os filhos:

A parte da infância foi muito boa. Ele brincava muito comigo, sempre me levava pra sair pra brincar, sempre... Chegava à tarde, à noite, sempre brincava muito e sempre conversava muito e, é isso que eu levo pra minha convivência com meus filhos (PAI 8)

As memórias da infância com os próprios pais ecoaram nas falas dos entrevistados, inspirando-os a criarem um vínculo similar com sua prole. Eles relataram, com alegria, a atenção recebida e os momentos de brincadeira compartilhados com seus pais, experiências que acenderam o desejo de reproduzir esse ambiente amoroso com seus próprios filhos.

4.3.3.2 Paternidades opostas: rompendo com a rigidez e desconstruindo o modelo tradicional marcado pela ausência e pelo amor contido

A ausência de referência paterna emerge como um desafio para muitos pais-jovens. Tal realidade surgiu nas narrativas, sugerindo que a falta de um modelo masculino positivo gera inseguranças e dificuldades na construção da própria identidade paterna.

A narrativa do Pai 5 salienta as consequências de ter um pai ausente, o que, para ele, representa um desafio diário:

E uma dificuldade que eu encontrei, uma questão individual mesmo, e alguns amigos têm, é de terem tido pais ausentes e eles não têm uma referência de como ser um pai. Isso é bem... um ou outro que eu conheço, e eu particularmente me deparo diante disso. Meu pai foi bem ausente, e aí me faltam elementos para saber melhor como agir em uma situação ou outra. Nada de outro mundo, mas às vezes eu sinto essa falta (PAI 5).

Ele reconhece que a ausência do pai o privou de uma referência para exercer a paternidade de forma plena. Essa lacuna o faz sentir-se perdido em alguns momentos, buscando elementos para guiar suas ações como pai.

Em contraste, ressalta-se a declaração do Pai 2:

Não sei se é porque eu fui criado dessa forma, e sempre tive um pai presente. Apesar que meu pai nunca brigou comigo com nada, sempre era minha mãe. Mas eu tinha aquela figura paterna dentro de casa. E eu queria ter que passar o máximo também pro meu filho. (PAI 2)

Não obstante ter um pai presente, o Pai 2 reconhece que a falta de cobrança paterna o marcou. Ele observa que, embora seu pai estivesse fisicamente presente, era a mãe quem assumia a responsabilidade pela disciplina e pela educação dos filhos. Essa experiência o motiva a ser um pai mais presente e engajado, buscando oferecer ao seu filho a referência que ele não teve.

Sendo assim, ambas as falas manifestam a ausência paterna vivida pelos pais-jovens e o desafio que isso representa quando pensam em estar mais próximos de seus filhos. Por isso, Bustamante (2005) ressalta os contextos na paternidade, em especial no que diz respeito aos processos identificatórios em relação à própria figura paterna que esses pais trazem em suas trajetórias de vida.

Em continuidade, os Pais 1, 3 e 6 relataram uma infância com pais ausentes e pouco afetuosos. Suas histórias revelam que, em tempos passados, a compreensão da paternidade era associada à rigidez, à falta de diálogo e à carência de carinho. Em essência, para esses homens, a paternidade de antigamente é caracterizada pela ausência e pela comunicação inexpressiva. Nas palavras do Pai 1:

Porque antigamente eram criações mais rígidas, com menos diálogo e muito mais castigos, Coro mesmo. Antigamente pelo que eu me lembro em reuniões de escola, quando tinha, a gente só via mulher nas reuniões. (PAI 1)

Nesse sentido, ficou evidente um distanciamento entre esses pais e suas figuras paternas, manifestando o desejo de não reproduzirem os comportamentos experienciados. As falas retratadas ilustrarão a emergência desta subcategoria, referente ao distanciamento nos modos de cuidar e educar os filhos, ente o pai-jovem e o seu próprio pai, possibilitando realizar uma discussão acerca desta problemática:

Eu não creio que o meu jeito de criar meu filho seja semelhante a do meu pai. É bem diferente, porque meu pai era uma pessoa mais na dele. A minha visão, a minha lembrança era mais dele na dele. Ele mais pacato, mais caladão. As vezes ele queria conversar alguma coisa, mas ele conversava alguma coisa meio que sem graça. (PAI 1)

Eu percebo que ele não falava te amo, não beijava, não abraçava. Não era carinhoso. Não dava afeto. Meu pai nunca me beijou. E hoje eu tento abraçar, beijar meus filhos, tento fazer diferente. Eu nunca me lembro de um beijo. E o meu medo é de fazer a mesma coisa. Mas eu tento ser melhor que ele. Mas eu tento ser melhor que ele. (PAI 4)

Segundo Dos Santos *et al.* (2022), ser filho em um modelo tradicional, em que o pai demonstra menos afeto e é mais distante, influencia os homens a desejarem ser pais

diferentes. Isso, do mesmo modo, interfere no desenvolvimento da paternidade que seu filho desempenhará com os próprios filhos. Os modelos de paternidade considerados distantes podem suscitar, portanto, o desejo de reparação na relação com os filhos, na qual os pais esforçam-se para resgatar falhas que percebiam em seus pais.

Diante desses relatos, evidenciou-se que a relação com a prole representa uma oportunidade de agir de maneira diferente da que seus próprios pais adotaram, além de corrigir o que consideram falhas na paternidade que receberam. Esses homens mostraram um desejo de romper com os padrões do passado e construir um futuro diferente. Para eles, a relação pai-filho é uma oportunidade única de reescrever a história.

4.3.3.3 Entre honrar o legado e construir um novo caminho: do pai provedor ao pai participativo

A terceira subcategoria surgiu de uma busca por equilíbrio. Alguns pais expressaram o desejo de perpetuar valores como ética, religião, respeito aos mais velhos, carinho e diálogo na relação com seus filhos. Simultaneamente, esses pais anseiam mudanças em aspectos que consideram falhas, como a instabilidade emocional e financeira e a falta de presença e afeto.

Ele sempre foi muito atencioso. Ele que me apresentou livros, música, muita coisa. Isso eu tenho muito do meu pai. O meu lar, o lar onde eu cresci era muito instável. Havia muita dificuldade em meus pais expressarem os sentimentos de maneira equilibrada. Normalmente havia muita ofensa. Eu consigo ser menos ofensivo, eu consigo buscar um pouco mais de estabilidade emocional. Ele não fixou em nenhum emprego. Isso é algo que eu consegui não repetir. (PAI 5)

Meu pai é uma pessoa humilde, uma pessoa que sabe lidar com as pessoas, ele sempre foi uma pessoa gente boa, com muita amizade, e ensinou isso pra mim também, a gente saber tratar as pessoas com educação, a maior referência é isso, religião, meu pai sempre, desde que eu era novo, colocava a gente pra rezar terço, levava a gente pra missa, sempre, todo sábado, pegava a gente e levava, então, isso é uma referência que eu tenho na minha vida, e levar as coisas certas, honestidade, a gente, igual eu trabalho, trabalho em vários lugares, a gente tem que ser honesto, tem que saber que as coisas das pessoas, é da pessoa, não é da gente, então, trabalhar com honestidade, e meu pai sempre foi assim, sempre falou, ó, o que é do outro, é do outro, o que é da gente, é da gente, então, isso é um exemplo, que eu levo, assim, de referência a ele. Essas referências eu vou passar para o meu filho, se Deus quiser! Mas, o meu pai é um pouquinho mais fechado. faltou conversar mais sobre o mundo, sobre as coisas. (PAI 7)

Na concepção de Socha e Waldron (2022), a comunicação dos pais é histórica, visto que configura um amalgama de memórias do passado e de compreensões contemporâneas no presente. O que os pais dizem hoje está suspenso entre o que seus pais lhe disseram e seu

entendimento das prescrições dos papéis atuais. A comunicação paternal é contextualizada, conectando passado e presente que, para o bem, está transformando o futuro.

Sendo assim, estes pais revelaram um desejo comum: replicar o carinho e o diálogo que vivenciaram em suas próprias relações paternas. Essa busca por reproduzir aspectos positivos da sua criação é um reflexo da relevância que atribuem a esses valores na construção de laços saudáveis com os filhos. No entanto, a ausência de tais aspectos, quando identificada, tornou-se um impulso para mudança, motivando-os a evitarem repetir os mesmos erros com seus filhos.

Em suma, os pais entrevistados indicaram enxergar em suas relações com os próprios pais a relevância do carinho e do diálogo na criação dos filhos, buscando reproduzir aspectos positivos da sua infância e, ao mesmo tempo, reconhecendo a necessidade de evitar falhas do passado. Essa busca por equilíbrio entre herança familiar e mudança individual destaca a dinâmica da paternidade e a constante busca por aperfeiçoamento na criação dos filhos. A jornada por uma nova paternidade ainda está em curso. As transformações sociais, embora lentas e desiguais, acontecem de forma gradual, e nem todos se adaptam ao mesmo ritmo.

Constatou-se, conforme pontuado, uma percepção de que há uma mudança – de um passado marcado pela figura paterna que provê segurança financeira para a busca por um modelo de paternidade participativa, como novos laços de afeto e presença – impulsionada pelas expectativas da sociedade e pelo desejo dos próprios pais: *“A sociedade vê o pai mais como provedor, mas eu acho que ela caminha e ela espera que haja uma mudança.”* (PAI 11)

Dessa forma, o novo modelo de paternidade vincula-se às vivências que os pais de hoje tiveram como filhos. Aqueles que experienciaram uma educação de cunho patriarcal e autoritário podem, diante das mudanças atuais, optar por seguirem esse modelo “tradicional” ou romperem com esse paradigma, instituindo um vínculo afetivo que gostariam que seus pais lhes tivessem oferecido. Ao passo que os homens que tiveram experiências positivas e maior envolvimento paterno na infância com seus próprios pais apresentaram maior participação na vida de seus filhos, dando continuidade à experiência positiva vivida na infância (Bustamante, 2005).

4.4 EIXO TEMÁTICO 3 – DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO

As atitudes culturais, as políticas de licença parental, a disponibilidade de cuidados infantis e a estrutura do mercado de trabalho encontram-se entre os fatores que podem

influenciar a divisão das tarefas domésticas entre homens e mulheres (Lamb, 1985; Pleck, 2010).

Nesse sentido, o uso da terminologia “relações sociais de sexo” destaca-se, compreendendo os modos de viver do ser social, buscando na história reflexos do que existe hoje. Logo, dentro de uma sociedade capitalista, ainda patriarcal, essa diferença nas relações entre os sexos masculino e feminino estende-se para o âmbito familiar, ocasionando nos lares brasileiros uma distinção sexual no cumprimento de tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos.

De acordo com Cislê (2015), utilizar relações sociais de sexo em vez do conceito de gênero permite compreender o contexto sócio-histórico em que homens e mulheres tiveram suas subjetividades forjadas e o impacto dessa construção social nos papéis de pais e mães, tanto para as famílias quanto para a sociedade. Assim, gênero vai além de características biológicas, configurando uma construção apoiada nas relações sociais de sexo. Nesse sentido, “Sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres” (Cabral; Díaz, 1998, p. 1). E gênero “(...) são as relações sociais de poder entre homens e mulheres, resultante de uma construção social a partir das diferenças sexuais” (Cabral; Díaz, 1998, p. 1).

No presente eixo temático, analisou-se, por meio dos relatos dos pais-jovens, suas vivências em relação às tarefas domésticas, em especial a divisão do trabalho entre pai e mãe realizada dentro dos lares. As categorias e subcategorias que emergiram nesse eixo temático encontram-se descritas nos Quadros 14, 15 e 16.

4.4.1 A importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas

A primeira categoria do terceiro eixo temático surgiu em função de a maioria dos pais entrevistados ressaltar o diálogo com suas esposas ao tratarem de divisão do trabalho doméstico. Nesse cenário, ter uma conversa com a mãe de seus filhos pode solucionar ou, até mesmo, atuar como prevenção de conflitos nesse quesito. Nesse sentido, Lamb (1985) e Pleck (2010) destacam que uma divisão equilibrada das tarefas domésticas promove relações familiares equitativas e saudáveis. No entanto, reconhecem tanto os progressos realizados quanto os desafios que ainda persistem nesse debate.

Como exceção, tem-se o Pai 3, o qual afirmou nunca ter tido uma conversa com sua esposa sobre o assunto, o que culminou nas subcategorias *Negociação flexível* e *Falta de comunicação*, dispostas no Quadro 14.

Quadro 14 – Categorização do eixo temático 3: a importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas

Eixo temático 3	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Divisão do trabalho doméstico	A importância do diálogo na divisão das tarefas domésticas	Dinâmica familiar nos lares dos pais-jovens: negociação flexível	<i>Atualmente minha esposa trabalha muito em casa. Então, por exemplo, lavar louça, sou eu quem lava quase toda a louça. Eu preparo certas refeições, fica comigo à noite e nos finais de semana. Alguns concertos, essa parte sempre fica comigo mesmo, mas ela é quem me lembra do que precisa ser feito. Preparo do café da manhã também é comigo. E, eventualmente, eu dou uma limpada na casa nos sábados de manhã, quando necessário, e faço as compras da casa durante a semana. (PAI 5)</i> <i>A gente tem essa divisória, eu faço a janta, no outro dia ela faz almoço. Eu gosto de dar banho no nosso filho desde que nasceu, eu dou banho nele. Então o banho é meu e ela põe pra dormir. Eu vou fazer a janta E ela põe uma roupa pra lavar.” (PAI 7)</i> <i>Tem conversa. Nós conversamos e a divisão muda de acordo com a conjuntura. (PAI 5)</i> <i>Se a louça está suja, quem viu primeiro lava. Se o banheiro está sujo, quem viu primeiro faz. Até porque ela também trabalha, então ela também fica sem tempo. Cada um faz o que dá pra fazer dentro do horário que dá pra fazer. Cada dia um faz uma coisa. (PAI 6)</i>
		Falta de comunicação: um possível entrave na divisão das tarefas do lar	<i>Não, nunca teve uma conversa sobre a divisão das tarefas domésticas. (PAI 3)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Desse modo, é possível verificar a centralidade do diálogo na divisão do trabalho doméstico para os pais entrevistados. Embora apenas um pai tenha mencionado a ausência de conversa sobre o tema em seu lar, representando uma exceção neste estudo, a não comunicação acerca da execução das tarefas domésticas ainda ocorre nos lares dos pais-jovens.

4.4.1.1 Dinâmica familiar nos lares dos pais-jovens: negociação flexível

Os papéis familiares preestabelecidos na sociedade têm passado por alterações, de sorte que a mãe não mais se dedica em caráter exclusivo à realização das atividades domésticas. Do mesmo modo, o pai não participa apenas do provimento financeiro da casa, inserindo-se na realização de tarefas domésticas e nos cuidados dos filhos. Essa nova configuração desvela uma relação convergente e conflituosa entre os modelos tradicional e moderno de paternidade (Dos Santos *et al.*, 2022).

Desse modo, percebeu-se na fala do Pai 2, uma preocupação em dividir as tarefas do lar, como forma de não sobrecarregar a mãe, sobretudo no momento do nascimento do filho, em que surgem questões específicas como a amamentação:

A gente tem que fazer as coisas juntos em relação ao serviço de casa. Um dia ela pode estar fazendo, outro dia eu estou fazendo, pra não sobrecarregar muito a mãe. Porque quando o filho nasce, é muita pressão em cima da mãe, tem a amamentação. O que eu posso o máximo fazer pra estar dividindo, é de bom grado. (PAI 2).

A divisão equitativa do trabalho doméstico, desafiando a tradicional segmentação de gênero, merece destaque, uma vez que compartilhar igualmente as responsabilidades do trabalho doméstico não apenas alivia a carga das mães, como também demonstra um comprometimento dos pais com o cuidado e o bem-estar dos filhos (Pleck, 2010).

O envolvimento paterno vem, cada vez mais, sendo valorizado, e a divisão de papéis tornou-se flexível, sinalizando que o compartilhamento do trabalho doméstico entre pais e mães tem impacto direto na dinâmica familiar (Mosmann *et al.*, 2018). Por isso, ficou evidenciado durante a análise das percepções dos pais entrevistados nesse eixo temático que a divisão do trabalho doméstico não é engessada como uma regra imposta.

Cabe salientar que 14 dos 15 pais entrevistados expuseram a satisfação em terem um diálogo aberto com suas companheiras e os benefícios que isso traz para a família. Isso porque o casal pode ajustar a rotina de acordo com o cansaço que cada um apresenta no dia a dia ou, até mesmo, resultante de alguma mudança repentina na rotina familiar. Logo,

A gente conversou sim. Não foi uma regra de que iríamos dividir. Mas, eu vejo a necessidade e ela também. A gente tem que fazer as coisas juntos em relação ao serviço de casa. Um dia ela pode estar fazendo, outro dia eu estou fazendo, pra não sobrecarregar muito um ao outro. Eu faço o máximo que eu posso para estar dividindo. (PAI 2)

Na nossa casa é dividido. As tarefas domésticas são divididas. Mas, se a gente perceber que um trabalhou mais ou o outro chegou mais cansado, acabamos um ajudando o outro. (PAI 8)

Ademais, a comunicação eficaz assegura que ambos os parceiros estejam cientes das demandas da casa e possam negociar uma divisão justa das responsabilidades domésticas. A participação dos homens na vida familiar e, por conseguinte, nas tarefas domésticas está aumentando, desafiando as normas tradicionais de gênero. Essa renovação tem o potencial de promover igualdade de gênero, melhorar os relacionamentos familiares e beneficiar o desenvolvimento dos filhos, estabelecendo um equilíbrio entre homens e mulheres nas responsabilidades familiares (Coltrane, 1996).

Posto isso, a participação dos pais nas tarefas domésticas, dentro dos lares, servirá de exemplo para os filhos, o que caracteriza uma contribuição para a mitigação da desigualdade nas relações sociais de sexo no âmbito familiar, embrião do patriarcalismo. Nessa lógica, os membros de uma família influenciar-se-iam de forma mútua, de sorte a gerar impacto no modelo comportamental dos pais sobre os filhos, inserindo a criança em um novo contexto de valores, crenças e práticas estruturantes da vida familiar contemporânea. Tal conduta, que apresenta o diálogo flexível como um pilar, possibilita uma transformação completa na paternidade e no modelo social a serem vivenciados no futuro (Santos; Souza, 2014).

4.4.1.2 Falta de comunicação: um possível entrave na divisão das tarefas do lar

Dos 15 pais entrevistados, apenas o Pai 3 expressou em sua fala a ausência de diálogo em relação à realização das tarefas domésticas. Ele justificou sua postura com o fato de que não é comum ele exercer tais atividades dentro de casa: *“Não, nunca teve uma conversa sobre a divisão das tarefas domésticas. E eu não sou muito de fazer a parte doméstica, não.”* (PAI 3)

A falta de comunicação conjugal sobre a divisão das tarefas domésticas consiste em obstáculo para a equidade de gênero dentro do lar. Além disso, a ausência de diálogo aberto entre os parceiros sobre as expectativas e as responsabilidades domésticas pode levar a mal-entendidos, ressentimentos e uma distribuição desigual das tarefas. Quando os casais comunicam de maneira clara suas expectativas e colaboram para a gestão das tarefas domésticas, isso fortalece o relacionamento e promove um ambiente familiar harmonioso (Coltrane, 1996).

Representando uma exceção, o Pai 3 ilustrou, portanto, a falta de diálogo, bem como o fato de não participar da divisão das tarefas domésticas, sugerindo um desequilíbrio na

relação conjugal e familiar, de acordo com o que se tem observado ao longo deste trabalho. Esse ponto será explorado na categoria a seguir, *Distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?*, em que os pais entrevistados trouxeram detalhes de suas vivências em relação à distribuição das tarefas domésticas em seus lares.

4.4.2 Distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?

Mudanças nas normas sociais e culturais têm surgido para demandar maior participação paterna nas tarefas domésticas e no cuidado dos filhos, criando um modelo de paternidade igualitário e colaborativo (Pleck, 2010). Tendo isso em vista, buscou-se analisar os impactos desse compartilhamento na dinâmica familiar e nos relacionamentos interpessoais. A presente categoria, então, é composta por três subcategorias: *Delegação de tarefas (empregada doméstica/diarista/babá)*, *“Quem faz tudo é a minha mulher”: a mãe é sempre mais atarefada* e *A responsabilidade das tarefas é maior para o pai*, tal como descrito no Quadro 15.

Quadro 15 – Categorização do eixo temático 3: distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?

Eixo temático 3	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Divisão do trabalho doméstico	Distribuição de tarefas: a divisão é igual para pai e mãe?	Delegação de tarefas (empregada doméstica/diarista/babá)	<i>Geralmente, tem a menina que trabalha lá em casa. (PAI 3)</i> <i>Mas hoje a gente tem uma ajudante (PAI 4)</i> <i>A gente contrata sempre uma diarista. (PAI 11)</i>
		“Quem faz tudo é a minha mulher”: a mãe é sempre mais atarefada	<i>E eu não sou muito de fazer a parte doméstica, não. Quando não tem a moça em casa, fica por conta da minha esposa. (PAI 3)</i> <i>Mas quando tem [serviço doméstico] é a minha esposa que faz. (PAI 9)</i> <i>No final de semana quem faz é mais a minha mulher. Mas, quando tem que fazer, minha esposa faz, porque eu não tenho jeito de fazer. (PAI 12)</i> <i>Justamente, por não ser igual, equilibrada a divisão, é imperfeita, não será perfeita, porque ela se sente mais sobrecarregada mesmo. (PAI 5)</i> <i>Não, fica mais pra ela, principalmente em relação ao trabalho doméstico, com o cuidado da casa, fica mais com ela mesmo. O meu cuidado com a casa é mais financeiro. (PAI 8)</i>
		A responsabilidade das tarefas é maior para o pai	<i>Eu acho que as tarefas ficam mais pra mim, porque por exemplo, eu que dirijo carro, ela não dirige, eu que tenho que carregar eles. Ela está falando que vai tirar carteira pra trazer os meninos na escola, mas não dá certo, mulher dirigir carro? eu acho que não dá certo não. Sei lá, meio estressada. Eu acabei de tirar uma moto nova e ela pode esbarrar na moto nova, não dá certo não. Se a pessoa não anda bem de moto, piorou o carro, né? (PAI 12)</i> <i>Atualmente a responsabilidade das tarefas domésticas está sendo mais pra mim, porque ela passa a maior parte do tempo fora e quando ela já chega, é quase que a conta dela comer alguma coisa, dar banho no nosso filho e já ir descansar (PAI 15).</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Tendo em vista o horizonte apresentado no Quadro 15, abordar-se-á como as responsabilidades relacionadas às atividades domésticas são compartilhadas entre os membros da família, em especial entre pai e mãe.

4.4.2.1 Delegação de tarefas (empregada doméstica/diarista/babá)

Esta subcategoria surgiu no relato dos Pais 3, 4, 9, 11 e 12. Eles indicaram em suas narrativas o fato de que em seus lares a realização das tarefas domésticas é delegada às suas ajudantes, sejam elas empregadas domésticas, diaristas e/ou babás:

Sobre as tarefas domésticas, a gente tem uma empregada que faz. E tem a babá das meninas também que ajuda quando as meninas estão pra aula, por exemplo. (PAI 9)

Eu tenho uma menina que toma conta dos meninos, lava roupa, faz faxina na casa, ela fica de 7 horas às 17 horas, ela faz tudo. (PAI 12)

A esse respeito, Coltrane (1996) argumenta que a delegação de tarefas domésticas mediante a contratação de empregadas domésticas, diaristas ou babás proporciona alívio imediato às famílias. Todavia, é essencial discutir as normas de gênero e as desigualdades socioeconômicas para promover, de fato, uma divisão equitativa das responsabilidades domésticas.

Posto isso, concluiu-se que, no tocante a esta categoria, o apoio nas responsabilidades domésticas advém da contratação das profissionais, e não de uma divisão mútua entre o casal, o que pode não refletir a equidade nos papéis de gênero em tempos atuais.

4.4.2.2 “Quem faz tudo é a minha mulher”: a mãe é sempre mais atarefada

O caminho percorrido pela paternidade participativa aponta na direção da horizontalidade das funções maternas e paternas, em que cuidar de crianças e dividir as tarefas do lar é responsabilidade de pai e mãe, como adultos disponíveis física e psicologicamente para relação com a criança e com a família. Isso é o que preconiza a Carta Magna brasileira com o princípio da paternidade responsável, maior equidade de gênero por meio da desvinculação sexual na divisão das obrigações familiares (Brasil, 1988).

Entretanto, a participação do pai referente à divisão das tarefas domésticas foi percebida neste estudo como menor, se comparada à da mãe, mesmo quando o pai compartilhava os cuidados e as responsabilidades com os filhos. Embora a mulher tenha ingressado em atividades tradicionalmente dominadas pelos homens, como o trabalho remunerado e a educação superior, os homens não têm se envolvido com a mesma intensidade nas atividades tradicionais das mulheres, entre elas o cuidado com a casa. Assim, a

parentalidade é ainda um domínio em que mulheres e homens experienciam responsabilidades desiguais (Gabriel *et al.*, 2017).

Para Kergoat (2009), homens e mulheres formam dois grupos sociais envolvidos em uma relação social específica: as relações sociais de sexo. Estas, como todas as relações sociais, possuem uma base material: o trabalho. Logo, dentro do contexto sócio-histórico brasileiro, há, na divisão social do trabalho, dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem “vale” mais do que um de mulher).

A divisão sexual de papéis sociais é portadora das relações de gênero, de modo que fora introjetada em homens e mulheres uma subjetividade, histórica e estrutural, forjada por uma sociedade capitalista, hierarquizada e machista. Nesse sentido, às mulheres coube o papel do cuidado, a realização de tarefas domésticas e o silêncio, em um sistema de dominação-exploração de um trabalho não pago. Já aos homens calhou a rigidez, o poder e o prover (Souza-Lobo, 2011).

Nesse contexto, os Pais 3, 9 e 12, os quais também mencionaram contar com o auxílio de empregada doméstica/diarista e babá, relataram que, na ausência dessas profissionais ou quando, de alguma forma, há alguma atividade doméstica a ser feita, ela fica a cargo de suas companheiras:

E eu não sou muito de fazer a parte doméstica, não. Quando não tem a moça em casa, fica por conta da minha esposa. (PAI 3)

Mas quando tem [serviço doméstico] é a minha esposa que faz. (PAI 9)

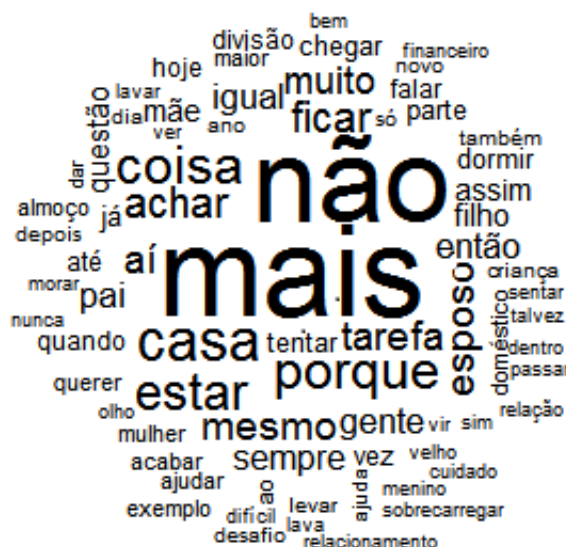
No final de semana quem faz é mais a minha mulher. Mas, quando tem que fazer, minha esposa faz, porque eu não tenho jeito de fazer. (PAI 12)

Em *Family man: fatherhood, housework, and gender equity* (1996), Scott Coltrane discute a prática da delegação de tarefas domésticas, com a contratação de profissionais para auxiliar nas atividades domésticas e de cuidado. Coltrane observa que, embora essa prática possa aliviar a carga de trabalho doméstico das famílias, ela também pode refletir e perpetuar desigualdades de gênero e socioeconômicas. Ele destaca, ainda, que a contratação de ajuda doméstica recai sobre as mulheres, enquanto os homens tendem a se envolver menos nas atividades domésticas, mesmo quando têm acesso a recursos financeiros para contratar ajuda.

Perguntados sobre a percepção da realização das tarefas domésticas entre eles e suas companheiras, os pais-jovens responderam “sim” ou “não” à pergunta: “*Você acha que essa*

divisão é igual para você e sua companheira?”. Na sequência, explicaram o porquê, resultando na nuvem de palavras presente na Figura 7:

Figura 7 – Nuvem de palavras representantes do corpus A mãe é sempre mais atarefada, com base nos relatórios do software IRaMuTeQ (2023)



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Sendo assim, a palavra “mais” aparece com maior frequência no corpus ($n = 55$), seguida de “não” ($n = 51$), “casa” ($n = 21$), “coisa” ($n = 19$) e “porque” ($n = 19$). Dessa forma, o termo “mais” aponta para a ideia de que a mulher realiza mais tarefas domésticas, ou seja, “a mãe é sempre mais atarefada”, ligada à negação de que a divisão das tarefas domésticas é igual para o casal, representada pela palavra “não”. O elemento “casa” refere-se ao elo entre tarefas domésticas e trabalho de casa, isto é, o ambiente físico em que as tarefas são realizadas. Por sua vez, “coisa” projeta a tarefa, de maneira que os pais relatam que fazem várias “coisas” dentro de casa, realizam tarefas domésticas no ambiente em que vivem. Já a palavra “porque” surge para justificar a maior parte da realização de tarefas domésticas realizadas no lar pelas mulheres.

Conforme pontuado, por meio da interpretação da nuvem de palavras, 13 pais contaram que a divisão das tarefas domésticas não é igual para eles e suas companheiras, já que elas fazem mais. Fica, então, a maior parte da responsabilidade para as mães.

Nesse sentido, é interessante observar o que relatou o Pai 1:

Eu não diria assim que é de forma igual. Eu entendo que a minha esposa tem muito mais tarefas, ela abraça muito mais tarefas do que eu. Eu até acredito que não seja uma exclusividade do meu lar, da minha casa, Eu acredito que seja de forma geral em todos os lares. Pode ser que uma ou outra família Possa fugir à regra, as vezes

do pai ter mais atribuições, ter mais tarefas, ter mais questões em relação ao filho, Eu deduzo isso mesmo... uma questão cultural... Com relação as tarefas da casa, de vez em quando tem alguma conversa, um puxão de orelha porque às vezes eu não tenho tanta iniciativa igual a minha esposa tem, Mas eu venho Tentando contribuir, venho tentando me envolver nas tarefas, no desenvolvimento das coisas para que não fique pesado para nenhuma das partes. (PAI 1)

Para Cisnê (2015), é preciso incluir as relações estruturantes do ser social e representar a grandeza da construção sócio-histórica existente no Brasil. A autora também considera homens e mulheres como sujeitos políticos de direitos, e não apenas como pessoas com diferentes características biológicas, permitindo qualificar, nomear e identificar de forma explícita os sujeitos das relações sociais de sexo. Assim, torna-se mais fácil a compreensão por parte das mulheres quando se fala em opressão, exploração e desigualdade entre os sexos.

Ademais, estudos evidenciam que, mesmo nos casos em que os pais são participativos, as mães ainda assumem mais tarefas que eles. Outrossim, apesar das mudanças positivas, a divisão das tarefas domésticas é desigual na maioria das famílias. As mulheres continuam a realizar a maior parte do trabalho doméstico, ainda que trabalhem fora de casa (Lamb, 1985; Pleck, 2010).

Portanto, é preciso reconhecer e abordar essa problemática da divisão do trabalho doméstico entre pai e mãe, a fim de estabelecer uma distribuição equitativa das responsabilidades e avançar em direção à igualdade de gênero.

4.4.2.3 A responsabilidade das tarefas é maior para o pai

Esta subcategoria destacou os relatos dos Pais 12 e 15, os quais informaram ter maior participação na realização das tarefas domésticas, divergindo dos demais entrevistados.

Durante a entrevista, o Pai 15 descreveu sua rotina diária, cuidando do filho e assumindo tarefas domésticas, como preparar o almoço e limpar a casa. Ele apontou como principal motivo para sua carga de responsabilidades diárias a longa jornada de trabalho de sua esposa, o que, acredita-se, leva-o a entender-se como o principal responsável pelas tarefas domésticas.

Atualmente a responsabilidade das tarefas domésticas está sendo mais pra mim, porque ela passa a maior parte do tempo fora e quando ela já chega, é quase que a conta dela comer alguma coisa, dar banho no nosso filho e já ir descansar. (PAI 15)

Os resultados dos estudos de Gabriel *et al.* (2017) trazem contribuições teóricas e empíricas ante as questões atuais envolvendo a paternidade. A mulher está cada vez mais inserida no mercado de trabalho, e o homem acaba sendo chamado a assumir mais tarefas domésticas e a se envolver na vida e na criação dos filhos.

Contudo, observou-se um ponto controverso na fala do Pai 12 que, na subcategoria “*Quem faz tudo é a minha mulher*”: *a mãe é sempre mais atarefada*, identificou, na ausência da empregada doméstica, a sua esposa como maior responsável pela execução das tarefas do lar. Questionado sobre a igualdade na divisão das tarefas domésticas dentro de seu lar, esse pai diz ser o maior responsável pela execução das tarefas, justificando sua narrativa com o fato de sua esposa não possuir carteira de motorista:

Eu acho que as tarefas ficam mais pra mim, porque por exemplo, eu que dirijo carro, ela não dirige, eu que tenho que carregar eles. Ela está falando que vai tirar carteira pra trazer os meninos na escola, mas não dá certo, mulher dirigir carro? eu acho que não dá certo não. Sei lá, meio estressada. Eu acabei de tirar uma moto nova e ela pode esbarrar na moto nova, não dá certo não. Se a pessoa não anda bem de moto, piorou o carro, né? (PAI 12)

O discurso do Pai 12 apresenta uma contradição: ele se autodeclara o principal responsável pelas tarefas domésticas, mas, em outro momento da entrevista, reconhece que sua esposa assume a maioria das responsabilidades quando a empregada doméstica está ausente. Essa discrepância pode ser interpretada como um reflexo de uma visão patriarcal de masculinidade, na qual o pai se sente na obrigação de afirmar sua superioridade, mesmo que, na prática, a divisão das tarefas não seja equitativa. Nesse ponto, Kisbu *et al.* (2023) argumentam que, quanto maior for a visão patriarcal de masculinidade paterna, menos os pais se envolvem na paternidade. Por conseguinte, atribuem às mulheres as responsabilidades de cuidarem dos filhos e as tarefas domésticas.

Sendo assim, as narrativas desta subcategoria evidenciam a complexa relação entre masculinidade, paternidade e divisão de tarefas domésticas. Ao passo que o Pai 15 exibe alto nível de engajamento nas tarefas domésticas, o Pai 12 parece apresentar uma visão patriarcal que o impede de reconhecer a igualdade na divisão das responsabilidades.

4.5 EIXO TEMÁTICO 4 – IMPACTOS DA PATERNIDADE PARTICIPATIVA

Neste eixo temático, ficou evidente que os homens entrevistados têm notado uma maior participação paterna na educação e nos cuidados com os filhos, indo além do papel

tradicional de provedor financeiro e disciplinador. Apontam, inclusive, benefícios que essa relação próxima pode proporcionar aos filhos.

Nesse sentido, os pais desempenham papéis como cuidadores, modelos e fontes de apoio emocional para seus filhos. A qualidade do tempo que passam com os filhos demonstra que um envolvimento emocionalmente positivo pode promover o desenvolvimento social, emocional e cognitivo das crianças (Lamb, 1985). Dessa forma, a paternidade participativa transcende a esfera do afeto e do bem-estar individual, alcançando um impacto significativo no desenvolvimento infantil, na dinâmica familiar e na sociedade, gerando benefícios, conforme subcategorias que emergiram nas falas dos pais entrevistados e apresentadas no Quadro 16.

Quadro 16 – Categorização do eixo temático 4: benefícios da paternidade participativa para pais e filhos

Eixo temático 4	Categorias	Subcategorias	Relatos das entrevistas
Impactos da paternidade participativa	Benefícios da paternidade participativa para pais e filhos	Bem-estar dos filhos	<i>Eu acho que o que eu puder fazer tem algum efeito. E eu vejo um efeito imediato que a gente percebe ao lidar com as meninas. Elas sorriem, elas demonstram algum grau de satisfação com a interação. Tem algo imediato visível. (PAI 5)</i> <i>Eu vejo muito nessa questão do bem-estar do filho, de sair com o filho, passear, se o filho está gostando de determinada coisa, se não está, se gosta de fazer algumas atividades, se não gosta, se quer ir num teatro, também não tem que forçar a criança, se não quer ir num brinquedo, também não força, porque não tem que forçar. (PAI 15)</i>
		Futura compensação	<i>Eu acho que quanto mais próximo a gente for da família, mais a família é próxima da gente. Isso vai para a vida toda, talvez se um dia eu precisar deles, de alguma ajuda, eu vou poder contar com eles. (PAI 8)</i>
		Benefício emocional	<i>Um pai mais participativo pode gerar talvez benefícios relacionados a uma questão emocional. (PAI 11)</i>
		Tempo de qualidade	<i>Das horas que eu tenho com a família, uma hora é a hora de almoço. Eu consigo ir em casa e almoçar. Nós planejamos isso (PAI 5).</i>

			<i>O sentimento é de amor, né? Porque, vamos supor, a gente tá lá almoçando, todo mundo junto. Vamos lavar a louça? Vamos, aí junta todo mundo e até a pequeninha faz a baguncinha dela, finge que tá ajudando. E todo mundo lava a louça, todo mundo... Seca, guarda. Eu acho que é legal. (PAI 14)</i> <i>A gente toma café junto, faz café junto, e minha esposa também, nós três (PAI 15).</i>
		Acompanhar o desenvolvimento dos filhos	<i>É muito gratificante esse ponto de eu ver cada pontinho do desenvolvimento dele, eu conseguir acompanhar até hoje. (PAI 15)</i>

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Dessa forma, identificou-se um leque de situações positivas, descritas nas narrativas dos pais entrevistados, que representam um presente e um futuro melhores na própria perspectiva dos homens entrevistados.

4.5.1 Benefícios da paternidade participativa para pais e filhos

Esta categoria trata dos benefícios que a paternidade participativa pode gerar para os filhos e para a família, sob as perspectivas dos pais entrevistados. O objetivo é trazer a visão e os sentimentos que os homens possuem sobre o quão benéfica pode ser para o seio familiar a maior participação paterna. Nesse sentido, os pais apontaram como benefícios: bem-estar dos filhos, futura compensação, benefício emocional, tempo de qualidade e acompanhar o desenvolvimento dos filhos.

Não serão expostas as subcategorias de forma separada, pois todos os benefícios elencados pelos pais-jovens durante as entrevistas são mencionados por Lamb (1985) e Pleck (2010), que debatem, mediante uma visão holística e positiva da paternidade contemporânea, os benefícios de um envolvimento paterno ativo e emocionalmente presente no desenvolvimento infantil e no bem-estar familiar.

Quando os pais estão emocionalmente presentes e ativamente envolvidos na vida de seus filhos, os benefícios incluem desenvolvimento emocional e social, melhor desempenho acadêmico, menos problemas comportamentais, maior capacidade de autocontrole, mais segurança e apoio emocional, bem-estar infantil (emocional, social e cognitivo), melhor saúde mental, maior capacidade de empatia e uma visão positiva das relações interpessoais. Sob essa ótica, os autores enfatizam que crianças com pais participativos tendem a se sentir seguras e

têm maior autoestima, apresentam maiores aspirações educacionais e menores taxas de comportamento problemático e delinquência. Além disso, por terem uma visão positiva das relações interpessoais, podem, no futuro, demonstrar mais empatia com os seus pais no momento da velhice, em que eles necessitam de cuidados especiais (Lamb, 1985; Pleck, 2010).

Além disso, Pleck (2010) sugere que os pais que se envolvem nos cuidados e na educação dos filhos também experimentam benefícios pessoais significativos, a exemplo de maior satisfação pessoal, melhoria na saúde mental e melhor qualidade das relações conjugais.

Uma informação que chamou atenção durante a análise das entrevistas foi que, na subcategoria *Tempo de qualidade*, a maioria dos pais mencionou reservar pelo menos uma refeição diária para sentar-se à mesa com os filhos e a esposa, proporcionando um momento em família. Eles descreveram o planejamento desse momento e a importância de vivê-lo diariamente:

Das horas que eu tenho com a família, uma hora é a hora de almoço. Eu consigo ir em casa e almoçar. Nós planejamos isso (PAI 5).

Todo dia eu vejo elas de manhã, pelo menos, a gente acorda junto e tomamos o café da manhã juntos (PAI 14).

Nesse ponto, Magalhães e Matos (2019) enfatizam que o tempo de qualidade é essencial para o desenvolvimento das crianças e para a satisfação dos pais. Os autores afirmam que as famílias modernas vêm propondo estratégias para conseguirem integrar momentos como refeições em família, brincadeiras e conversas significativas às suas vidas diárias. Tudo isso ajuda a criar e manter uma conexão forte e positiva entre pais e filhos e reforçar os laços familiares.

Ao mergulhar nas perspectivas dos pais entrevistados sobre a paternidade participativa, encontra-se um universo rico em benefícios para os filhos e para a família. As falas trazidas pelos pais revelaram, pois, o reconhecimento do envolvimento ativo e emocionalmente presente na vida dos filhos.

Em suma, ressalta-se o poder transformador da paternidade participativa trazida pelos pai-jovens. À medida que se tornam pais presentes, ativos e engajados, os homens apontaram em suas atitudes uma contribuição para o desenvolvimento integral de seus filhos, para a construção de famílias mais felizes e para a criação de um futuro promissor para a sociedade.

4.6 EIXO TEMÁTICO 5 – DIMENSÕES DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Lamb (1985) propôs um modelo de envolvimento paterno baseado em três dimensões. Posteriormente, Pleck (2010) ampliou-o, adicionando duas novas categorias, com o fito de refletir sobre a complexidade do envolvimento paterno, resultando, portanto, em cinco dimensões principais. Tal modelo oferece uma estrutura para compreender as diversas formas de envolvimento dos pais na vida de seus filhos, destacando que esse envolvimento ultrapassa o suporte financeiro, englobando interações emocionais, presença física e assunção de responsabilidades.

Neste quinto eixo temático, conforme se nota no Quadro 17, foram analisadas as falas dos pais entrevistados, considerando as cinco dimensões do envolvimento paterno proposto por Lamb (1985) e Pleck (2010).

Quadro 17 – Eixo temático 5: dimensões do envolvimento paterno (Lamb, 1985; Pleck, 2010)

Dimensões do envolvimento paterno	Atividades	SIM	NÃO
Envolvimento positivo	Brincar	1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15	6
	Dialogar	Todos	_____
Afeto e receptividade	Expressar sentimentos	Todos	_____
	Permitir que o filho expresse sentimentos	Todos	_____
Cuidado indireto	Comprar roupas	7, 8, 9, 14	1, 2, 3, 4, 5, 10, 13
	Comprar alimentos	1, 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 13, 15	9
	Comprar material escolar	1, 7, 8, 9, 10, 11	2, 3, 4, 5
Controle	Ativo na imposição de limites	1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15	5
Responsabilidade no processo	Dar banho	Todos	_____
	Levar à escola	Todos	_____
	Participar de reuniões escolares	1, 10, 15	11, 12, 13, 14
	Marcar consultas médicas	1, 4, 8, 11, 13, 14, 15	3, 5, 6, 7, 9
	Acompanhar em consultas médicas	1, 8, 10, 12, 14, 15	6, 7

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No Quadro 17, há um panorama das dimensões do envolvimento paterno: envolvimento positivo, afeto e receptividade, cuidado indireto, controle e responsabilidade no processo e atividades correspondentes. É possível observar o nível de engajamento de todos

os pais participantes desta pesquisa por meio da distribuição entre as dimensões, conforme o grau de participação.

Analisando a primeira dimensão, a maioria dos pais relatou engajamento em atividades de brincadeira com os filhos, indicando envolvimento positivo. Apenas o Pai 6 não participa dessa atividade. Todos os participantes disseram manter diálogo frequente com seus filhos, o que é crucial para o desenvolvimento emocional e social das crianças. Além disso, percebeu-se que os pais utilizam o momento de buscar os filhos na escola para iniciar conversas, sendo o principal tema discutido o dia escolar. É o que se percebe nos relatos a seguir:

Geralmente, eu gosto de conversar muito o que se passou na escola, os acontecimentos, pra ver se precisa de estar acrescentando alguma coisa. A gente gosta de conversar mais isso. (PAI 2)

Toda vez que ele chega da aula, eu pergunto como é que foi a aula dele. (PAI 3).

O que eu mais converso com todos os três é sobre a escola. O assunto mais comum é sobre a escola, essa é uma rotina. O que aconteceu? O que fez? Como que está? O que tem para fazer? O diálogo sobre a escola é comum entre os três. (PAI 10).

No tocante à segunda dimensão, a totalidade dos entrevistados exhibe afeto e receptividade com os filhos, tanto expressando seus próprios sentimentos quanto permitindo que eles o façam. Isso sugere presença emocional e um ambiente que apoia o desenvolvimento emocional saudável. O pai contemporâneo se constrói em uma base sensível, que aceita o direito de sentir e se emocionar (Gomes; Resende, 2004). Nas palavras dos Pais 4 e 5:

Eu sou um pouco emotivo. Só que fico com vergonha. Acho que já chorei pra eles vendo o filme. Eles também... O mais velho é muito emotivo também. Ele chora. Aí a gente conversa e fala que ele pode chorar, sabemos que é de emoção. Eu tento evitar por causa de vergonha. Eu tenho um pouco de vergonha, mas eu não empreendo isso, não. Se tiver que chorar, eu choro. (PAI 4).

Elas veem. Eu choro, mas o choro é mais raro. Eu muito raramente choro, mas elas me veem. (...) Uma experiência comum, é que quando eu perco a paciência, ou quando eu passo dos limites, eu tenho o hábito de pedir perdão. E reconhecer, verbalizar esse reconhecimento de erro e pedir perdão. Eu também tenho o costume de dizer que amo. (...) Até agora o que eu entendo que eu devo fazer é acolher e validar de certa forma o que ela [filha] está sentindo (PAI 5).

Ademais, as atividades de cuidado indireto, como comprar roupas, alimentos e material escolar, mostram uma participação mista. Enquanto a maioria dos pais participa da

compra de alimentos, menos da metade envolve-se na compra de roupas. A aquisição de material escolar também varia de maneira significativa entre os pais, conforme se constata:

Essa parte mais é minha esposa que faz. Então, comprar roupa, é ela que vai. Material escolar, também deixo para ela. (PAI 2).

Não costumo comprar roupas para o meu filho. Não, isso é com a mãe. É ela que compra a maioria. Eu que faço a maioria das compras de supermercado para a casa. (PAI 13).

Poucas vezes comprei roupas para ele [filho], mas já aconteceu sim. Compra de supermercado sim, com bastante frequência, inclusive. Já comprei material escolar também. Já marquei consulta médica, e vou com ele, inclusive. (PAI 15).

Já na dimensão *Controle*, a maioria dos pais encontra-se ativa na imposição de limites, o que é essencial para a disciplina e o desenvolvimento de comportamentos apropriados nas crianças:

Sim, eu imponho limite, eu converso, falo o que não pode, não grito, eu mais explico sobre o perigo, por exemplo, tinha um sofá e eu ensinei ele a descer o sofá, hoje ele já chega, joga as perninhas e desce, é algo de perigo, então eu fui falando e hoje ele desce tranquilo. (PAI 7).

É sempre conversar mesmo. Às vezes preciso falar um pouquinho mais ríspido pra ver se entende, mas no geral é assim. (PAI 8).

Apenas o Pai 5 não participa dessa função:

Eu consigo, com certa dificuldade. Por alguma razão, pra mim é um pouco mais difícil. Talvez o tempo que eu tenho com elas interfira. A minha esposa fica mais tempo com elas e estabelece os limites com mais facilidade. Como o meu tempo com elas é pouco, parece que eu prefiro não exercitar muito essa imposição de limites no tempo que eu tenho com elas. (PAI 5).

Por último, no tocante à quinta dimensão, as atividades de responsabilidade direta, como dar banho e levar à escola envolvem a atuação dos pais, indicando engajamento. No entanto, há uma variação na participação em reuniões escolares e no acompanhamento de consultas médicas. Acredita-se que algumas responsabilidades específicas podem depender de fatores individuais, culturais ou contextuais.

Sim, dou banho e levo a escola. Acompanhar em consultas é muito raro. Geralmente na hora que eles marcam, eu não consigo ir não. (PAI 6).

Acho que depois que ele nasceu, eu não fui no pediatra não, é mais a mãe mesmo, a mãe é que consegue acompanhar mais ao médico. Banho, todo dia sou eu mesmo, escola, o que está dentro do meu possível, eu sempre vou todo dia buscar ele, vem eu e a minha esposa, todos os dias. (PAI 7)

Sempre é a esposa em reuniões escolares. (PAI 12)

Quem participa das reuniões da escola é minha esposa mesmo. (PAI 12)

Em um panorama geral, é possível afirmar que os pais envolvem-se em várias dimensões do cuidado e da educação dos filhos. Nesse sentido, ficou evidente o engajamento nas dimensões: envolvimento positivo; afeto e receptividade; e controle. Todavia, há variações em algumas áreas de cuidado indireto e em atividades específicas de responsabilidade, como participar de reuniões escolares e acompanhar consultas médicas. Tais oscilações sinalizam áreas nas quais intervenções ou apoio adicional poderiam ser benéficos para promover um envolvimento equilibrado e abrangente entre os pais.

4.6.1 O brincar na perspectiva dos pais-jovens

Esta atividade dentro da dimensão *Envolvimento positivo* destacou-se em função do engajamento que os homens demonstraram em suas falas durante as entrevistas. De acordo com os resultados da pesquisa *Helping dads care* no Brasil, bem como com dados da pesquisa *Images*, constatou-se que a maioria dos pais brasileiros, cerca de 83%, tem o hábito de brincar com os filhos (Instituto Promundo, 2019).

As brincadeiras dos pais-jovens com a prole revelam um universo dinâmico, em que a diversidade e a fluidez de gêneros se entrelaçam com a paternidade participativa. No Quadro 18, é possível observar uma gama de atividades que transcendem as tradicionais divisões de “masculino” e “feminino”, evidenciando uma mudança nos padrões familiares contemporâneos.

Quadro 18 – Eixo temático 5: tipos de brincadeiras citadas pelos pais-jovens

	Atividades	SIM
Brincadeiras ao ar livre	Futebol	1, 4,
	Bola	2, 6, 11, 12
	Bicicleta	1, 2, 3, 4, 13, 15
	Pique (pega, esconde etc.)	1, 3, 8, 12, 13, 14
	Correr	1
Jogos educativos	Cartas	5
	Lego	2, 6
	Quebra-cabeça	2, 6, 15
	Contar	12
	Jogo da memória	11
Jogos de tabuleiro	Xadrez	4, 5
	Dama	4, 5
	Dominó	4, 5, 15
Imaginação	Faz de conta	11, 15
	Comidinha	5, 9
	Boneca	10
	Carrinho	10,12,13
Atividades corporais	Dançar	7
	Cantar	7, 8, 11
	Rolar	4
	Nadar	1, 4, 5, 6
	Luta	14
Atividades manuais	Massinha de modelar	5
	Desenhar	4, 5
Telas	TV	2, 10
	Celular	10
Outros	Adedanha	10
	Castelinho de areia	10
	Cosquinha	4
	Gangorra	4
	Leitura	15

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Com base na leitura do quadro, as brincadeiras ao ar livre são as mais populares entre os pais-jovens, com destaque para andar de bicicleta e as diversas modalidades de pique. Futebol e brincar com bola também são atividades comuns, enquanto correr é citado por apenas um pai. Isso sugere que atividades que envolvem movimento e interação social ao ar livre são valorizadas.

Outras atividades variadas incluem adedonha, construir castelos de areia, fazer cosquinhas, brincar na gangorra e leitura. Leitura, mencionada por um pai, salienta atividades que promovem a alfabetização e o vínculo entre pais e filhos.

Ressalta-se que os pais entrevistados não fizeram diferença entre brincadeiras de “menino” e “menina”. Acredita-se que esse fato esteja ligado às mudanças no papel paterno na contemporaneidade discutidas neste trabalho. É o que se observa na fala do Pai 4:

O menino focou no futebol, só quer futebol. A menina também tenta jogar futebol, mas ela não consegue também, porque a bola é um pouquinho maior para os pés dela, mas... ela quer participar também. O mais velho adora jogos de tabuleiro... A mais nova tenta também, é tipo xadrez e dama. E eles adoram andar de bicicleta e fazer teatro, eles fazem teatro, nós temos que assistir, temos que ser os telespectadores. (PAI 4)

Conforme constatado, o Pai 4 possui filhos de sexos diferentes e deixa claro que não há distinção de gênero nas brincadeiras entre eles. Ele destaca, ainda, a dificuldade da filha mais nova em acompanhar o irmão mais velho, mas atribui essa diferença à idade.

O Pai 5, que vivencia a paternidade de duas meninas, cita em sua fala brincadeiras como jogo de futebol e jogos de tabuleiro:

A mais velha gosta de esportes, mas eu não tenho tempo para brincar como eu gostaria com ela, eu gosto de futebol e tabuleiro, mas uma atividade que nós fizemos no último final de semana, que a gente faz de vez em quando, é desenhar juntos. Às vezes a pequena também gosta de desenhar. Elas gostam de jogos de tabuleiro também, e jogos de carta, tipo o Uno, por exemplo. (PAI 5)

Nesse sentido, Kisbu *et al.* (2023) defendem que, se por meio de brincadeiras arcaicas, estimula-se nas meninas o cuidado com a casa e com os filhos e, com os meninos, a competitividade e o enfrentamento, o brincar, na perspectiva dos pais participativos, pode representar uma oportunidade de quebra de paradigmas.

No entanto, algumas falas indicaram brincadeiras tradicionais de gênero, a exemplo da narrativa do Pai 9: “Brincamos *de fazer comidinha*. Elas têm uma cozinha de madeira *de fazer comidinha*.” Posto que os relatos dos pais entrevistados mostraram tanto brincadeiras dissociadas de gênero quanto divisões tradicionais entre o que é de menino e o que é de menina, acredita-se que essa questão está em transformação nos dias atuais.

Diante disso, é possível observar que o brincar paterno com os filhos pode ter o mesmo significado que a divisão de tarefas domésticas tem na paternidade participativa. As meninas, ao brincarem de boneca, estão se preparando para serem mães, entretanto os meninos, talvez futuros pais, têm essa atitude associada a uma brincadeira feminina (Costa *et al.*, 2021). Essa fluidez nas brincadeiras, portanto, indica uma mudança nos padrões familiares contemporâneos. Tudo isso sugere que os pais estão cada vez mais conscientes dos prejuízos

dos estereótipos de gênero e se esforçam para criar um ambiente familiar em que seus filhos possam se desenvolver livremente, sem as amarras de expectativas sociais tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar, por meio da experiência paterna, a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na construção de diferentes modelos de paternidade. Procurou-se, também, investigar como pais-jovens de diferentes níveis socioeconômicos participam da educação e dos cuidados com os filhos, analisando, na perspectiva dos pais, como características individuais e culturais influenciam uma paternidade participativa e identificando os fatores que se destacam na construção desses modelos.

Os resultados deste trabalho foram obtidos por meio da análise de conteúdo, complementada pelo uso do software IRaMuTeQ, o que possibilitou uma exploração aprofundada e uma compreensão robusta dos dados. Ouvir os pais foi fundamental para entender as relações estabelecidas entre eles, seus filhos e suas famílias no dia a dia. Dar voz aos homens, na qualidade de pais-jovens, revelou-se surpreendente, pois eles se sentiram valorizados e reconhecidos nesse papel relevante na sociedade.

As entrevistas mostraram uma convergência nas falas dos pais, reconhecendo que estão em um momento de transformação. Eles demonstraram consciência de que uma mudança está ocorrendo na sociedade, embora saibam que não será consolidada de imediato, visto que está relacionada ao contexto e à cultura em que estão inseridos.

Os participantes foram homens, jovens, que tiveram seu primeiro filho entre 18 e 29 anos, conforme a definição do CONJUBE. Os pais pertenciam a diferentes níveis socioeconômicos, com rendas variadas e níveis de escolaridade que perpassavam do Ensino Fundamental incompleto ao mestrado.

Os pais com maior nível de escolaridade e renda mostraram melhor engajamento com a pesquisa, o que sinaliza maior interesse e consciência do período de transformação da paternidade. Todavia, todos os pais, independentemente de renda e escolaridade, relataram uma participação ativa na educação e na criação de seus filhos, demonstrando envolvimento paterno. No mesmo sentido, Brandão *et al.* (2021) defendem que o maior rendimento/escolaridade dos homens relaciona-se com uma maior participação paterna no cuidado direto com seus filhos.

Além disso, os pais relataram estarem mais dispostos a expressarem suas emoções e seus sentimentos. Foi perceptível durante as entrevistas a necessidade de falar sobre como se sentiam em relação à própria paternidade e o quão desafiador e satisfatório é viver essa experiência com os filhos. Eles narraram como participam do desenvolvimento de seus filhos, descrevendo as tarefas diárias realizadas em seus lares.

No aspecto cultural, a maioria dos pais demonstrou entender os conceitos de patriarcado, machismo e divisão do trabalho doméstico por gênero, transitando com segurança entre esses conceitos e atribuindo à cultura muitos de seus comportamentos. Ademais, os pais identificaram diferentes modelos de paternidade, comparando sua relação com seus próprios pais e reconhecendo mudanças ao longo do tempo.

Os pais entrevistados relataram maior participação nos cuidados com seus filhos, como dar banho, alimentá-los, trocar fraldas e brincar, sobretudo em atividades ao ar livre. Uma mudança significativa ocorreu nas brincadeiras, sem separação de gênero para meninos e meninas. Outro ponto de relevo é o fato de que algumas tarefas estão se tornando mais paternas do que maternas, como levar os filhos à escola, narrada como uma responsabilidade exclusiva para a maioria dos pais entrevistados. Ademais, muitos pais confirmaram ser responsáveis por colocar os filhos para dormir, contando histórias antes do momento de descanso noturno.

Outro ponto analisado foi a relação entre trabalho e tempo. Os pais queixaram-se da intensa jornada de trabalho e da escassez de tempo para se dedicarem aos filhos e à família. Contudo, eles encontraram maneiras de compensar a ausência em casa, separando ao menos uma refeição diária para estarem reunidos com a família, caracterizando um momento de qualidade. Do mesmo modo, declararam estar totalmente disponíveis para os filhos nos fins de semana, como forma de compensação pelo tempo reduzido durante a semana.

O tempo de qualidade é uma preocupação recorrente entre os pais-jovens. Nesse sentido, confirmaram ter mais tempo para os filhos e a família, em razão da flexibilidade de seus empregos, o que proporciona satisfação e tranquilidade. Eles disseram estar realizados com o tempo dedicado exclusivamente aos filhos e à família. Insta ressaltar que estes pais representam uma minoria neste estudo, de fato, uma exceção à regra. Talvez seja esse mais um ponto de identificação do momento de transformação nos modelos de paternidade. Acredita-se que políticas públicas e ações governamentais poderiam fomentar e dar suporte aos pais desejosos de maior participação.

Os pais expressaram o desejo de mostrar afeto e carinho aos filhos, reconhecendo a importância dessa ação no desenvolvimento deles. Em relação ao diálogo, muitos pais reservaram o momento de buscar os filhos na escola para conversar sobre o dia deles, aproveitando essa oportunidade para se aproximar.

Apesar da percepção de desigualdade na divisão do trabalho doméstico, alguns pais relataram diálogo e negociação flexível sobre as tarefas do lar, enquanto outros ainda as consideram responsabilidades femininas. Ademais, pais recasados que vivenciaram separação

ou divórcio no primeiro relacionamento expressaram sentimentos negativos e alta cobrança em relação à participação na vida dos filhos de diferentes relacionamentos. Um pai mencionou dificuldades de relacionamento com a ex-companheira e sua família, destacando o impacto negativo no envolvimento com a filha.

Embora este estudo tenha apresentado questões sobre a perspectiva dos pais-jovens e a construção de suas paternidades, considerando como múltiplos fatores integrados afetam a paternidade participativa, é preciso reconhecer algumas limitações. A inclusão de pais homossexuais ou monoparentais poderia trazer informações diferentes. Contudo, não foi possível encontrar esses perfis na instituição escolhida, apesar de ela apresentar diversidade de pais. Sugere-se que futuras pesquisas incluam essas vivências.

Ainda, sugere-se para futuras pesquisas, o estudo com pais- jovens de outras faixas etárias e de regiões periféricas, a fim de expandir e propiciar melhor compreensão dos aspectos que influenciam a paternidade participativa em uma visão ainda mais abrangente. Além disso, muitos pais trouxeram questões sobre crenças religiosas, que não foram foco desta pesquisa. Recomenda-se, pois, que investigações futuras considerem a influência das crenças religiosas na paternidade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005. p. 37-72.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Eds). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BERMAN, Sarah. Beyond remembering the forgotten parent: The conception of the father. **Psychoanalytic social work**, v. 28, n. 1, p. 43-63, 2021.
- BRANDÃO, Tânia; DINIZ, Eva; MONTEIRO, Lígia; VERÍSIMO, Manuela. Father involvement during early childhood: A systematic review of the literature. **Journal of Family Theory & Review**, v. 13, n. 1, p. 77-99, 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 maio 2023.
- BRASIL. **Lei n.º 12.852, de 05 de agosto de 2013**. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm. Acesso em: 30 maio 2024.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Recurso Extraordinário n.º 1348854**. Repercussão Geral Tema n.º 1182. Relator: Ministro Alexandre de Moraes. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2022. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=6265210>. Acesso em: 5 maio 2023.
- BRAUCHER, David. The power principle: The shame of the father or the emperor's new clothes. **Contemporary Psychoanalysis**, v. 56, n. 1, p. 120-148, 2020.
- BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos**. Tradução de André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BUSTAMANTE, Vânia. Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 3, p. 393-402, 2005.
- CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. **Relações de gênero**. Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-150.
- CAMARGO, Brígido V. Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513- 518, 2013.

CAMPEOL, Ângela Roos *et al.* As contribuições do pensamento sistêmico nos estudos sobre paternidade. **Revista Pensando Famílias**, v. 26, n. 1, p. 167-178, 2022.

CAMPEOL, Ângela Roos; BENATTI, Ana Paula; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. A paternidade monoparental na inter-relação com os contextos ecológicos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, p. e224041, 2021.

CHERER, Evandro de Quadros; FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar Augusto. Tornar-se pai: a paternidade como inscrição subjetiva da finitude. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 34, p. e34433, 2019.

CISNE, Mirla. **Feminismo e consciência de classe no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2015.

COLTRANE, Scott. **Family man: Fatherhood, housework, and gender equity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

COSTA, Ângelo Brandelli; NASCIMENTO, Caroline Gonçalves; STREY, Marlene Neves; WASKOW, Millena Holz. Todo mundo é igual? Construções de gênero sob o olhar da juventude. **Interações**, v. 22, p. 151-164, 2021.

DESLAURIERS, Jean-Martin; KISELICA, Mark S. An Ecological Approach to Understanding the Paternal Commitments of Young Fathers: From the Pregnancy Test to the Child's First Birthday. **Child and Adolescent Social Work Journal**, v. 1, p. 1-20, 2022.

DOS SANTOS, Priscila Alves *et al.* A paternidade na contemporaneidade: uma revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 3, p. e54111326824-e54111326824, 2022.

ELIAS, Miriam Freitas; GAUER, Gabriel José Chittó. Violência de gênero e o impacto na família: Educando para uma mudança na cultura patriarcal. **Sistema Penal & Violência**, v. 6, n. 1, p. 117-128, 2014.

GABRIEL, Marília Reginato *et al.* Envolvimento paterno aos 24 meses de vida da criança. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 33, p. e33410, 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Lauren Beltrão; CREPALDI, Maria Aparecida; BIGRAS, Marc. O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. **Paidéia**, v. 23, n. 54, p. 21-29, 2013.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 119-125, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/>. Acesso em: 29 jul. 2023.

INSTITUTO PROMUNDO. **A Situação da Paternidade no Brasil 2019**: Tempo de Agir. Rio de Janeiro: Promundo, 2019.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, H. *et al.* (orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

KISBU, Yasemin *et al.* Protective and risk factors associated with involved fatherhood in a traditional culture. **Family Relations**, v. 72, n. 1, p. 294-324, 2023.

KOLLER, Silvia Helena; NARVAZ, Martha Giudice. O Modelo Bioecológico do desenvolvimento humano. *In*: KOLLER, Sílvia Helena (org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 55-69.

LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL E LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (LDI/ LDH). Universidade Federal de Viçosa, 2023. Disponível em: <https://ldldh.ufv.br/apresentacao/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

LAMB, Michael E. *et al.* Paternal behavior in humans. **American zoologist**, v. 25, p. 883-894, 1985.

LYRA, Jorge. Entrevista. [Entrevista concedida a] Ana Paula Zaguetto. **Com Ciência - Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, 2015. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.phpsection=8&tipo=entrevista&edicao=113>. Acesso em: 1 jun. 2023.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; MATOS, Mariana Gouvêa. Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psicologia Revista**, v. 28, n. 1, p. 151-173, 2019.

MOSMANN, Clarisse *et al.* Filhos com sintomas psicológicos clínicos: papel discriminante da conjugalidade, coparentalidade e parentalidade. **Trends in Psychology**, v. 26, p. 429-442, 2018.

PETZOLD, M. The psychological definition of the family. *In*: CUSINATO, M. (org.). **Research on family resources and needs across the world**. Milão-Itália: LEDEdizioni Universitarie, 1996. p. 25-44.

PLECK, Joseph H. Paternal involvement: Revised conceptualization and theoretical linkages with child outcomes. *In*: LAMB, Michael E. (Ed.). **The role of the father in child development**. Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, 2010. p. 58-93.

RANDLES, Jennifer. The means to and meaning of “being there” in responsible fatherhood programming with low-income fathers. **Family Relations**, v. 69, n. 1, p. 7-20, 2020.

RATINAUD, Pierre; MARCHAND, Pascal. Application de la méthode ALCESTE à de “gros” corpus et stabilité des “mondes lexicaux”: analyse du “CableGate” avec IraMuTeQ. *In*: eme

Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles, 11., 2012. **Actes [...]** [S.l.]: JADT 2012. p. 835-844.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do aplicativo Iramuteq**. Planaltina: GNU/GPL, 2017. (versão 2).

SANTOS, Sarah Maria Bitencourt; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Envolvimento paterno na contemporaneidade: algumas reflexões. *In*: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos (org.). **Relações Familiares**. Curitiba: CRV, 2016. p. 189-201.

SOCHA, Thomas J.; WALDRON, Vincent R. Setting the Agenda: Finding Fathers in Family Communication Scholarship. **Journal of Family Communication**, v. 22, n. 1, p. 79-85, 2022.

SOUZA, Vanessa Ribeiro Corrêa Sampaio. **O princípio da paternidade responsável**: de suas diretrizes conceituais à influência sobre os efeitos decorrentes da filiação. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em Direito Civil Constitucional; Direito da Cidade; Direito Internacional e Integração Econômica; Direito) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A Classe Operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

THRUL, Sebastian. The Young Men and the Sea: Reflections on Male Infantile Development, Fatherhood and Psychoanalytic Training. **British Journal of Psychotherapy**, v. 39, p. 1-10, 2023.

TUDGE, Jonathan *et al.* Still misused after all these years? A reevaluation of the uses of Bronfenbrenner's bioecological theory of human development. **Journal of Family Theory & Review**, v. 8, n. 4, p. 427-445, 2016.

VALLES, M. S. **Entrevistas qualitativas**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2002. Cuadernos metodológicos.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTAS NARRATIVAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA DOMÉSTICA DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

DADOS GERAIS DE IDENTIFICAÇÃO

Número: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Composição familiar: _____

Entrevistas

Será aberta, com foco na experiência dos pais-jovens, solicitando que os homens/pais relatem suas experiências cotidianas com seus filhos, de preferência em um contexto de conversação. Gravar e transcrever.

Direções

- a) Em se tratando de homens/pais com mais de um filho, definir como referência o nascimento do primeiro filho.
- b) As entrevistas serão abertas, com foco nas narrativas dos homens/pais acerca de suas experiências diárias com seus filhos no contexto familiar. Essas narrativas já são carregadas de avaliações, expectativas, crenças, entre outros elementos. Cabe ao entrevistador demonstrar interesse nesses relatos e incentivar a narrativa. Perguntas como “Como foi que aconteceu?”, “Do que você se recorda?”, “Como reagiu?”, “Como se sentiu?”, “O que pensou na ocasião?”, “Conte mais sobre isso”, as quais são possíveis de prever, serão de extrema importância. O roteiro a seguir tem o objetivo de auxiliar na condução da entrevista.
- c) Ao agendar o contato, informar sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Contato inicial

A pesquisadora estabelecerá um primeiro contato, cumprimentando o entrevistado, apresentando-se e demonstrando gratidão pela disponibilidade para participar da entrevista. Na sequência, fornecerá uma breve contextualização sobre o propósito do estudo, bem como sobre sua relevância. Na sequência, informará o tempo estimado de duração da entrevista, confirmando se o participante está pronto para iniciar a conversação.

Perguntas introdutórias (conversação)

1. Como você descreveria sua experiência como pai até agora? Fale-me um pouco da sua rotina enquanto pai.
2. Quais são as suas principais responsabilidades como pai?

Roteiro com variáveis e possíveis questões

Abaixo estão listadas as variáveis que serão investigadas nas narrativas dos homens/pais, junto com as possíveis perguntas que servirão como roteiro para auxiliar a condução da entrevista, conforme os tópicos forem surgindo.

Variáveis individuais – Possíveis questões

- Como você percebe seu papel como provedor financeiro para sua família?
- Quantas horas você trabalha diariamente? Você considera que as horas trabalhadas influenciam o envolvimento com seu filho?
- Você se sente motivado a ser um pai mais envolvido na criação dos seus filhos? Você se considera proativo? Tem iniciativa?
- Você acredita que existem obstáculos, dificuldades ou desafios específicos para os homens que desejam ser pais mais presentes? Quais?

Variáveis culturais – Possíveis questões

- Em sua opinião, qual é a visão da sociedade em relação ao papel do pai na criação dos filhos?

- Você acha que existe algum tipo de pressão cultural ou social que pode oprimir ou tornar mais difícil o envolvimento mais ativo dos homens na paternidade? Se sim, quais são elas?
- Você acredita que a sua relação com a mãe da criança interfere no seu envolvimento com seus filhos? Conte-me um pouco sobre essa relação e como ela se manifesta no contato com seus filhos.
- Que referências você tem de ser pai? Como era a sua relação com seu pai? O seu jeito de criar seus filhos é semelhante ao dele?

Divisão do trabalho doméstico – Possíveis questões

- Como você e sua parceira decidiram sobre a divisão das tarefas domésticas e os cuidados com os filhos? Vocês dividem de modo igual as tarefas de casa?
- Você acha que essa divisão é igual para você e sua companheira? Por quê?
- Quais são os desafios ou as dificuldades que você enfrentou ao tentar equilibrar as responsabilidades do trabalho, de trazer o sustento para casa e de ser participativo com seus filhos?

Impacto da paternidade participativa

- Você percebe uma diferença do que era ser pai e do que está acontecendo hoje? Você percebe que está havendo uma maior participação?
- Você acha que um pai mais presente e participativo nos cuidados com os filhos e na divisão das tarefas familiares pode proporcionar melhores benefícios aos filhos e à família como um todo? Qual é a sua visão e o seu sentimento em relação a isso?

Dimensões do envolvimento paterno

- Você costuma brincar com seus filhos? Quais brincadeiras são mais comuns entre vocês?
- Você costuma dialogar com seus filhos? Sobre quais assuntos?
- Você costuma expressar sentimentos e emoções perto do seu filho? Permite que ele se expresse também? Como acontece quando a criança expressa sentimentos como tristeza ou raiva?
- Você costuma realizar atividades como comprar roupas, alimentos e material escolar e marcar consultas médicas para seu filho?

- Você se considera ativo na imposição de limites e na condução do comportamento do seu filho, no sentido de orientá-lo na formação do caráter e do desenvolvimento moral?
- Há consciência parental de sua parte acerca das responsabilidades de criar e educar uma criança? Por exemplo, você se sente responsável e proativo por atividades como dar banho, levar à escola, participar de reuniões escolares, acompanhar ao médico etc.?

Conselhos e reflexões finais

- Que conselhos você daria para outros homens/pais que estão buscando um envolvimento maior com seus filhos?
- Existe algo que você gostaria de acrescentar ou compartilhar sobre sua experiência diária como pai?

**ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA OS
PAIS-JOVENS DO LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL E
LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE VIÇOSA**

Você está sendo convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada *Reconfigurando a paternidade na era contemporânea: uma análise da construção da paternidade participativa em pais-jovens*, desenvolvida pela pesquisadora Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira, orientada pela professora doutora Lílian Reis Caixêta Perdigão, ambas da Universidade Federal de Viçosa. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se descritas abaixo e, caso haja dúvidas, favor esclarecê-las antes da concordância com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os objetivos do estudo são estritamente acadêmicos, pretendendo-se compreender os fatores influenciadores da paternidade participativa com base na experiência e na percepção dos pais-jovens que possuem filhos matriculados na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Viçosa. Dessa forma, pretende-se mapear os pais-jovens por meio de variáveis socioeconômicas como renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade. Além disso, intenta-se verificar também a influência de fatores individuais e culturais.

A fim de alcançar o objetivo da pesquisa, será realizada uma entrevista narrativa, de forma voluntária, com os participantes que assim desejarem. O tempo estimado para a realização da entrevista é de aproximadamente 60 minutos, a ser executada de forma presencial, em local acordado entre a pesquisadora e o entrevistado.

Para preservar sua identidade, seu nome e seu contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos números no lugar dos nomes, de acordo com a ordem em que as entrevistas acontecerem. Os riscos de sua participação na pesquisa estão relacionados a cansaço, desconforto e inibição em prestar as informações solicitadas. Nesse sentido, a pesquisadora estará atenta a qualquer constrangimento, e você poderá recusar-se a responder a qualquer pergunta e, até mesmo, desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo a legislação brasileira, em especial a Resolução n.º 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Ao participar da pesquisa, você contribuirá para o estudo que se justifica pela possibilidade de compreendermos os diferentes modelos de paternidade por meio da visão e da experiência dos pais-jovens.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme Resolução n.º 196/96, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos

procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Os benefícios para você serão diretos e indiretos. Supõe-se que a condução do estudo trará benefícios para os homens/pais no sentido de possibilitar a compreensão da construção de diferentes modelos de paternidade na experiência dos pais-jovens, criando uma oportunidade de expressão de seus sentimentos, suas percepções e suas demandas referentes às vivências diárias com seus filhos.

A participação na pesquisa é voluntária, não havendo qualquer incentivo financeiro ou qualquer custo para participação. Sendo assim, o participante tem plena liberdade de se recusar a participar ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer tipo de penalidade. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Os dados coletados serão arquivados junto à pesquisadora por um período de cinco anos. Após o término da pesquisa e, depois desse tempo, serão destruídos. O participante não será identificado em qualquer publicação.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será enviado previamente à entrevista para o participante, através do seu e-mail, para que possa ser lido. O convite a ser enviado por e-mail será individual e terá apenas um remetente e um destinatário. A entrevista acontecerá somente após o consentimento do participante. No entanto, é assegurado ao participante da pesquisa o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados), antes de responder às perguntas, para uma tomada de decisão informada. Caso concorde em participar, será considerada a anuência quando o participante responder à entrevista da pesquisa.

Destaca-se também a importância de o participante guardar em seus arquivos uma cópia deste TCLE. E, caso haja consentimento, o participante deverá responder ao pesquisador com a seguinte declaração:

Eu, _____, contato _____, fui informado dos objetivos, riscos e benefícios da pesquisa *Reconfigurando a paternidade na era contemporânea: uma análise da construção da paternidade participativa em pais-jovens* de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar da pesquisa e estou ciente de que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações aos pesquisadores e desistir do estudo se assim o desejar. Recebi uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e sanar minhas dúvidas. Do mesmo modo, concordo que os dados possam ser usados em pesquisas futuras, mantendo-me sempre no anonimato. Os dados e os instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos ou após o término da pesquisa. Depois desse tempo, eles serão destruídos. Em caso de dúvidas, esclarecimentos ou qualquer questão referente ao estudo, o participante poderá entrar em contato com as pesquisadoras envolvidas, que são:

Nome da pesquisadora responsável: Lílían Reis Caixêta Perdigão.

Endereço: Departamento de Educação. Campus UFV/MG.

Telefone: (31) 3612-7516.

E-mail: lilian.perdigao@ufv.br.

Nome da pesquisadora executora: Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira.

Endereço: Departamento de Serviço Social. Campus UFV/MG.

Telefone: (31) 99926-4963.

E-mail: gleisiene.silva@ufv.br.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, o participante poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 – Viçosa/MG

Telefone: (31) 3612-2316

E-mail: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

_____, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

Lílían Perdigão Caixêta Reis
(Professora orientadora)

Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira
(Pesquisadora)

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DOS LABORATÓRIOS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL E HUMANO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA



Pesquisa no LDI e LDH Formulário para Submissão de Proposta



Título da pesquisa: RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE PARTICIPATIVA EM PAIS-JOVENS SOB A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER	
Centro de Ciências e Departamento: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes Departamento de Serviço Social	
Curso: Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica	
Professor (a) orientador (a): Dra. Lilian Perdigão Caixeta Reis	
Pesquisador (a): Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira	
E-mail: gleisiene.silva@ufv.br	Telefone: (31) 99926-4966

Descreva brevemente:

Objetivo da pesquisa: O objetivo desta pesquisa é analisar a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na relação pai-filho, a fim de compreender a construção de diferentes modelos de paternidade na experiência dos pais-jovens.

Público-alvo: Homens/pais e suas respectivas famílias

Metodologia: Nossa intenção é conduzir a pesquisa na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Viçosa, que inclui os Laboratórios de Desenvolvimento Infantil (LDI) e Humano (LDH). Essa Unidade Educacional presta serviços à comunidade de Viçosa como um todo, o que é relevante para este estudo, pois nos permitirá obter um grupo de participantes bastante diversificado, que será composto por homens/pais, jovens, provenientes de diversos perfis socioeconômicos, com idades entre 18 e 29 anos no momento do nascimento de seu primeiro filho.

Para alcançar esse objetivo, inicialmente solicitaremos à Unidade Educacional uma lista com os nomes de todos os pais-jovens que frequentam os laboratórios, levando em consideração o critério etário descrito anteriormente. Também solicitaremos o modelo dos formulários de cadastro que os pais preencheram ao matricularem seus filhos. Este levantamento de dados inicial é importante para verificar o quantitativo de pais integrantes do grupo jovem, bem como as variáveis que se encontram presentes na ficha cadastral da Instituição.

Após este levantamento inicial, será iniciada a coleta de dados, efetuando-se uma caracterização dos pais-jovens, por meio da análise das fichas cadastrais preenchidas pelas famílias no ato da matrícula dos filhos, no tempo presente, ou seja, no ano de 2023. O intuito é delimitar a paternidade jovem a partir dos fatores renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade. A obtenção dos dados provenientes da ficha cadastral ocorrerá de forma presencial, dentro dos Laboratórios. Objetiva-se com essas informações mapear nos pais-jovens, a influência de fatores socioeconômicos na construção de uma paternidade participativa. Os dados coletados serão organizados e analisados através da criação de tabelas e gráficos.

Após concluir o mapeamento dos pais-jovens por meio da análise minuciosa das fichas cadastrais, prosseguiremos com a realização de entrevistas em profundidade. Para esse fim, adotaremos a abordagem de entrevista narrativa, uma metodologia que visa obter relatos detalhados e experienciais sobre a vida e as experiências dos participantes. Essa técnica se baseia na compreensão de que as narrativas individuais representam uma forma importante de expressão e podem oferecer insights valiosos sobre a vida do entrevistado, suas perspectivas, emoções, valores e crenças. Ao contrário das entrevistas estruturadas ou padronizadas, nas quais as perguntas são pré-

determinadas, a entrevista narrativa segue uma abordagem mais aberta e flexível. O objetivo é iniciar uma conversa por meio de uma pergunta aberta e, a partir desse ponto de partida, encorajar os homens/pais, jovens, a compartilharem suas histórias de maneira completa e detalhada. Dessa forma, buscaremos capturar as nuances e complexidades de suas narrativas, uma vez que este tipo de entrevista valoriza a subjetividade e a perspectiva individual, reconhecendo que cada pessoa possui uma história única. Além disso, essa abordagem permitirá que os homens/pais expressem suas próprias vozes e promovam uma compreensão mais profunda de suas experiências individuais e coletivas.

Os homens/pais serão convidados a participarem das entrevistas por meio de comunicação eletrônica, especificamente por e-mail, contendo em anexo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas serão conduzidas de forma individual e aleatória, à partir do interesse em contribuir com o estudo, em local definido pelo entrevistado e a pesquisadora. Por fim, reitera-se que essa abordagem é fundamentada na compreensão de que a experiência dos pais-jovens é vivenciada e elaborada de maneiras diversas, influenciada por uma variedade de fatores socioeconômicos, pessoais e culturais. Dessa forma, será possível analisar os "processos proximais" do desenvolvimento dos pais-jovens, considerando suas características pessoais e culturais, em relação à paternidade participativa.

Resultados esperados: Esta pesquisa visa oferecer contribuições para a compreensão de como aprimorar as relações entre pais e filhos, fomentando uma visão mais afetuosa e participativa da paternidade, bem como auxiliar no rompimento da desigualdade de gênero historicamente presente no processo de educação e desenvolvimento familiar. Além disso, busca-se que os resultados obtidos auxiliem na formulação de estratégias de políticas públicas que promovam a equidade nos papéis desempenhados por pais e mães, auxiliando na construção de relações horizontais, em vez de hierárquicas, incluindo cada vez mais a participação ativa dos pais, não apenas como provedores financeiros.

Tempo de execução: A pesquisa tem previsão de início no segundo semestre de 2023, com o intuito de ser finalizada no primeiro semestre do ano seguinte.

Forma de devolução dos resultados para a instituição:

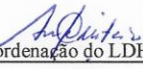
- Agendamento de uma reunião ou uma apresentação para compartilhar os resultados da pesquisa com as famílias e com os membros da própria Unidade de Educação Infantil participante. Isso pode incluir uma apresentação em PowerPoint, seguida de uma sessão de perguntas e respostas.
- Realização de uma reunião individual com os representantes da Unidade de Educação Infantil para compartilhar os resultados da pesquisa e discuti-los em detalhes, permitindo uma interação mais personalizada.
- Também estou aberta a sugestões para garantir que a entrega dos resultados seja clara, acessível e alinhada com as expectativas da Unidade de Educação Infantil.

Viçosa, 10 de julho de 2023.

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

Para preenchimento da instituição.

SITUAÇÃO DA PEQUISA A SER DESENVOLVIDA NOS LABORATÓRIOS		
Data: 14/07/2023	☒ Deferido	☐ Indeferido
 Coordenação do LDI		
 Coordenação do LDH		
 Coordenadora Geral do LDI e LDH Prof. Dra Naise Valéria Guimarães Neves		

Profª Drª Naise Valéria Guimarães Neves
 Drª em Educação
 Universidade Federal de Viçosa - UFV
 Matrícula: 8597-9
 Professora do Curso
 Licenciatura em Educação Infantil



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INFANTIL
LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (LDI)
LABORATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (LDH)



Campus Universitário – Viçosa/MG – CEP:36570-900 – Telefone: (31) 36127660/7661 – e-mail: ldi@ufv.br/ldh@ufv.br

AUTORIZAÇÃO

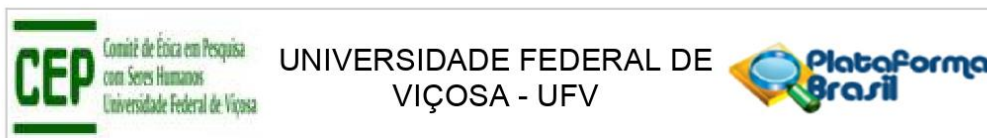
Eu, **Naíse Valéria Guimarães Neves**, na qualidade de coordenadora geral, responsável pelo **Laboratório de Desenvolvimento Infantil e o Laboratório de Desenvolvimento Humano**, autorizo a realização da pesquisa intitulada **“RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE PARTICIPATIVA EM PAIS-JOVENS SOB A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER”** a ser conduzida sob a responsabilidade da pesquisadora **Gleisiene Aparecida da Silva Rigueira**, orientanda da Professora Doutora **Lilian Perdigão Caixêta Reis**, e declaro, que esta Instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa para a referida pesquisa.

Viçosa, 17 de Julho de 2023.

Coordenadora Geral do LDI e LDH
Naíse Valéria Guimarães Neves

Profª Drª Naíse Valéria Guimarães Neves
Drª em Educação
Universidade Federal de Viçosa - UFV
Matrícula: 8597-9
Professora do Curso
Licenciatura em Educação Infantil

ANEXO C – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP (AUTORIZAÇÃO ÉTICA)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RECONFIGURANDO A PATERNIDADE NA ERA CONTEMPORÂNEA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE PARTICIPATIVA EM PAIS-JOVENS SOB A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER

Pesquisador: Lílian Perdigão Caixêta Reis

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 73345223.5.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Doméstica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.312.903

Apresentação do Projeto:

O presente protocolo foi enquadrado como pertencente às Grandes Áreas Ciências Sociais Aplicadas. As informações elencadas nos campos “Apresentação do Projeto”, “Objetivo da Pesquisa” e “Avaliação dos Riscos e Benefícios” foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2198442) e/ou do Projeto Detalhado: A paternidade participativa surge na sociedade contemporânea como uma possibilidade de promover maior equidade nos papéis de pai e mãe, e os pais-jovens emergem como atores potenciais desse processo. A construção desse novo modelo de paternidade parece estar fundamentada nos cuidados com os filhos e na divisão do trabalho doméstico, resultando em novas formas de convivência familiar. Esta pesquisa será conduzida no Laboratório de Desenvolvimento Infantil (LDI) e no Laboratório de Desenvolvimento Humano (LDH) da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. O objetivo é analisar, por meio da experiência paterna, a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na construção de diferentes modelos de paternidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de estudos de casos múltiplos. Como aporte teórico, utilizar-se-ão a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner e os conceitos de envolvimento paterno, dos autores Lamb e Pleck, os quais dimensionam os níveis de participação na diáde pai-filho, e de divisão do trabalho doméstico, conforme Coltrane. Os dados serão coletados por meio de uma análise minuciosa das fichas cadastrais preenchidas pelos pais-jovens ao matricularem seus filhos

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 6.312.903

na unidade educacional infantil da Universidade de Viçosa, bem como pela realização de entrevistas narrativas com eles. O exame dos dados ocorrerá por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, com o auxílio do software IRaMuTeQ. O estudo tem como hipótese que o envolvimento em atividades com os filhos, a coabitação familiar e a divisão do trabalho doméstico são fatores que possibilitam maior participação paterna, ao passo que práticas patriarcais representam fatores negativos no tocante à construção da paternidade participativa. Em relação aos métodos, o estudo será realizado na Unidade de Educação Infantil da Universidade Federal de Viçosa, que inclui os Laboratórios de Desenvolvimento Infantil (LDI) e Humano (LDH). Essa Unidade Educacional presta serviços à comunidade de Viçosa como um todo, o que é relevante para este estudo, pois nos permitirá obter um grupo de participantes bastante diversificado, que será composto por no mínimo 20 homens/pais, jovens, provenientes de diversos perfis socioeconômicos, que possuam entre 18 e 29 anos de idade quando tiveram seu primeiro filho. Para alcançar esse objetivo, inicialmente solicitamos à Unidade Educacional uma lista com os nomes de todos os pais-jovens que frequentam os laboratórios, levando em consideração o critério etário descrito anteriormente. Também solicitamos o modelo dos formulários de cadastro que os pais preencheram ao matricularem seus filhos. Este levantamento de dados inicial é importante para verificar o quantitativo de pais integrantes do grupo jovem, bem como as variáveis que se encontram presentes na ficha cadastral da Instituição. Após este levantamento inicial, será iniciada a coleta de dados, efetuando-se uma caracterização dos pais-jovens, por meio da análise das fichas cadastrais preenchidas pelas famílias no ato da matrícula dos filhos, no tempo presente, ou seja, no ano de 2023. O intuito é delimitar a paternidade jovem a partir dos fatores renda, escolaridade, profissão, coabitação/composição familiar e idade. A obtenção dos dados provenientes da ficha cadastral ocorrerá de forma presencial, dentro dos Laboratórios. Objetiva-se com essas informações mapear nos pais-jovens, a influência de fatores socioeconômicos na construção de uma paternidade participativa. Os dados coletados serão organizados e analisados através da criação de tabelas e gráficos. Após concluir o mapeamento dos pais-jovens por meio da análise minuciosa das fichas cadastrais, prosseguiremos com a realização de entrevistas em profundidade. Para esse fim, adotaremos a abordagem de entrevista narrativa, uma metodologia que visa obter relatos detalhados e experienciais sobre a vida e as experiências dos participantes. Essa técnica se baseia na compreensão de que as narrativas individuais representam uma forma importante de expressão e podem oferecer insights valiosos sobre a vida do entrevistado, suas perspectivas, emoções, valores e crenças. Ao contrário das entrevistas estruturadas ou padronizadas, nas quais as perguntas são pré-determinadas, a

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 6.312.903

entrevista narrativa segue uma abordagem mais aberta e flexível. O objetivo é iniciar uma conversa por meio de uma pergunta aberta e, a partir desse ponto de partida, encorajar os homens/pais, jovens, a compartilhar suas histórias de maneira completa e detalhada. Dessa forma, buscaremos capturar as nuances e complexidades de suas narrativas, uma vez que este tipo de entrevista valoriza a subjetividade e a perspectiva individual, reconhecendo que cada pessoa possui uma história única. Além disso, essa abordagem permitirá que os homens/pais expressem suas próprias vozes e promovam uma compreensão mais profunda de suas experiências individuais e coletivas. Os homens/pais serão convidados a participarem das entrevistas por meio de comunicação eletrônica, especificamente por e-mail, contendo em anexo um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas serão conduzidas de forma individual e aleatória, à partir do interesse em contribuir com o estudo, em local definido pelo entrevistado e a pesquisadora. Por fim, reitera-se que essa abordagem é fundamentada na compreensão de que a experiência dos pais-jovens é vivenciada e elaborada de maneiras diversas, influenciada por uma variedade de fatores socioeconômicos, pessoais e culturais. Dessa forma, será possível analisar os "processos proximais" do desenvolvimento dos pais-jovens, considerando suas características pessoais e culturais, em relação à paternidade participativa. As informações coletadas nas fichas cadastrais, em especial a caracterização socioeconômica dos pais-jovens, serão analisadas e organizadas em tabelas e gráficos. Já os dados provenientes das entrevistas, utilizando-se a abordagem de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), em combinação com o software Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ). Esse software possibilita diversos processamentos estatísticos apoiados em dados textuais. Com o IRaMuTeQ, serão criadas categorias que, em seguida, serão comparadas com base nos grupos estabelecidos. Além disso, as informações também serão tratadas de forma manual, conforme as diretrizes da análise de conteúdo, a fim de obter um alinhamento mais eficiente entre os dois métodos de investigação. Serão incluídos no estudo homens/pais, jovens, provenientes de diversos perfis socioeconômicos, que possuíam entre 18 e 29 anos de idade quando tiveram seu primeiro filho. Serão excluídos do estudo homens/pais fora da faixa etária de inclusão, ou seja, de 18 a 29 anos quando tiveram seu primeiro filho.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: Analisar, por meio da experiência paterna, a influência de fatores socioeconômicos, individuais e culturais na construção de diferentes modelos de paternidade.

Objetivos específicos: Investigar de que forma pais-jovens de diferentes níveis socioeconômicos participam da educação e dos cuidados com os filhos;

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 6.312.903

Analisar, na perspectiva dos pais, como características individuais e culturais podem influenciar a construção de uma paternidade mais participativa;

Identificar os fatores que se sobressaem na construção de modelos de paternidade para pais-jovens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos do estudo: Os riscos de sua participação na pesquisa estão relacionados a cansaço, desconforto e inibição em prestar as informações solicitadas. Nesse sentido, como medida de minimização dos riscos, sua identidade será preservada, seu nome e seu contato não serão divulgados. Em vez disso, usaremos números no lugar dos nomes, de acordo com a ordem em que as entrevistas acontecerem. A entrevista será realizada de forma respeitosa e esta pesquisadora estará atenta a qualquer constrangimento, e o Sr.(a) poderá recusar-se a responder a qualquer pergunta e, até mesmo, desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem necessidade de comunicado prévio e sem qualquer prejuízo. Garantimos que todas as informações serão tratadas com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo a legislação brasileira, em especial a Resolução n.º 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. Em relação aos benefícios, supõe-se que a condução do estudo trará benefícios para os homens/pais no sentido de possibilitar a compreensão da construção de diferentes modelos de paternidade na experiência dos pais-jovens, criando uma oportunidade de expressão de seus sentimentos, suas percepções e suas demandas referentes às vivências diárias com seus filhos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Os pesquisadores propõem estudo unicêntrico, no país e exploratório por meio de entrevistas semiestruturadas presencial, do tipo qualitativo, conforme descrito em "Metodologia" no campo "Apresentação do Projeto" acima. O número de participantes está estimado em 20. O orçamento total é de R\$ 3.500,00, com a informação de que "não se aplica" (ou com valor. Se houver Patrocinador, incluir o nome). A coleta de dados por entrevistas será iniciada em 03/2021 e o término está programado para 05/2021

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. TCLE;
2. Roteiro de entrevista narrativa
3. Cronograma
4. Projeto de pesquisa detalhado

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 6.312.903

5. Folha de rosto assinada;
6. Autorização LDI e LDH

Recomendações:

– No item benefícios, ou retirar que o estudo possui benefícios indiretos (aqueles para a sociedade) ou acrescentar a descrição de tais benefícios haja vista que o benefício declarado pelos pesquisadores é o benefício direto, ou seja, aqueles destinados ao participante.

- O desfecho secundário apresentado por vocês, a saber: !Conclusões e recomendações de pesquisa para formulação de estratégias de políticas públicas que visem à equidade nos papéis de pais e mães, permitindo a construção de relações horizontais, bem como promovendo e incentivando o envolvimento dos homens/pais na participação na criação e nos cuidados com os filhos!. pode ser inserido como benefícios indiretos do estudo.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos para encerramento de todo o protocolo na Plataforma Brasil.

Projeto aprovado autorizando o início da coleta de dados com os seres humanos a partir da data de emissão deste parecer.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2198442.pdf	18/08/2023 20:38:11		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	18/08/2023 20:35:18	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito
Outros	Autorizacao_LDI_LDH.pdf	18/08/2023 14:09:56	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 6.312.903

Outros	Roteiro_entrevista_narrativa.pdf	18/08/2023 14:03:21	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	18/08/2023 13:59:32	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.pdf	18/08/2023 13:57:28	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/08/2023 13:48:16	GLEISIENE APARECIDA DA SILVA RIGUEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

VICOSA, 20 de Setembro de 2023

Assinado por:
Guilherme de Azambuja Pussieldi
(Coordenador(a))

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-977
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3612-2316 **E-mail:** cep@ufv.br